

• Sérgio Pessoa Ferro •

MEMÓRIAS DA DIVERSIDADE NA PARAÍBA

as dores e os guardins de

Nina Kelly





**MEMÓRIAS
DA DIVERSIDADE
NA PARAÍBA**

as dores e os guardins de
Nina Kelly



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Reitor
Vice-reitora

VALDINEY VELOSO GOUVEIA
LIANA FILGUEIRA ALBUQUERQUE



EDITORIA UFPB

Diretor
Coordenadora de editoração
Revisora gráfica
Revisor de pré-impressão
Chefe de produção

REINALDO FARIAS PAIVA DE LUCENA
SÂMELLA ARRUDA ARAÚJO
ALICE BRITO
WELLINGTON COSTA OLIVEIRA
JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS FILHO

Conselho editorial

Adailson Pereira de Souza (Ciências Agrárias)
Eliana Vasconcelos da Silva Esvael (Linguística, Letras e Artes)
Fabiana Sena da Silva (Interdisciplinar)
Gisele Rocha Côrtes (Ciências Sociais Aplicadas)
Ilda Antonieta Salata Toscano (Ciências Exatas e da Terra)
Luana Rodrigues de Almeida (Ciências da Saúde)
Maria de Lourdes Barreto Gomes (Engenharias)
Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)
Maria Regina Vasconcelos Barbosa (Ciências Biológicas)

Conselho científico

Maria Aurora Cuevas-Cerveró (Universidad Complutense Madrid/ES)
José Miguel de Abreu (UC/PT)
Joan Manuel Rodriguez Diaz (Universidade Técnica de Manabí/EC)
José Manuel Peixoto Caldas (USP/SP)
Letícia Palazzi Perez (Unesp/Marília/SP)
Anete Roese (PUC Minas/MG)
Rosângela Rodrigues Borges (UNIFAL/MG)
Silvana Aparecida Borsetti Gregorio Vidotti (Unesp/Marília/SP)
Leilah Santiago Bufrem (UFPR/PR)
Marta Maria Leone Lima (UNEB/BA)
Lia Machado Fiuza Fialho (UECE/CE)
Valdonilson Barbosa dos Santos (UFCC/PB)

Editora filiada à:



Sérgio Pessoa Ferro

**MEMÓRIAS DA DIVERSIDADE NA PARAÍBA:
AS DORES E OS GUARDINS DE NINA KELLY**

João Pessoa
Editora UFPB
2020

Direitos autorais 2020 – Editora UFPB

Efetuada o Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA UFPB

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.

A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do autor.

Projeto gráfico	Editora UFPB
Editoração eletrônica	Ana Gabriella Carvalho
Ilustração da capa	Hugo Duarte

Catálogo na publicação **Seção de Catalogação e Classificação**

F395m Ferro, Sérgio Pessoa.
 Memórias da diversidade na Paraíba: as dores e os guardins de Nina Kelly / Sérgio Pessoa Ferro. - João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

144 p. : il.

Recurso digital (4,1MB)

Formato: PDF

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN 978-65-5942-058-2

1. Biografia. 2. Transformistas - Paraíba. 3. Diversidade sexual. 4. Diversidade de gênero. 4. Nina Kelly. I. Título. .

UFPB/BC

CDU 9:391.2(813.3)

Livro aprovado para publicação através do Edital N° 01/2020/Editora Universitária/UFPB - Programa de Publicação de E-books.

EDITORA UFPB	Cidade Universitária, Campus I, Prédio da editora Universitária, s/n João Pessoa – PB
	CEP 58.051-970
	http://www.editora.ufpb.br
	E-mail: editora@ufpb.br
	Fone: (83) 3216.7147

A Fernanda Benvenuty e Luciano Bezerra *in memoriam*

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço aos orixás e encantados que me guiam. Em seguida, declaro minha gratidão por Nina Kelly, protagonista desta narrativa. Os momentos de escuta foram preciosos. Guardo muita gratidão pela Sra. Wilma Martins de Mendonça, que me acolheu e ensinou a teoria literária das memórias, a dignidade da atuação política e os cuidados com o sagrado que nos habita. A CAPES que financiou, por um ano, a pesquisa da qual este texto decorre. Carine Fiúza, quem registrou em audiovisual as memórias do carnaval tradição 2018 e do show de dublagem na festa Kika em 2017, bem como toda a produção da festa: Thiago, Bryan, Phill e Leo. Impossível não lembrar Paulet e Roberto, companheiras de construção do Cine Translesbixa, que inspirou este trabalho. À distância, agradeço minha família, Elcione, Simone, Paulo Sérgio e, agora, Théo, sua chegada avisa a passagem do tempo. Apesar da hostilidade do mundo, haverá futuro. Agradeço imensamente Antônio, Adelaide, Gustavo, Nazaré, Luziana, Suelídia, Glória, Luciano, Helio, Amanda, Rosa, Maria de Fátima e Maria Elizete pelas aulas de muito aprendizado. Aos componentes do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania, em especial ao GT de Gênero e sexualidade. Todas e todos colegas da turma do mestrado, pelos afetos e debates.

SUMÁRIO

Agradecimentos	6
Apresentação	9
Prefácio	11
Introdução	20
1 Do caminho teórico e metodológico	25
2 Com vocês, Nina Kelly: uma autobiografia	37
2.1 Infância no brejo	38
2.2 Migração para o litoral	43
2.3 Casa própria, corpo na rua	60
2.4 Muitos carnavais, inspiração para a arte transformista	74
2.5 Imaginar futuros	87
3. Ala da diversidade, nossas memórias	91
3.1 Designação compulsória do gênero, família e lições de um professor	92
3.2 Da televisão para a vida real: o batismo pelo capitão Eliezer	98
3.3 A batalha de uma mulher casada: afrontando as opressões de raça, classe e gênero	104
3.4 Personagens que embaralham o real e o fictício	113
3.5 Subverter o visível	116
3.6 Alegorias transformistas no carnaval paraibano	119
3.7 Futuros transviados: imaginar o impossível	124
Considerações finais	129
Referências	133
Notas de fim	142

Eu gosto de ser mulher,
Sonhar, arder de amor
Desde que sou uma menina.

Marina Lima e Antônio Cícero

APRESENTAÇÃO

Se não reproduzimos, como existem tantas? A dissidência sexual está presente na civilização ocidental desde a Antiguidade, passando por diferentes configurações sociopolíticas desde então. O Brasil, um país falsamente sem passado, tem em sua contradição violenta a imposição de uma memória oficial, ainda colonial, que soterra nossas lembranças e as condena ao esquecimento.

Nas lutas pela reescrita da história desde o fim do século XX, a verdade nunca foi absoluta; ao contrário, é uma busca sofrida, porém valente, pelo destino de corpos assassinados, conhecimento público das atrocidades da ditadura civil-militar e responsabilização dos agentes. Apesar da presença histórica na sociedade brasileira, onde estão as travestis, as pessoas trans, homossexuais e bissexuais, entre outras identidades, nos retratos da família patriarcal? Até onde o regime de invisibilidade instalado por equipamentos como o Tribunal do Santo Ofício, os hospitais psiquiátricos, as prisões e os homicídios conseguiram apagar a nossa existência da memória nacional?

Este livro conta a história de vida de Nina Kelly, nascida em 1959, em Serraria/PB, travesti, transformista, costureira e destaque de escola de samba. Do interior da Paraíba, migrou para a capital ainda adolescente, onde se estabeleceu. Ela se intitula primeira travesti paraibana, chegando à velhice na contramão das estatísticas que definem a expectativa de vida para pessoas trans em nosso país. Sua história inspira resistência e nos traz ensinamentos para atravessar o tempo presente distópico de ameaça aos direitos da diversidade sexual e de gênero.

Primeiro, trilharemos um caminho teórico e metodológico a criticar a epistemologia das respostas nas entrevistas científicas e cultivar raízes no terreno do discurso memorialístico. Em seguida, Nina Kelly conta lembranças autobiográficas, de arte transformista e carnaval tradição pessoense. Sua narrativa foi transcrita da oralidade registrada em entrevistas e editada em subcapítulos desde uma perspectiva temporal. Por fim, esta narrativa será comentada em uma análise literária

estruturada em categorias interseccionais de pensamento entre gênero, sexualidade, raça, classe e território. No horizonte, uma contribuição para a pesquisa latino-americana na área de direitos humanos a partir de uma personagem local que retrata aspectos da memória coletiva da comunidade LGBTI+ paraibana e de toda a sociedade brasileira.

PREFÁCIO

No mundo feminino de Nina Kelly

Wilma Martins de Mendonça

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

.....

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas

.....

Conceição Evaristo¹

Elaborada, inicialmente, como Dissertação de Mestrado, em 2018, trabalho de Grau, portando, a narrativa das lembranças de Nina Kelly, considerada a primeira travesti paraibana², compiladas e organizadas por Sérgio Pessoa Ferro, se transforma em elaboração livresca, garantindo, dessa forma, um público mais vasto de leitores.

Intitulada *Memórias da diversidade na Paraíba: as dores e os guardins de Nina Kelly*, a prosa memorialista de Sérgio Ferro busca retratar a trajetória vivencial da personagem paraibana, que abrilhanta o carnaval de João Pessoa, há mais de trinta anos e a televisão paraibana, e brasileira, com suas apresentações artísticas-transformistas.

Nessa disposição, o autor se inclina ao gênero textual da entrevista como fonte primária de coleta de informações, acerca das reminiscências de Nina Kelly. Cuidadosamente planejadas, as entrevistas semiestruturadas, redigidas por Ferro, visam, notadamente, propiciar à

entrevistada uma maior margem de liberdade e conforto. Às entrevistas, o escritor adicionou fotografias, vídeos e objetos de recordação de Nina Kelly, como se vê ao longo da obra.

Diretor e roteirista cinematográfico, o autor produziu *Movimento dos barcos* (2014), *Aiyé 3016* (2016) e *A rua grita Dionísios* (2017). Como montador, atuou na película *Odú Pupa: lugar de resistência*, em 2018. A essas artes deve-se o colorido e o balanço, próprios da narrativa cinematográfica, que perpassa o texto memorialista de Sérgio Ferro.

Ciente de que nossas recordações são construídas coletivamente, Sérgio Ferro elege as ponderações do teórico francês, Maurice Halbwachs (1877-1945) como faróis de compreensão da discursividade das memórias. Nessa compreensão, nos alerta para a singularidade da prosa das lembranças, reconhecendo-a como discursividade fronteira entre os dizeres ficcionais e os da História.

Não obstante esse avizinhamento, a narrativa memorialista resguarda a sua especificidade. Atento a essa singularidade textual, Sérgio Ferro alonga os olhos que espreitam as andanças, as experiências, as alegrias e as dores de Nina Kelly. Nesse olhar alongado, o autor cerca sua personagem por uma notável empatia, sentimento que transmite e delega aos seus leitores.

Retrocedendo à infância, Nina Kelly rememora suas origens. Menina nascida no interior paraibano, filha de uma mãe jovem, pobre e solteira, condições determinantes para que sua genitora se submetesse aos desígnios familiares e a entregasse, logo ao nascer, aos cuidados da parteira. Nesse retorno, relembra a imagem que faziam de si e a que ela tecia acerca de si mesma. O perfil retraçado é marcado pela complexidade e ambiguidade, curiosamente marcas preciosas na representação das grandes personagens da literatura ocidental:

Ainda estudei um pouquinho quando era pequeno, aí começaram a fazer bullying comigo. Naquele tempo não era bullying não, era apelido. Ficavam me apelidando. Como é que chama? Macho-fêmea! Não era nem viado, era macho-e-fêmea comigo, que eu era

menina mesmo [...] o povo começou a me chamar de macho-e-fêmea, dizia que eu tinha os dois sexos, que não sei o quê... [...] Eu pequenina, uma menina, só que o nome era masculino (KELLY apud FERRO, 2018, p. 21-24).

Vê-se, assim, que a intersexualidade de Nina Kelly é apontada pelos habitantes da pequena cidade. Ou seja, a população que a rodeia a vê como hermafrodita, uma espécie de deusa, porquanto. Como se sabe, esse termo se origina da mitologia grega. Hermafrodito é filho “ilegítimo” de Deus Hermes, a divindade mais importante do panteão da antiga Grécia, e da Deusa Afrodite, considerada como a deusa do amor, do prazer, da alegria, da própria eternização da vida³.

Por sua vez, Hermes representa a riqueza, a sorte, a fertilidade, o sono, a magia, as viagens, o comércio e os ladrões. Desses dois deuses, nasceria um garoto de singular beleza, Hermafrodito, nome originado da junção dos nomes dos pais: Hermes e Afrodite. Também não seria criado por estes, mas, sim, pelas ninfas da floresta Ida, na Frígia, atualmente território da Turquia. A história de Hermafrodito seria narrada pelo escritor latino Ovídio, em sua obra *Metamorfoses*, lançada por volta do ano 8. Preservando seus atributos, Hermes e Afrodite seriam identificados, na mitologia romana, como os Deuses Mercúrio e Vênus.

A singularidade da Menina Nina é, enfaticamente, ressaltada por seu professor, e também advogado, Adalto Paiva, através da perspectiva antiga do hermafroditismo. Este chama a mãe de Nina e a aconselha a procurar uma solução, no campo da medicina, para a garota que portava um nome masculino. Mais uma vez, as condições econômicas interferem na vida de Nina, nome originado do vocábulo menina:

Mande sua mãe vir aqui depois, viu. – Está certo, senhor. Quando foi no dia da reunião, minha mãe chegou com aquela cara de choro. – O que foi, mãe Eu já sabia o que era: por causa do nome. O professor disse: – Por que você não muda o sexo de sua menina? Como é que ela sendo é uma menina e senhora bota nome de homem? Se ela tem dois sexos, por que a

senhora não tira um e deixa um? Por que ela é hermafrodita, é? [...] Era tão certo, já como era atrofiado, o doutor disse que tinha como operar. Mãe não deixou porque foram dizer que era para fazer teste. Para que foram dizer isso a ela? Ela: – “Ai, não, não”. Não quis. Se fosse o caso de perguntar, “ – Quer?” Eu diria, “ – Sim!” Eu sem saber. Mas, deixa, que teste é uma coisa que nunca foi feita. Queriam cortar a pimba, que era embutida. Quem queria fazer era o médico, esse doutor. Disseram para ela, “ – Olha, Dona Maria, é teste”. E ela ficou doida. Como ela não tinha dinheiro para pagar, ia ser tipo uma experiência. Para ver se dava certo. Ela não deixou (KELLY apud FERRO, 2018, p. 24).

Com a chegada da adolescência, período de notáveis transformações nos campos do psíquico e do corporal, a imagem-fêmea de Nina Kelly se acentua. Sua silhueta torna-se mais e mais feminina. Nesse momento de confissão, Nina Kelly dispensa o signo que a caracterizava como persona de dois sexos, isto é, como hermafrodita, num evidente e contínuo reforço à sua concepção e sentimento acerca de si, que carrega, com pouquíssima ambiguidade, desde a infância: fêmea, mulher.

Eu, pequenininha, era de sainha, blusinha, toda menininha com cabelão grande. Os peitos cresceram, nunca tomei hormônio e meus peitos eram bem grandes [...] Quando eu comecei a crescer, o hormônio feminino foi adiantando, aumentando. Eu fiquei toda que nem uma fêmea mesmo, tinha cara de mulher [...] Quando saí de Natal ia fazer quinze [...] Minha mãe ainda empatou de eu sair, de andar para a rua. Porque mãe notou que eu estava mais ainda, que eu me transformei mais em mulher, cresceram as pernas, ficou bem diferente [...] Era uma femeazinha mesmo (KELLY apud FERRO, 2018, p. 25-31).

Os traços feminis de Nina Kelly, recorrentemente assinalados pela personagem, não se restringem tão-somente à suas feições físicas. Seus folguedos sensuais inaugurais revelam um pendor às maneiras

femininas, em especial de algumas práticas sexuais das garotas que, naquela época, não queriam, aliás não podiam perder a virgindade, ante o alto preço social que pagariam, como se atesta do seu relato de suas experimentações sexuais, ocorridas na cidade de Natal:

Aí apareceu eu rapazinho, Neto, que tinha dezesseis anos e eu tinha treze [...] O rapaz, lindo, começava a me olhar assim com aquele olho penoso. E eu toda moreninha, toda enxeridinha. Ainda me lembro [...] O menino começou doido, novinho, seco. Advinha o que eu fazia? Ficava roçando. Ai, como era bom. Tudo. Eu era muito boyzinha [...] Não era trepar, o negócio era sarrar. Eu não tinha coragem de dar a bunda, não. Eu não dava. Era sarrar. Eu amava. Quando eles faziam... Ai, como era gostoso [...] Eu ficava toda atacada que eu não queria que ele botasse, advinha como eu fazia? Nas cochas, ele jurava que estava... Foi o que fez eu não querer atrás, porque me sentia bem [...] Meu negócio era a frente (KELLY apud FERRO, 2018, p. 27-29).

Na fase adulta, Nina Kelly estabelece uma vivência próxima ao destino das mulheres, em geral. Aos trinta e três anos, contrai matrimônio com Genival. Teria a ajuda de Wilson Braga, no momento seu patrão, para garantir a solenidade de suas núpcias, realizada com extrema discrição. Com o casamento, nossa personagem tornar-se-ia ia em senhora de sua própria casa, de seu próprio lar, se dedicando, mais espaçadamente, ao trabalho de diarista:

Arrumei casa, arrumei marido, tudinho aqui em João Pessoa. Era bom. Foi ele que me assumiu [...] Eu vou te dar uma força, para você e para ele, que eu estou vendo que ele é uma pessoa boa e está te respeitando, como você é uma fêmea [...] Foi dito e feito. Ele fez o casamento. [...] De fato, que eu sou casada, moro na minha casa e tenho outros serviços [...] Quando saí da casa de seu Wilson, fui morar na minha casa [...] A casa era minha. Foi com Genival, com quem eu me casei.

Foi o que durou mais tempo, passei quase uns quinze anos com ele (KELLY apud FERRO, 2018, p. 30-40).

Com o fim do seu casamento, Nina Kelly sentiria, naturalmente, as aflições e as agonias da separação e da traição conjugal. Não se recolhe ao sofrimento estéril, contudo. Determinada, resolve extrair da dor a necessária aprendizagem do viver, tornando-se, assim, senhora de si: “Depois de Genival, quantos homens já não arrumei? Só que é que nem eu te digo, onde comecei a aprender: gostar primeiro de mim. Errou? Larga. Errou? Larga. Pronto, não saía mais enganada com ninguém” (KELLY apud FERRO, 2018, p. 44).

A narrativa de Nina Kelly começa a apresentar maiores traços de ambiguidade, quando ela vai também se autodenominar de travesti. Tais passagens se dão, especialmente, em situações de confronto com o masculino. Mesmo nessas ocasiões, em que a força física parece imprescindível, a narradora esmaece a denominação que remete ao masculino, com o contínuo atributo de fêmea. O primeiro caso se dá por ocasião de um incidente, no qual alguns homens queriam bater em um rapaz homossexual, chamado Delícia:

Outra vez foi com Delícia. Os caras iam pegar Delícia, cheguei na hora e eles não mexeram. Delícia estava mexendo com os caras, acho que não gostaram. Eles voaram em cima dele, só que eu estava perto e não deixei. Eles me consideravam, me respeitaram. Até me chamaram atenção: – Como é que você é uma fêmea e fica perto de uns viados safados desses [...] Como é que a senhora dá atenção a um viado safado desse? Até me chamavam de senhora, pensando que eu era uma fêmea. Delícia ficou feliz (KELLY, apud FERRO, 2018, p. 46).

Noutra passagem da narração, Nina Kelly é alvo de um ladrão que, além de seus pertences, queria, ainda, fazer sexo com ela, supondo que a mesma fosse uma mulher. Nesse momento de confrontação pessoal, sob a mira de um revólver, a personagem faz uso da astúcia

e da categoria travesti de gênero, numa inequívoca demonstração de que se igualava a ele, no embate. Quase um blefe, um astucioso blefe. Nina Kelly fugiria, em desabalada carreira, mesmo lhe tendo tomado a arma, com rara esperteza, a exemplo de seu agressor. Algo nos parece certo, nesse episódio: Nina Kelly dominava, também, a linguagem e as artimanhas do ladrão:

– Meu filho. Como é que você tem coragem de levantar a arma para levar minhas coisas? – Mas não é só isso, não. Eu quero transar com você também. – E precisa você puxar arma para querer transar comigo? Para onde tu queres ir comigo? Fomos ali para onde agora é a TV Cabo Branco. – Vamos lá na mangueira. – Ali é muito escuro, eu tenho medo. – Mas você vai comigo. Vamos, eu quero curtir com você, depois você vai me dar as joias todinhas [...] Quando chegou lá, ele deu bobeira. Mas, menino! Ele pensando que eu era fêmea. Ele não sabia que eu era travesti [...] Quando ele me levou lá para dentro das mangueiras, quando chegou lá haja coisar, me apalpar. Ele, “ – tire logo aí”. Eu “ – não, agora não. Pegue esse negócio, tire de sua mão, como é que você vai transar comigo com isso na mão?” Ele jurava que eu não ia fazer nada. Pegou o revólver e botou por trás, na cintura. Quando comecei a agarrar e fazer carinho dele, botei a mão por baixo, dei um empurrão nele, com o revólver. Quando ele correu, eu disse: – Saia! Você não ia me atirar? Agora quem vai sou eu. Porque eu sou travesti! Quando eu disse isso, o cara: – Pelo amor de Deus, não me mate, não. – Sou travesti, você agora vai se lascar comigo. O cara deu uma carreira. Pernas, para que te quero? Cheguei dentro dos matos, eram uns matões grandes. Peguei a arma, joguei lá dentro e danei a carreira também (KELLY apud FERRO, 2018, p. 48).

Atualmente, Nina Kelly reside no bairro do Castelo Branco, preservando a sua chama feminina, o encantamento fêmeo que nem o tempo consegue ofuscar: “Eu fiquei velha com uma cara de mulher. O

povo me respeitava por causa disso. Até hoje o povo jura que eu sou uma coroa. É: – ‘A senhora já tem neto?’ ” (KELLY apud FERRO, 2018, p. 25).

Figura notável e exemplar, Nina Kelly tem ciência de sua singularidade. Mesmo entre as travestis pessoenses, a personagem se sabe uma Outra. A perspectiva da personagem é, costumeiramente, endossada por outras transexuais, como se verifica no discurso, tecido pela surpresa, de Roberta Close, ao ver o corpo de Nina Kelly:

Porque eu era diferente, os outros eram masculinos. Eu era travesti. Toda vida fui fêmea. Aí pronto. E eles me respeitavam [...] Conheci o travesti que se operou, a Roberta Close. Conheci também. Olha a teca. Olha. Eu fui no camarim dela só para conhecer, via ela na televisão, no jornal. Quando cheguei, estava daquele jeito. Ela não tinha vergonha. Não ligava com as outras travestis. Quando eu me mostrei, ela disse, “ – olha, é uma fêmea” (KELLY apud FERRO, 2018, p. 45; 59).

Complexa, a feição identitária de gênero de Nina Kelly não é facilmente traduzível, nem definível, em classificações e tipologias correntes. Numa aguda consciência e fidelidade a si mesma, nossa memorialista delineia sua própria compleição, crescendo, assim, a complexidade de uma nova categoria dentro do mundo teórico LGBTQIAP+: fêmea-travesti, ou travesti-fêmea, como se observa na narração abaixo, momento em que Nina Kelly se encontra em meio a várias travestis:

Só entrou eu de fêmea, travesti [...] Depois tinham os encontros delas todas. Elas ficavam no setor, todas elas já desmontadas, tudo rapaz, tudo homem. Eu não, que eu já era travesti. Ficavam homens, tiravam aqueles cabelos, aquelas perucas, ficavam masculinos. Eu era feminina porque meu cabelo era natural. O rosto não precisava de estar danando nada (KELLY apud FERRO, 2018, p. 59)

A narração de Nina Kelly nos deixa entrever que nada a sujeita, nada a define, a não ser ela mesma. Acreditamos que, entre seus guardins, fechados em um estojo seguro e inquebrantável, estão as maneiras e os jeitos com os quais Nina Kelly desfruta a valiosa liberdade de ser como se sente.

Se acreditarmos que o principal postulado de Descartes – “Penso, logo existo” – não nos explica nos explica, em totalidade, como ressalta o escritor António R. Damásio⁴, ao afirmar que a razão é inseparável da emoção, dos sentimentos e das sensações, podemos dizer que, ao sentir-se como uma fêmea, Nina Kelly existe como fêmea. Meus sinceros e ternos parabéns à Nina Kelly.

João Pessoa, julho de 2020

INTRODUÇÃO

Os indicadores marcam um crescimento nos assassinatos motivados por ódio a pessoas que expressam sexualidades e identidades de gênero divergentes do padrão cis-heteronormativo. O Relatório 2017 de pessoas LGBTI+ mortas no Brasil, elaborado pelo Grupo Gay da Bahia, registrou 445 mortes, sendo 387 assassinatos e 58 suicídios, nunca antes a organização computou tantos óbitos em quatro décadas de levantamento.

As populações negras e indígenas estão ainda mais expostas à violência. De acordo com o Relatório de Violência Homofóbica no Brasil 2013, publicado em 2016 pela Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDEH) do governo federal, 42,9% das vítimas eram negras ou indígenas, para 27,5% de vítimas brancas, demonstrando uma vulnerabilidade maior de grupos raciais não-brancos.

Utilizo o termo pessoas sexo-gênero dissidentes para expandir a fixação de identidades estáveis, homogêneas, em que trava o uso da sigla LGBTI+ e, ao mesmo tempo, marcar a diferença sexual e de gênero na programação de ações transformativas em direitos humanos e políticas públicas para esses segmentos. Essas multidões de corpos e subjetividades que desafiam os papéis de gênero distribuídos pela matriz cis-heteronormativa reproduzida em nossas sociedades multirraciais periféricas.

Este texto decorre, originalmente, de pesquisa em dissertação de mestrado, articulando memória com diversidade sexual e identidades de gênero, para a abertura de um corte interseccional nos estudos sobre direitos humanos para pensar essa temática através das lentes de raça, classe social e território, em defesa das memórias das resistências sexo-gênero dissidentes ainda vivas no Brasil contemporâneo.

A história se escreve coletivamente, o direito à memória é uma pauta insistente da luta por direitos humanos na América Latina, em busca de recontar nosso passado de colônia, escravidão e ditaduras civil-militares. Lésbicas, travestis, transexuais, bissexuais, bichas e as

mais variadas expressões dissidentes na sexualidade e identidade de gênero: *se não reproduzimos, como existem tantas?*

A pergunta lançada no parágrafo anterior ironiza a noção biológica do gênero e da sexualidade, induzindo sobre a presença histórica de nossas subjetividades sexo-gênero dissidentes. A sátira do uso reprodutivo da (hetero)sexualidade, pautada na divisão binária dos papéis de gênero, remete à reprodução cultural de nossos modos de vida, indispensável ao fortalecimento da comunidade e à sensação de pertencimento à sociedade que também ajudamos a construir.

Fundi o debate de gênero e sexualidade com os atravessamentos entre memória, história e esquecimento. A memória deslocada, apreendida pela matriz cis-heteronormativa de nossa cultura, não guarda as lembranças de nossas resistências. Sem passado, as gerações que cresceram na fase de conquista de direitos podem se esquecer das lutas dos movimentos sociais pela diversidade, caindo na ilusão mercantil do reconhecimento das identidades divergentes, ou converter-se à ameaça conservadora.

A Anistia Internacional, em seu portal online, publicou declaração do Grupo Transrevolução, do Rio de Janeiro, afirmando que a expectativa de vida de uma pessoa trans em nosso país corresponde a cerca de 30 anos, muito inferior à média nacional de 75, 2 anos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (QUEIROZ, 2017). A violência letal, a transfobia institucional, o trabalho no mercado informal de prostituição, e muitos outros fatores, engendram um panorama de genocídio da população trans. Nina é uma sobrevivente, uma vez que poucas travestis e transexuais brasileiras/os têm o direito de se tornar uma pessoa idosa.

Temos as memórias contadas desde a matriz cis-heteronormativa de nossa cultura, protagonizadas pelo branco colonizador. A educação, os cuidados com a saúde, o trabalho, o arranjo familiar, os relacionamentos afetivos, todo um estilo de vida representado como se a heterossexualidade e a cisgenreidade fossem dados compulsórios. Aprendemos a viver reinventando nossas narrativas porque somos

ensinadas(os) a estudar, trabalhar, se relacionar, se cuidar e envelhecer sem ser quem nós somos.

Assim tem sido nas artes, nos meios de comunicação, na educação formal, no mercado de trabalho, nos presídios, nos hospitais, nas liturgias religiosas... Os gêneros e sexualidades indígenas e africanas, vividos em culturas em que não há cisão entre corpo e espírito, foram assimilados por uma heterossexualidade e corpo cis obrigatórios. No Brasil, fora dos papéis de gênero e sexuais distribuídos, pela imagem da casa grande e da senzala, parece não ser possível sobreviver.

Para combater o silenciamento de séculos de colonialismo, precisamos recontar nossas memórias. O trabalho de educação em direitos humanos é permanente, e se exerce de forma microscópica, na capilaridade das relações sociais. Quando se trata de educar para a diversidade de gêneros e sexualidades, nos propomos a ocupar também o ambiente privado, desmontando os privilégios ostentados nos espaços públicos institucionais. A transformação cultural se torna máquina de guerra contra nosso extermínio.

O autoritarismo sempre esteve aqui, latente. Nasceu aqui, nos territórios coloniais. As máquinas das guerras imperialistas consideradas mundiais marcavam uma repartição do planeta. Se, como fantasmas do passado, as memórias totalitárias da ditadura voltam, da escravidão, da colônia, do patriarcado da família tradicional brasileira... As memórias das resistências também voltam. Elas sempre estiveram aí. Subterrâneas, criando raízes. São a macaxeira que nutre nossos corpos.

Nós nos dedicaremos, nas páginas seguintes, à leitura da história de vida de Nina Kelly, tendo por objetivo principal a produção discursiva sobre memórias de lutas pelos direitos das pessoas sexo-gênero dissidentes paraibanas, resgatando a trajetória de quem abriu caminhos para o reconhecimento das diversas expressões de sexualidades e identidades de gênero na contemporaneidade. A experiência de protagonizar a pesquisa foi desejada por Nina, repercutindo na construção de sua autoestima pela afirmação de sua dignidade enquanto travesti.

Em análise sobre os desafios para a educação em direitos humanos na América Latina, Ana Maria Rodino (2016) pontua que um dos principais desafios das políticas públicas consiste na distância das temáticas abordadas frente às realidades das(os) educandas(os), destacando a escassa referência de materiais locais sobre diversidade sexual e identidades de gênero. Esta obra se insere, dessa forma, no debate sobre territórios, direitos humanos e diversidades socioculturais, recontando memórias dissidentes tendo em vista a afirmação do pertencimento travesti ao espaço urbano da capital paraibana.

Entrevistei Nina Kelly, para ouvir sua história de vida no país que mais mata pessoas trans no mundo, pensando seu discurso na constituição de uma memória social das resistências sexo-gênero dissidentes na Paraíba. Por meio de uma abordagem metodológica interdisciplinar do discurso memorialístico autobiográfico, recontarei as memórias de Nina Kelly em sua vivência da subjetividade travesti.

Somado à entrevista, um acervo pessoal formado por fotografias, vídeos e objetos de recordação serviram de fonte primária de informação para a pesquisa. O primeiro capítulo apresentará o programa metodológico utilizado para a produção da narrativa, expondo sua orientação epistemológica, método e aporte teórico.

Na escrita das reminiscências sexo-gênero dissidentes pessoenses, tomei a entrevista comentada como gênero textual, transcrevendo a narrativa oral contada por Nina Kelly – mais que uma informante, protagonista da pesquisa. Travesti paraibana, nascida em 1959, em Serraria/PB, trazida para a capital pelo dono da fazenda em que a irmã trabalhava.

Transformista nos anos 1980, hoje é costureira, estilista e administra um brechó. A cada década, ela comemora seu aniversário na sede da Associação de Moradores do Castelo Branco, um evento com forte presença da comunidade e projeção na mídia local. Há 30 anos, desfila nas escolas de samba do carnaval tradição da cidade. Em meio às reminiscências de Nina, velejaremos pelos mares das memórias coletivas da população LGBTI+ em João Pessoa.

Homossexual, me conecto com Nina Kelly pela sexualidade e pela raça. Nosso fenótipo que apresenta traços indígenas faz com que ela me veja como um semelhante, ou, de forma mais apropriada, um parente. Não à toa, durante o campo de pesquisa, ela me apresentava às pessoas como seu sobrinho. O gênero e a classe social nos distanciam, de modo que será a ponte dos direitos humanos quem firmará as alianças.

1 DO CAMINHO TEÓRICO E METODOLÓGICO

A autobiografia é [...] histórica por seu método, e, ao mesmo tempo, a representação do eu em e através de suas relações com o mundo externo.

Pascal

O trabalho, *Memórias da diversidade na Paraíba: os guardins e as dores de Nina Kelly*, trata do registro das lembranças da travesti paraibana, Nina Kelly. Designada pelo gênero e nome masculino ao nascer, no município de Serraria, em 05 de julho de 1959, Nina foi doada por sua mãe biológica à parteira, logo após o nascimento. Não obstante a origem notadamente conservadora, desde os oito anos de idade, Nina se reconhece como pertencente ao gênero feminino, usando, desde então, a denominação Ninor, que virou Nina, reforçando a identidade feminina que dá a si.

Em relação à temática da diversidade sexual e de identidades de gênero, em destaque, a da vivência travesti, recorri, mais especialmente, às pesquisas da estadunidense, Judith Butler, em seu manuscrito *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, de 1990; ao trabalho da italiana Teresa de Lauretis, *A tecnologia de gênero*, de 1987; aos estudos da brasileira, Maria Joseli Silva, em particular, ao seu artigo, “A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade”, que integra seu livro *Geografias Subversivas* (2009), no qual a autora se debruça sobre memórias de travestis no espaço urbano nacional.

Além desses escritos, atendendo à necessidade de uma leitura de cunho mais histórico, utilizei dos apontamentos de Ronaldo Vainfas condensados nas obras, *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão* (1986) e *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil*, de 1989, como também dos de João Silvério Trevisan (2000), *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade* e das anotações da historiadora brasileira, Mary Del Priori, contidas nos

livros *História do amor no Brasil* (2005) e *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil* (2011).

Acerca dos escritos da memória, nossa perspectiva teórica é a elaborada pelo estudioso francês, Maurice Halbwachs (1877-1945), exposta em sua obra, *A memória coletiva*, publicada na França, em 1950, e traduzida, no Brasil, em 1979. Em sua revisão sobre a memória, Halbwachs se contraporia à visão de Henri Bergson (1859-1941), divulgada em seu livro *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*, editado em 1896, também em França. Num profundo reexame da natureza das memórias, Maurice Halbwachs assinalaria o caráter de construto social e coletivo das recordações, se opondo, assim, à concepção de Bergson, conforme se vê nos fragmentos discursivos dos teóricos franceses, elencados abaixo:

Digamos portanto, para resumir o que precede, que o passado parece efetivamente armazenar-se, conforme havíamos previsto, sob essas duas formas extremas, de um lado os mecanismos motores que o utilizam, de outro as imagens-lembranças pessoais que desenhem todos os acontecimentos dele com seu contorno, sua cor e seu lugar no tempo. Dessas duas memórias, a primeira é verdadeiramente orientada no sentido da natureza; a segunda, completamente espontânea, é tanto volúvel em reproduzir quanto fiel em conservar. (BERGSON, 1990, p. 69).

Para Bergson, o passado permanece inteiramente dentro de nossa memória, tal como foi para nós; porém alguns obstáculos, em particular o comportamento de nosso cérebro, impedem que evoquemos dele todas as partes. Em todo caso, as imagens dos acontecimentos passados estão completas em nosso espírito (na parte inconsciente de nosso espírito) como páginas impressas nos livros que poderíamos abrir, ainda que não os abríssemos mais. Para nós, ao contrário, não subsistem, em alguma galeria sub-

terrânea de nosso pensamento, imagens completamente prontas, mas na sociedade, onde estão todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado, as quais nos representamos de modo incompleto ou indistinto, ou que, até mesmo, cremos que provêm completamente de nossa memória. (HALBWACHS, 1990, p. 77).

A perspectiva de Maurice Halbwachs continua válida até os dias atuais, como demonstra a atualização do filósofo Paul Ricoeur. Em suas ponderações sobre o discurso memorialista, condensadas no livro, *A memória, a história e o esquecimento* (2007), o estudioso francês endossa o pensamento de Halbwachs ao acentuar o caráter coletivo e social da memória:

Deve-se a Maurice Halbwachs a audaciosa decisão de pensamento que consiste em atribuir a memória diretamente a uma entidade coletiva que ele chama de grupo ou sociedade. [...] O passo dado em *A memória coletiva* consiste em desimplicar a referência à memória coletiva do próprio trabalho da memória pessoal enquanto se recorda de suas lembranças. O capítulo 2, intitulado “Memória individual e memória coletiva”, é escrito do princípio ao fim na primeira pessoa do singular, num estilo quase autobiográfico. O texto diz fundamentalmente isto: para se lembrar, precisa-se dos outros. (RICOEUR, 2007, p. 130).

Desde a Antiguidade Grega, o **falar sobre si e sobre o outro** são elementos recorrentes da discursividade ocidental, apesar de não terem o caráter livresco de hoje. Nessa compreensão, Luiz Costa Lima, em seu texto, “Júbilos e misérias do pequeno Eu”, que compõe seu livro, *Sociedade e discurso ficcional* (1986), considera que, só no Renascimento, isto é, no século XVIII, com as *Confissões*, de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), redigidas entre os anos de 1764 a 1770, se cria a forma modelar de se falar de si, no mundo moderno, enquanto gênero textual:

E devemos lembrar que não é apenas o eu a matéria indispensável para autobiografia – o que a confundiria com o diário –, pois tem como seu traço absoluto o intercâmbio de um eu empírico com o mundo. Por assim dizer, a autobiografia supõe um duplo e simultâneo foco: como o eu reage ao mundo e como o mundo experimenta o eu. [...] Poucos são os escritores que tiveram o impacto de Rousseau. Na filosofia, na política, na educação, na psicologia, na literatura, seus leitores, admiradores ou contestadores prolongaram suas reflexões a pontos que o próprio genebrino não poderia imaginar [...]. Jean-Jacques se sabe capaz de uma empresa que homem algum jamais cometera: a da descida ao inferno na própria intimidade. [...]. Não há dúvida que em Rousseau encontramos o indivíduo que somos. (LIMA, 1986, p. 255-287).

No que tange à especificidade do gênero discursivo das memórias, Luiz Costa Lima é enfático ao assinalar o seu movimento oscilante e ambivalente, em direção ao campo do literário e ao do histórico, tanto em sua forma autobiográfica ou confessional, quanto em sua forma biográfica, considerada menos pessoalizada. Dessa forma, situa o discurso das memórias enquanto um lugar de fronteira, ou um entre-lugar, como insistentemente⁵ nos chama à atenção em seu artigo:

A confissão não passa de uma versão pessoalizada, sujeita a erros, enganos, esquecimentos, distorções e seleções conscientes ou inconscientes. [...] mesmo na variante menos pessoalizada, que são as memórias, se um autor publica as memórias de outra pessoa [...] Pois é idêntica a regra básica que preside as variantes ‘memórias’ e ‘autobiografia’ [...] desde logo porque não há então fronteiras absolutas entre formas ficcionais e formas de apresentação do eu. (LIMA, 1986, p. 252-255).

Esse entre-lugar do discurso memorialista, em especial o autobiográfico, marcadamente assinalado pela duplicidade, não me

autoriza, todavia, a confundi-lo com o ficcional e com o documento histórico, conforme nos alerta Costa Lima: “Essa flexibilidade, contudo, não torna ficção e autobiografia espécies discursivas indistintas. Elas se separam pelo papel que, respectivamente, concedem ao eu” (1986, p. 300). Nesse avizinhamento discursivo, o memorialista, em seu ofício de registro das lembranças de si e do outro, embora não se confunda com o historiador e o ficcionista, se posiciona entre ambos:

O memorialista se põe entre os dois. Em relação ao historiador, não pode dizer senão que apresenta um testemunho de boa fé; i. e., que é assim que sente haver sido em certa situação ou haver presenciado certo acontecimento. As memórias apresentam uma versão personalizada da história. Em relação ao ficcionista, não pode declarar senão que seus direitos são outros; mais limitados por um lado, pois que não pode “inventar” o que não se tenha passado; mais personalizados por outro, porque trata do que viveu na carne. Entre a ficção e a autobiografia, o eu se impõe como barra separadora. Entre a história e a autobiografia, a barra separadora são suas pretensões diversas à “verdade”. [...] Ou seja, esses territórios vizinhos supõem a inter-relação necessária entre sujeito e objeto, a impossibilidade de definir-se cada um destes termos senão por seu contato com o outro. (LIMA, 1986, p. 302-303).

A partir dessas considerações teóricas, procederei ao registro das lembranças na vivência travesti de Nina Kelly. Para realização deste propósito, que é o da redação das memórias autobiográficas de Nina Kelly, utilizarei de um outro gênero discursivo, a entrevista, que se caracteriza notadamente pela oralidade, mas que, uma vez transcrita e editada, transforma-se em modalidade textual bastante comum em jornais, revistas e periódicos, em geral.

Francis Vanoye, em *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita* (1973), define a entrevista como um estilo de comunicação oral. Para o autor, essa forma de expressão da língua falada

se reparte em dois tipos: no primeiro os interlocutores transmitem suas mensagens por meio do jogo de perguntas e respostas, exigindo-se uma preparação séria do questionário; no segundo tipo de entrevista, um autêntico diálogo se instala, em que os interlocutores trocam opiniões, dirigidas a um assunto específico.

Neste trabalho, a entrevista torna-se meio de coleta de informações autobiográficas, destinada à construção de nossa narrativa sobre a vivência de uma travesti transformista na Paraíba. Devido à especificidade de escutar as lembranças de Nina Kelly em sua história de vida, optei pelo primeiro tipo de entrevista, utilizando essa técnica de comunicação oral a partir das recomendações de Vanoye. Em suas palavras, o questionário precisa ser:

Ordenado, quer cronologicamente (perguntas sobre a vida ou a carreira de um indivíduo), quer logicamente (de acordo com os objetivos buscados, deverá ser traçado um plano das perguntas a serem formuladas); adaptado ao interlocutor, à sua personalidade, ao seu nível sócio-cultural (ver nível de linguagem); adaptado à situação, ao momento da entrevista. Ainda que preparado, o questionário pode se revelar incompleto; a entrevista pode tomar rumos imprevisíveis; o entrevistador deve estar preparado para se curvar às exigências da situação, sem perder de vista os objetivos que quer atingir; redigido de maneira a evitar confusões, as ambiguidades, as respostas “forçadas”, etc. (VANOYE, 1985, p. 163-164).

Embora permeada pela informalidade da língua falada, a entrevista tem seu modo de organização. Na mesma direção de Vanoye, a brasileira Cândida Martins Pinto, em artigo publicado na Revista da ABRALIN, *Gênero entrevista: conceito e aplicação no ensino de português para estrangeiros* (2007), concebe a entrevista como uma ferramenta de linguagem, pronta para atender aos usos da oralidade, podendo ser transcrita, como nas entrevistas científicas e jornalísticas. A realização

desse gênero textual tem seu método, atentando-se para a passagem da língua falada para a escrita:

1) sua estrutura será sempre caracterizada por perguntas e respostas, envolvendo pelo menos dois indivíduos – o entrevistador e o entrevistado; 2) o papel desempenhado pelo entrevistador caracteriza-se por abrir e fechar a entrevista, fazer perguntas, suscitar a palavra ao outro, incitar a transmissão de informações, introduzir novos assuntos, orientar e reorientar a interação; 3) já o entrevistado responde e fornece as informações pedidas; 4) gênero primordialmente oral, podendo ser transcrito para ser publicado em revistas, jornais, sites da Internet. (PINTO, 2007, p. 188).

Na abordagem científica, Teresa Maria Frota Haguette (2001), no livro *Metodologias qualitativas na sociologia*, também pontua dois tipos de entrevista, enquanto técnica de coleta de informações na pesquisa qualitativa: a biográfica, enfatizando a própria vida do interlocutor; ou temática, abordando uma relação específica do entrevistado com o objeto da pesquisa. Em sua definição, entrevista consiste no “processo de interação social entre duas pessoas no qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (HAGUETTE, 2001, p. 86).

A autora elenca os seguintes passos para sua realização: a listagem dos entrevistados, a partir de dados secundários; a organização do roteiro de entrevista, feita com base num conhecimento prévio do pesquisador sobre o assunto e o envolvimento do entrevistado com o tema; revisão das entrevistas, para reformular as próximas e avaliar resultados; gravação; e transcrição dos áudios (HAGUETTE, 2001).

Ainda segundo Haguette (2001), são aspectos que podem interferir na coleta de dados durante a entrevista: a) motivos ulteriores, quando o informante responde às questões pensando na repercussão futura de suas afirmações; b) quebra de espontaneidade, pela falta de privacidade ou devido à condição do entrevistador; c) desejo de agradar o pesquisador; e d) fatores idiossincráticos, que podem alterar a atitude do entrevistado.

O psicólogo e sociólogo Uwe Flick (2009), em *Introdução à pesquisa qualitativa*, disserta sobre a epistemologia na pesquisa social em seus aspectos iniciais de organização metodológica. Tratando das tendências contemporâneas no manuseio das técnicas de coleta de informações, aborda as características da entrevista narrativa, modalidade própria da pesquisa biográfica:

A entrevista narrativa enfoca as experiências biográficas, sendo aplicada em diversas áreas da sociologia e, nos últimos anos, de forma crescente também na educação. Através da análise das narrativas, pode-se estudar tópicos e contextos mais amplos – por exemplo, de que forma as pessoas enfrentam o desemprego, as experiências de migração e processos de doença ou experiências de famílias vinculadas ao holocausto. (FLICK, 2009, p. 31).

O cubano Fernando Gonzáles Rey (2010), na obra *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*, critica o instrumentalismo na prática recorrente das pesquisas sociais, pugnando por uma nova compreensão dos instrumentos. Na entrevista científica, o principal instrumento de pesquisa é o questionário, ou roteiro. Na perspectiva do autor, a tradição positivista do questionário instaura uma “epistemologia da resposta”, baseada no ideal de objetividade, convertendo o outro em objeto de nossas perguntas e eliminando sua produção subjetiva (REY, 2010, p. 41).

Entendendo a pesquisa sob o prisma da comunicação, Rey (2010) reelabora o uso dos instrumentos, enxergando-os como meio de expressão dos sujeitos, nas condições ordenadas pela metodologia, crescendo, no rol de ferramentas, os sistemas conversacionais, pelos quais se expande os limites simbólicos do instrumento, ao somar-se a ele, em busca de uma produção mais autêntica dos tecidos de informação, indispensável para nós que lidamos com o registro de memórias autobiográficas:

A ruptura com a epistemologia estímulo-resposta faz com que reivindicamos, em nossa metodologia, os sistemas conversacionais, os quais permitem ao pesquisador deslocar-se do lugar central das perguntas para integrar-se em uma dinâmica de conversação que toma diversas formas e que é responsável pela produção de um tecido de informação o qual implique, com naturalidade e autenticidade, os participantes. [...] Nas conversações, constroem-se verdadeiros trechos de informação entre os participantes que ampliam seu compromisso pessoal com o tema em questão. Diferentemente da epistemologia centrada na resposta, o conversar não é dirigido à produção de um conteúdo a ser significado imediatamente pelo mesmo artefato que o produziu: a conversação busca, sobretudo, a expressão compromissada do sujeito que fala. Nesse sentido, os trechos de conversação apresentam-se inacabados, contraditórios, manifestando as mesmas características que possui a expressão pessoal autêntica em qualquer campo da vida. (REY, 2010, p. 32-34).

A conversação, contudo, não se contrapõe à entrevista, senão a complementa. Na conversação apoiada em instrumentos escritos, temos o mesmo questionário, que pode ser aberto ou fechado, concebido, aqui, como ferramenta interativa, um meio de provocar a expressão dos sujeitos, produzindo os chamados tecidos de informação, e não somente respostas pontuais (REY, 2010). O metodólogo cubano me contempla com o uso de instrumentos apoiados em indutores não escritos, através de diálogos permanentes, movidos pelo manuseio de fotografias ou vídeos, trazidos à tona como objetos de evocação da memória e localização de temporalidades:

O objetivo desse instrumento é semelhante a qualquer outro: facilitar a expressão de trechos de informação por meio de indutores que envolvam a produção de sentido. Assim, por exemplo, as fotos são uma via idônea para provocar emoções e situar o sujeito em uma temporalidade subjetiva vivida, que,

com frequência, é mais fácil de ser conseguida por outras vias. (REY, 2010, p. 66).

Seguindo na estruturação da entrevista, seu conceito, tipos, abordagens, procedimentos e instrumentos, destacamos as contribuições do historiador paulista José Carlos Sebe Bom Meihy, em particular aquelas presentes em seu *Manual de história oral*, publicado originalmente em 1996, que trata da sistematização desse método, ou técnica, multidisciplinar de investigação do passado imediato, destinado à elaboração de documentos, de acordo com critérios de registro e arquivamento de depoimentos, compromissada com a memória dos grupos sociais que não constam nos documentos oficiais da historiografia:

Nas entrevistas de história oral de vida, as perguntas devem ser amplas, sempre apresentadas em grandes blocos, de forma indicativa dos acontecimentos e na sequência cronológica da trajetória do entrevistado. A história oral de vida é o retrato oficial do depoente. Nessa direção, a verdade está na versão oferecida pelo narrador, que é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas. A periodização da vida do entrevistado é um recurso importante, posto que organiza a narrativa com fatos que serão considerados em contextos vivenciais. O foco da narrativa deve centralizar os vetores que indicam a lógica da história do indivíduo que, em história de vida, se constitui no centro das atenções. (MEIHY, 1998, p. 45).

Meihy (1998) classifica a história oral de vida como gênero da história oral, em que o colaborador tem maior liberdade para se expressar acerca de sua experiência pessoal, narrando os fatos conforme a sua vontade. Organizando o procedimento da entrevista, orienta-se a elaboração de uma ficha técnica, identificando o colaborador quanto ao nome completo, profissão, nascimento, estado civil, em que deve constar o local e data do encontro (MEIHY, 1998).

Na articulação entre o falar de si e o falar do outro, a história oral de Meihy (1998, p. 41), nos enriquece com a duplicação da identidade

do autor do trabalho final, pois temos assinaladas duas narrativas: “1) a do narrador que, relatando sua vida, ou a versão de algum fato, torna-se o agente condutor da história pessoal; 2) a do eu de quem dirige o projeto e depois cria o produto final da entrevista”. Uma vez realizada a entrevista, o cronograma envolve a transcrição e a conferência. A transcrição corresponde à passagem da gravação oral para a língua escrita:

Editar uma entrevista equivale a tirar os andaimes de uma construção quando fica pronta. Com isso, a primeira tradição quebrada é a do mito de que a transcrição de palavra por palavra corresponderia à realidade da narrativa. Porque uma gravação não abriga lágrimas, pausas significativas, gestos, o contexto do ambiente, é impossível pensar que a mera transcrição traduza tudo que se passou na situação do encontro. [...] Nessa fase, suprimem-se as eventuais perguntas que, fundidas nas respostas, superam sua importância. O texto passa a ser predominantemente do narrador, que aparece como figura única por assumir o exclusivismo da primeira pessoa. A textualização é feita a partir da definição de palavras-chave que servem para mostrar a incidência das ênfases dadas em algumas situações. Depois de grifadas as palavras-chave, deve-se estabelecer as ideias centrais contidas no texto. [...] A última etapa da transcrição é a transcrição. Evocando pressupostos e fundamentos da tradução, a transcrição se compromete a ser um texto recriado em sua plenitude. Com isso afirma-se que há uma interferência do autor no texto e que este é refeito várias vezes, devendo obedecer aos acertos combinados com o colaborador, que vai legitimar o texto no momento da conferência. (MEIHY, 1998, p. 66-67).

Como explicitado, a conferência atende aos pressupostos éticos da pesquisa, retornando o texto recriado pelo pesquisador ao sujeito colaborador, em que obterá a versão autorizada para divulgação. Assim, realizada a entrevista com Nina Kelly a respeito de sua história de vida,

colhi as informações de suas reminiscências, que foram transcritas, sistematizadas e comentadas, na medida em que representam os discursos da memória coletiva da comunidade sexo-gênero dissidente paraibana.

O próximo capítulo, chamado *Com vocês, Nina Kelly: uma autobiografia*, apresenta a narrativa de Nina Kelly em sua trajetória pessoal, enfatizando o legado deixado na avenida desde seus trinta anos de desfile nas escolas de samba do carnaval tradição pessoense e as performances nos palcos dos shows de arte transformista, em que seu corpo assume a função política de afirmação da identidade travesti no espaço público da cidade.

Em seguida, encerrarei com o capítulo *Ala da diversidade, nossas lembranças*, em que me coloco no texto, comentando o discurso das lembranças de Nina e compartilhando o processo criativo da pesquisa com os leitores. Este é o ponto em que minha história de vida se curva com a de Nina Kelly. Nossas histórias não se cruzam, se curvam. A minha se curva perante a dela, como a dobra parabólica da curva do Espetinho do Silêncio onde mora neste bairro do Castelo Branco, na capital da Paraíba, João Pessoa, cidade-mangue. Segregada pela cobertura de suas matas, que, como franjas, cobrem o poder do coronelismo. Este é o nosso campo, a casa de Nina Kelly, um lugar de memórias.

2 COM VOCÊS, NINA KELLY: UMA AUTOBIOGRAFIA

Tudo é carnaval.
Pra quem vive bem,
Pra quem vive mal.

Batatinha

A realização efetiva da entrevista foi precedida de vários momentos de aproximação, diálogos, observações, concessões e acordos. Trabalhei também com diários de campo aos quais recorri durante a transcrição das palavras da interlocutora, em que escrevia conteúdos os mais variados, desde elementos descritivos sobre nossos encontros até imersões profundas em minhas próprias impressões acerca desta produção e do mundo.

Antes, convém apresentar breves anotações sobre a transcrição e o contexto da entrevista que registra o discurso memorialístico de Nina. Este trabalho foi fortemente espelhado no livro *A princesa: a história do travesti brasileiro na Europa* escrita por um dos líderes da Brigada Vermelha (1995), quando ainda se admitia tratar travestis no masculino. A obra, de dupla autoria, conta as memórias autobiográficas de Fernanda Farias de Albuquerque, uma travesti paraibana que encontra Maurizio Jannelli, liderança da guerrilha comunista, numa prisão italiana.

Em respeito a sua identidade de gênero, por motivos éticos, apresentaremos somente seu nome social na composição da ficha técnica de entrevista. A utilização do nome civil para pessoas trans mostra-se demasiado ofensiva, atingindo-lhes diretamente os direitos da personalidade.

Nascida em 05 de julho de 1959, simpatizante de religião cristã protestante, a entrevistada, atualmente divorciada, exerce profissão de costureira, microempresária e transformista. A entrevista foi feita em sua residência, no bairro do Castelo Branco, no dia 18 de agosto de 2018, numa tarde de sábado, com duração de pouco mais de três horas.

Guiado por um roteiro, o relato colhido nesta ocasião serviu de base para o texto deste capítulo, organizado em estilo literário, movido pelo tom autobiográfico da personagem, separado em tópicos distribuídos pelo critério cronológico e territorial.

Que este trabalho seja arte, ciência, política, filosofia! Minhas memórias se misturarão às de Nina. Eu, de meu lugar acadêmico, homem cisgênero, homossexual, jovem, militante pelos direitos das diversidades; ela, mais velha, travesti, transformista, que não teve acesso à escolarização, costureira e proprietária de um brechó. A raça nos une pela cor da pele. Também nos aproximamos pela arte transformista, pela amizade que se iniciou antes do projeto e que, felizmente, acabou se estreitando. Luta e afeto em estado bruto.

Senhoras e senhores, as memórias de Nina Kelly – uma narrativa de celebração da vida.

2.1 Infância no brejo

Não conheci meus pais. Só adotivos mesmo: Maria Rodrigues e Zé Rodrigues da Silva. E a família original, como é que chama? Adotiva é um, e verdadeiro é outro. Adotivos eram os que me criaram, não é assim? É Gederalda Piojota, da família dos Piojota de Serraria. A minha mãe diz que a minha mãe verdadeira só me deu porque a família dela não aceitou quando ela pegou barriga de mim. A família dela não queria por causa da idade dela, que era de menor.

Ela não tinha onde ter, os irmãos dela começaram a implicar: quando a criança nascesse eles iam matar todos dois. Aí a bichinha fugiu de casa, foi para a casa de outra família, sendo tia dela, parente dela. Quando chegou lá, pronto, a família deu cobertura para ganhar neném. Quando ela deu à luz, me deu à parteira, a madrinha de embalo, parteira, né? Para tomar conta de mim, foi essa mulher que me criou até enquanto ela foi viva. Maria Rodrigues da Silva.

Geraldo, Maria do Carmo, Rosa, Delinha e João Rodrigues. E eu, era de criação. Era com quem eu fui criado, quem me tem como família, como irmão. Mas não é irmão, é sobrinho meu. Mas me criou como irmão

dele, era para chamar de irmão. De Serraria, eles começaram a andar. Tu não sabes como é esse povo pobrezinho? Foram morar em Pilõezinhos ainda; em Amarelinha, ficaram um tempo. Ficaram um tempo em Santo Antônio, ali perto de Sapé. Aí, pronto, ela comprou uma casa em Mari e ficou lá. Maria Rodrigues era dona de casa e o povo convidava ela para fazer trabalho de parteira. Zé Rodrigues fazia serviço de campo.

Ainda estudei um pouquinho quando era pequeno, aí começaram a fazer bullying comigo. Naquele tempo não era bullying não, era apelido. Ficavam me apelidando. Com é que chama? Macho-fêmea! Não era nem viado, era macho-e-fêmea comigo, que eu era menina mesmo. O viado era masculino. Se tivesse algum menino que sentisse que era gay, aí eles ficavam: “— olha o viadinho, olha o viado, olha o fresco! Oia!” Não chamavam travesti porque naquele tempo, lá no interior, não via viado feminino, feito mulher.

Não via, o primeiro fui eu mesmo. Por isso que lá todo mundo me respeita. Até aqui em João Pessoa, no jornal botaram: “primeiro travesti de João Pessoa”. Nesse tempo, o povo não assumia, era escondido. E eu era do povão mesmo. Eu era do povão. Todo mundo me considerava, me respeitava. Até os marginais. Não mexiam, não, me respeitavam. Lá em Mari, eu ainda estudei, pequena. Quando voltei, tudo diferente. E, outra, que eu tinha vergonha que eu era desse jeito. Achava que o povo ia mexer comigo. Saí também por causa disso, o povo começou a me chamar de macho-e-fêmea, dizia que eu tinha dois sexos, que não sei o quê... Aí eu não gostava:

— Dona Maria, Ninor é macho.

— É macho nada, isso é uma fêmea, com a cara de mulher desse jeito, com o cabelão desse jeito.

Diziam coisa, minha mãe chegava, mexiam com minha mãe. Porque ela dizia que eu era m... Pensando que... Não sabia o que fazer. Não ia estar arengando com ninguém. Mas o povo jogava isso direto porque... Jogava, mexia com ela perguntando por mim. A bichinha:

— *Ele está em casa.*

Ah, menina, pra que ela chamava ele? O povo não aceitava. Dizia:

- Que ele?
- Aquilo ali é *macho-e-fêmea*!

Figura 1: No colégio



Fonte: acervo pessoal

Pobre da minha mãe. Já, como ela não era a minha mãe verdadeira. Ela se chocava, né? Porque foi ela quem me criou. A minha mãe verdadeira eu não conheço, não. Eu conheço só a que me criou. Zé Rodrigues, quando ele morreu, eu era pequenininha, me lembro de tudo ainda. Deu muito conselho a mim, para eu não abandonar a mãe. Porque sabia que eu não era filho verdadeiro: “— a gente lhe respeita do jeito que você é, não deixe, Maria. Você sabe que os próprios filhos dela não a respeitam.” Está vendo como meu pai dizia? “— Os próprios filhos dela, Ninor, (porque eles me chamavam Ninor), não respeitam sua mãe, quem lhe criou foi a gente e você tem todo o respeito por nós. Por isso, não abandone Maria porque ela tem filho, mas é o mesmo que não ter. Sangue de Cristo!”. E eu pequena ainda me lembro.

Ele me chamou na cama, na hora que ia morrer: “— Nôr, nôr.” E mãe: “—Vá lá, vá”. Aí eu: “— como é que eu vou? Ele não está doente?” Ele deitadinho, com a cabecinha para o lado da parede, se desemborcou

e fez: “— eu quero conversar contigo. Eu sei que você é muito pequena, mas você vai se lembrar do que eu vou lhe dizer quando você crescer.” Ele me disse, e eu me lembro até hoje. Ele não mexia comigo. Ela dava na gente, ele não. Ele fazia pantim, mas não dava. Não tinha coragem de abaixar a mão. Eu era capetinha mesmo.

Figura 2: Aniversário em família (julho, 1986)



Fonte: acervo pessoal

Ele não queria que ela batesse, de jeito nenhum. Ela aproveitava quando ele saía. “— Nôr, venha cá. Por que você fez isso?” Eu já danava o pau a chorar, porque ele era meu pai. Quando ele levantava a mão para mim, ele ia dar? Bom, se agarrava comigo e ficava chorando. Não dava. Ela batia. A mãe é quem toma conta. Olha aqui, velhinha minha mãe, minha amiga, eu. Parece que Rosa está aqui. Faz tempo. Joãozinho lá para trás. É muito antigo.

Eu só saí de casa depois que Rosa, minha irmã, começou a me levar para o campo de fumo, para o campo de abacaxi. Para eu não ficar em casa, porque o povo ficava me chamando de macho-e-fêmea. Eu com o cabelo por aqui, mas tinha nome de homem. O cabelão grande. Eu

pequenina, uma menina, só que o nome era masculino. Meu irmão mais velho me levou para o colégio. Adalto Paiva era o professor e advogado. Ele disse:

— Severino Rodrigues da Silva, venha cá. Você é uma menina, por que você está com nome de homem?

Eu, coitada, pequena não ia saber responder, não sabia dizer nada. E ele disse:

— Mande sua mãe vir aqui depois, viu.

— Está certo, senhor.

Quando foi no dia da reunião, minha mãe chegou com aquela cara de choro. Eu disse:

— O que foi, mãe?

Eu já sabia o que era: por causa do nome. O professor disse:

— Por que você não muda o sexo de sua menina? Como é que ela é uma menina e a senhora bota nome de homem? Se ela tem dois sexos, por que a senhora não tira um e deixa um? Por que ela é hermafrodita, é?

Ele disse até isso com mãe. Foi por isso que ela me tirou de Mari e me levou para Natal, porque o povo me chamava de macho-e-fêmea. Pobrezinha, você sabe como é, né? Esse povo pobre é tudo cismado, tudo com medo. Antigamente não era como é agora. Ah, agora é liberal. Agora, homem se casa com homem. Mulher se casa com a outra. Troca o nome na mesma hora, se quiser. Mas, naquele tempo, eu duvido, visse?

Era tão certo, já como era atrofiado, o doutor disse que tinha como operar. Mãe não deixou porque foram dizer que era para fazer teste. Para que foram dizer isso a ela? Ela: “— Ai, não, não.” Não quis. Se fosse o caso de perguntar, “— Quer?”. Eu diria, “— Sim!” Eu sem saber. Mas, deixa, que teste é uma coisa que nunca foi feita. Queriam cortar a pimba, que era embutida. Quem queria fazer era o médico, esse doutor. Disseram para ela, “— Olha, Dona Maria, é teste”. E ela ficou doida. Como ela não tinha dinheiro para pagar, ia ser tipo uma experiência. Para ver se dava certo. Ela não deixou.

Nesse tempo eu morava em Mari, na rua da Aliança. Meus irmãos começaram a casar, foram ficando velhos e indo cada um para os seus cantos. Quem ficou com ela foi Rosa, mãe desses meninos que me chamam de irmão. Eles nasceram comigo e ficaram perto de mim. Ela não se mudou, os filhos dela nasceram dentro da casa de minha mãe. Os outros já estavam todos nos seus cantos. Solteira, só estavam Carminha e eu. Ela foi trabalhar em Natal, arrumou um canto. Bastião era filho de Rosa, era meu irmão de criação também. Ele era sobrinho e me tinha como irmão. De solteira só tinha Carminha mesmo, o resto eram meus sobrinhos que ficavam dentro de casa. Quando minha mãe ficou sem ninguém, Rosa, depois dos filhos todos criados, começou a beber e judiar com a minha mãe.

Eu era uma menina com nome de homem. Os vizinhos: “— Oxente, comadre Maria, a senhora pegou Nôr e diz que ele é macho? Com essa cara de fêmea”? Começaram. E minha mãe, coitada. Carminha já estava em Natal, quando ela chegava, via mãe toda diferente. Ninguém mexia. Ninguém chama de viado, me chamavam de macho-e-fêmea. Eu arengava, não era flor que se cheirasse, batia mesmo.

Eu, pequenininha, era de sainha, blusinha, toda menininha com cabelão grande. Os peitos cresceram, nunca tomei hormônio e meus peitos eram bem grandes. Abaixou porque eu gostava de os machos chuparem. Acabou o hormônio feminino, ficou o hormônio masculino e arriaram os peitos. Quando eu comecei a crescer, o hormônio feminino foi adiantando, aumentando. Eu fiquei toda que nem uma fêmea mesmo, tinha cara de mulher. Eu fiquei velha com uma cara de mulher. O povo me respeitava por causa disso. Até hoje o povo jura que eu sou uma coroa. É: “— A senhora já tem neto?”

2.2 Migração para o litoral

A brincadeira era de boneca, brincando de casinha. Qualquer pantim, se você arengasse com a outra, elas sabiam do meu caso, que a família dizia para as filhas. “— Cuidado não, minha mãe falou que tu és macho-e-fêmea”. Eu dizia: “— O quê?” Voava nos cabelos delas. As pobres eram

quem pagava o pato. E saíam para casa chorando. Depois vinha a mãe: “— Tu fizeste o que, em Ninôr?” “— Ela me chamou de macho-e-fêmea e disse que foi você quem disse”. “— Foi o que, Maria? Tu disseste isso a Ninôr?” “— A senhora não disse que ele é macho-e-fêmea?”

Mãe, sabendo disso, começou a implicar para eu não brincar mais com a menina. Com isso, comecei a andar com Rosa, que trabalhava com o capitão. O capitão me via debaixo das plantas, ou, se não, ajudando Rosa em alguma coisa. Ele disse:

— Rosa.

— Diga.

— Não quer que eu leve Ninôr lá para casa, não? Isso é que coisa que se faça com a, com o menino? Olha para aí, pequenininho desse jeito, o povo fica mexendo com ele.

—E você queria o quê? Ele com uma cara de fêmea desse jeito.

O capitão notou logo:

— É bem apelidando.

— É isso mesmo.

— Vá em casa e fale com a sua mãe, que eu vou tomar conta como meu filho.

Foi, ainda me lembro. Eu tinha uns dez para onze anos. Quando meu pai morreu, eu estava com oito ou sete anos. Era novinha mesmo. Comecei a trabalhar com Rosa. Ele era capitão de campo, tomava conta de tudo. Lá em Mari, tinha a fazenda, mas a casa dele era aqui em Tambauzinho. Rico, foi por isso que minha mãe não ligou porque ele disse que mandava tudo lá para casa no meu lugar, fazendo de conta de que estava ajudando.

Pois dito e feito. Rosa o levou para ver minha mãe, quando chegou lá e viu a casinha: “— Meu Deus, essa mulher não tem condições de criar esse menino”. A casa acabadinha, não tinha nada. Pobrezinha. E eu ia dizer que não? Ainda bem que eu já era medonha, pequenininha, mas já sabia fazer as coisas. Porque já era da tendência mesmo. Até hoje sei de tudo sem precisar de leitura nenhuma. Já é de mim, faço tudo. Nem ligo.

Nisso, o capitão Eliezer foi lá e disse:

— Não ligue, Dona Maria. Ninôr vai lá para casa, eu tenho fé em Deus que esse nome dele não vai continuar sendo Ninôr. Dona Maria, eu acho tão ridículo, uma menininha mesmo com esse nome de homem. Por isso que o povo fica apelidando.

Coitada de mãe. Calada estava, calada ficou. Depois, disse:

— Você quer, Nôr?

Perguntou até a mim. Eu fiquei assim, e disse:

— Não sei, capitão, mas eu vejo a minha mãe, não vejo

— Você é dela. Eu vou só te ajudar, você vai para minha casa para ser ajudada, para quando crescer ser alguma coisa na vida. Vai estudar, vai tudinho.

— Está certo.

Fiquei muito contente. Mãe já velhinha, me agarrei com ela, chorando. Ele disse:

— Agora que você quiser, que Rosa vir, você poder vir também.

Porque Rosa trabalhava lá no campo e todo dia tinha que vir para a casa de mãe. Eu mandava bolo, mandava as coisas. Dizia, “— olha, capitão, minha mãe gosta tanto de bolo”. Leite todo dia, qualhada. Era. “— Mãe, se a senhora vir, cada vestidinho lindo” – porque eu já usava vestidinho, não era roupa de homem, não. “— Rosa diz que você tem cada roupa bonita, muito chique”. O capitão sempre me levava lá quando eu pedia. Só ficou ruim quando eu vimembora, quando o capitão entregou os tempos de trabalho dele lá. Entregou não, vendeu a parte dele. Por que, não é assim? Eles pegam e vendem as partes deles?

— Só que vá avisar a sua mãe, que você vai com a gente, viu? Não quero que você fique aqui, não.

Já fazia tempo que eu estava com ele. Ele ficou com dó, já acostumado comigo. Era. O filho dele era lindo, começou a paquerar. Começaram a dizer que eu era irmã dele, que não podia. Pimba, eu não tinha priquita, não tinha nada. Mas, pelo menos, me respeitavam do jeito que eu era. Amei lá por causa disso, me consideravam. Ele era que me

queria. Eu me segurei, mas aconteceu eu já aqui, eu já mocinha. Diz como aconteceu? Levaram os amigos. Já entendesse? Para me experimentar, para dizer que eu curtia. Para depois sobrar alguma coisinha para mim, acho que ele pensava isso. Mas não dei. Eu dizia a ele:

— Não vou fazer nada com você, que eu sou sua irmã. Cobrava quando ele queria, aí inventava isso.

Só sei que, antes de o capitão sair de lá, ele virou:

— Você quer passar uns dias em casa?

— Ave Maria, mãe vai ficar muito contente.

— Pois aproveita que você vai para João Pessoa, viu.

Eu disse:

— Está certo.

Advinha o que mãe fez? Eu fiquei uns dias em Mari, mãe pegou e me levou para Natal. Com medo, achando que iam tomar conta de mim de uma vez. Para tu veres esse povo velho como é. Fica com medo mesmo. Eu, jovem, ainda novinha. Não estava nem com treze anos. Completei os quinze anos lá, eu era pequena. Fui para a casa do capitão bem novinha. Aí pronto. Quando cheguei em Natal, fomos ficar no morro da Mãe Luiza. Carminha disse, “— deixa eu ficar com Nôr aqui”. Ela ainda me chamava de Ninor, porque o capitão botou Nina depois que eu vim de Natal. Eu fiquei um bocado de tempo lá com minha irmã.

Aí apareceu um rapazinho, Neto, que tinha dezesseis anos e eu tinha treze. Comecei a não me dar bem no morro da Mãe Luiza, que era na praia. Areias pretas. Minha mãe pediu para ficar com ela, porque sentiu que eu estava adoecendo. Com o nariz entupido, até hoje não me sinto bem com o frio. Só sei que eu fui. O rapaz, lindo, começava a me olhar assim com aquele olho penoso. E eu toda moreninha, toda enxeridinha. Ainda me lembro.

Ele pediu a mãe para me levar para esse cinema do Alecrim. Lá tinha um cinema nesse tempo. Carminha dizia, “— tu queres ir, Ninor? Vai com Neto. Agora, não diga nada sobre você, porque ele vai fazer perguntas. A gente te chama de Ninor, mas se ele te perguntar seu nome verdadeiro,

diga que é Severina”. Por que não é Severino? Nôr era apelido. “— Diga que é Severina, não diga o nome verdadeiro”. Eu disse, “— está certo”. O menino ficou doido por mim. A mãe mandava, a minha irmã liberava. Eu tinha que perguntar a ela, que ela era mais velha.

O menino começou, doido, novinho, seco. Advinha o que eu fazia? Ficava roçando. Ai, como era bom. Tudo. Eu era muito boyzinha. Era tão sério, que ele dizia:

— Se você fosse na minha casa, vou fazer tudo para segurar você”

— E tu me aceitas desse jeito?

Ele era entendido e eu não sabia. Nem sabia o que diabo era isso. Acho que ele era gay também e não sabia. Homem, lindo, lindo. E eu ia saber o que era isso? Não sabia, não. Não sabia o que era viado. Sabia não. Eu vim saber, bem dizer, mesmo, depois que eu cheguei aqui e o capitão disse. Até minha mãe dizia, lá em Mari: “— Não vá andar com Bené. Bené é uma pessoa assim, assim e assim”. Mas eu dizia, “— e o que é, mãe?” Ela sem querer me dizer, porque já sabia que eu era travesti. Que quando crescesse, não ia virar masculino, ia virar fêmea. Ela dizia:

— É um homem que curte com outro homem, ele transa com outro homem. Ele vai se aproveitar de você. Ainda que ele não quiser fazer, pega os carinhas, para curtir com ele, e botar você de isca.

E aconteceu tudo que ela me disse. Está vendo que não pode? Ele pegava e dizia, “—você curte com ela se sair comigo primeiro”. E eu ia adivinhar? Os caras, para saírem comigo, faziam. Mas era escondido. Tu sabes como é interior, pequenininho. Meu irmão, que é do Rio, quando me via com Bené na pracinha que tinha lá, até hoje ainda tem... Só que agora é mais chique, uma coisa bonita. Não era que nem antigamente. Bom, chegou, escondidinho. Ainda me lembro, não tinha luz. Não tinha nada nesse tempo lá, onde ela morava, onde eu morava.

No escuro, cheguei lá:

— Nôr!

— Senhora, mãe.

— Você vem de onde?

— Eu venho lá do babau.

—Você estava olhando o babau, foi? Cadê Joãozinho?

—Ele estava lá vendendo laranja.

Joãozinho era meu irmão, o encostado a Né. Meu irmão de criação, o sobrinho que dizia que eu era irmã. Ela disse, “— e cadê Joãozinho?” “— Está lá, ficou lá ainda.” “— E por que você veio simhora?” Mentira, eu vim embora logo porque eu já tinha feito. Não era trepar, o negócio era sarrar. Eu não tinha coragem de dar a bunda, não. Eu não dava. Era sarrar. Eu amava. Quando eles faziam... Ai, como era gostoso. Foi o que fez sair de dentro. Foi isso, era embutido. Como se chama, atrofiado. Eu ficava toda atacada que eu não queria que ele botasse, advinha como eu fazia? Nas cochas, ele jurava que estava... Foi o que fez eu não querer atrás, porque eu me sentia bem.

Saía só com quem? Com os boyzinhos. Qualquer coisinha... Novinho. E naquele tempo não tinha esses negócios de droga. Agora tem droga. Eu, agora, nessa idade, faço fora e meu dedim não joga, sendo jovem. Sabia que ele ia puxar, por que tem disso, né? Mas não deixei. Mas, menino, haja custar e eu toda l... Ele disse:

— Por que você é assim, a sua priquitinha? Porque eu com essa idade já joguei, por que tu não?

Eu dizia:

— Ah, vai tirar. Tira de dentro de mim.

Eu não aguentava mais. Mas ele era carinhoso, fazendo carinho, massagem.

O rapaz rico, eu ia me iludir com o rapaz rico? Toda vida eu fui esperta. Já grandinha, com treze anos. Não, eu saí de lá ia fazer quinze anos. Comecei mesmo a dar, foi em Natal. Neto foi quem tirou minha virgindade. Ele também era virgem. Ele só pegou atrás de mim, porque eu não dava de jeito nenhum. Ah, não, eu tinha medo. Meu negócio era a frente.

— Olha, não se preocupe, não. Eu vou comprar isso e isso, não vai te machucar.

— Só vai usar isso mesmo, porque na frente não entra nada, só sai.

Quando eu saí de Natal ia fazer quinze. Fiquei uns dias em Mari até o capitão saber que eu estava lá. Minha mãe ainda empatou de eu sair, de andar para a rua. Porque mãe notou que eu estava mais ainda, que eu me transformei mais em mulher, cresceram as pernas, ficou bem diferente. Mas quando fui crescendo, muita coisa era para não ter feito. Era, se não quisesse ficar com o negócio atrofiado. Mas eu gostava. Porque, quem não gosta?

Minha mãe pegou o Geraldo, meu irmão que era fraco do juízo. Eu dizia: “— mãe, quero voltar para Mari”. Ele era fraquinho... a namorada adoeceu ele. Está vendo como naquele tempo já tinha gente mafiosa? Foi porque o rapaz não quis a menina. Meu irmão. Porque descobriu que a menina era negócio de macumba. Era. Para tu veres que a gente não gosta desse negócio de macumba. Gosta não. Ela fez uma ameaça, se você me deixar... Foi dito e feito.

Ele não acreditou, morreu doido. Porque mãe não acreditava, não foi atrás nem nada. Geraldo pediu, “— mãe, quero ir para Mari”. Em Natal, mãe tinha medo de soltar ele, deixar à vontade. Foi internado aqui no negócio dos doidos. Aqui em João Pessoa. Ele foi embora pé daqui até em Mari. Fugiu. Caminhando, fugiu do “coisa” dos doidos, do Juliano. Chegou lá só o catatau. Disse a mãe qual foi o motivo. Doidinho, mas ainda falava com a gente. Gostava de mim que só. Ele veio embora. Quando chegou em Mari, o capitão descobriu que eu tinha voltado de Natal para cá e mandou me pegar de carro. Ele ainda tinha uns parentes nessa fazenda. Lá, os parentes dele descobriram que eu estava em Mari. O capitão foi me pegar, e até hoje.

Era Iraci, Nildo, Normando, Neura, Lúcia, Neli já estava na casa dela. Não, Neli era com a gente. Lá em casa ficou Lúcia. Lúcia ainda morou com a gente. Não estava na casa dela ainda, não. Neura estava solteira. Nilza estava solteira. Nilson me paquerava; quatro, estava solteiro. Normando era casado, mas morava no primeiro andar em cima. Eu, seis. Tinha o capitão Eliezer, sete. Dona... Esqueci o nome da minha patroa. Estava tendo até uma foto da bichinha por aqui. Eu fui crescendo, tinha que

ajudar, né? Mas tinha empregada lá, eles pagavam tudinho. Depois que a empregada saiu. Quandoera pequena eles não deixavam, mas, quando fui crescendo, já que eu era de casa...

Iraci, Dona Iraci. Oito. A casa era assim, tu sabes como é, né? Os filhos iam todinhos para lá. Era, tinha empregada. Como era o nome dela, Jesus? Maria, era Maria. A empregada lá de casa. Isso tudinho, era gente. Sim, e tinha lara que era caçula, mais nova que eu. Eu comecei a trabalhar depois que saí da casa dele, que eu queria ser liberta. Livre, porque ele metia medo de eu sair. Não namorava, nem nada. Se namorasse, era tudo escondido. Namorava escondido.

Cada tempo que eu ficava na casa do capitão, o homem rico, eu ficava mais feminina. Pobrezinha não tinha como. Foi outro tererê quando eu voltei. O Capitão de Campo, Capitão Eliezer, de Tambauzinho, foi na minha casa pediu a minha mãe para tomar conta de mim. Porque eu era bem pobrezinha. Ela não tinha condições de dar tudo que eu podia, né? Que eu podia não, que eu queria. Já que eu era mocinha, era menina, fui crescendo. O capitão Eliezer pediu para tomar conta feito uma pessoa da família dele. Depois, não fui mais para Mari, fiquei aqui em João Pessoa, me casei aqui em João Pessoa. Arrumei casa, arrumei marido, tudinho aqui em João Pessoa. Era bom. Foi ele que me assumiu.

Ah! Foi ele que botou o nome Nina, por causa de uma novela que chamava Nina. Ele disse:

— Ô, Ninor!

— Senhor.

— Venha cá.

Ele estava assistindo televisão, era até em preto e branco nesse tempo, aquela televisão antiga, aquele bauzão:

— Está vendo o nome dessa novela?

— Estou, senhor.

— Pois seu nome vai ser o nome dessa novela. Seu nome agora vai ser Nina. Não tem nada de Ninor. Ninor é nome de homem. Você agora vai ter nome de fêmea. A partir de hoje, de agora, já sabe, seu nome é Nina.

— E a minha mãe vai aceitar?

— Você mora com quem? Você mora agora com a gente. Se a gente vai aceitar mudar seu nome, ela vai aceitar também.

Foi dito e feito. Até hoje. Eu cresci lá, eu ia para o interior. Chegava, ela já sabia e tudo. Meu nome ia ser Nina mesmo. Ela aceitou. Não foi contra, não. Meu pai nesse tempo já tinha morrido. Ele morreu de bebida, de tanto beber cana. Acabou, ele morreu. Agora, ela não está mais viva. Aconteceu uma coisa, esses tempos. Ela ainda era viva. Ela só veio morrer depois que eu me casei com Genival.

Comecei lá com o capitão Eliezer. Quando cheguei em João Pessoa, comecei a conhecer as pessoas e terminei com Wilson Braga. De Wilson Braga, eu me casei com. Comecei a fazer coisa de aniversário, lembrancinha. Esses negócios assim. Enfeitar clube. Era só quando era chamada, não era direto. Quando o povo precisava, já como eu tinha aquele dom, fazia, dava opinião. Que nem minhas festas daí. Até hoje eu faço, por quê? Porque eu sei.

Era uma femeazinha mesmo. Foi o pai de Ricardo, que é advogado, que me chamou para a casa de seu Wilson de Menezes. Lá, eu não vou mentir não, fiquei com liberdade mesmo. Lá foi quando eu comecei a namorar, conhecer as pessoas, né? Ia para as festas com os filhos dele, eles me levavam. Os meninos dele me levavam, os rapazinhos. Levava quando tinha, nesse tempo, era assustado. Eles faziam assustado. Faziam a festa americana. Comecei a sair com eles. Aí comecei outra vida, namorar, namorei, me casei. Foi, com Genival. Foi quando eu fiz trinta anos. Nesse tempo eu estava lá no Cordão Encarnado. Lá no centro da cidade.

O capitão Eliezer era em Tambauzinho. Eu saí de Tambauzinho, aí seu Wilson me levou de Tambauzinho para o centro da cidade. De lá, fui morar na Franca Filho, na praia. Esse povo também, o capitão. O capitão não, seu Wilson de Menezes. De lá, fomos lá para Treze de Maio. Eu morei em um bocado de canto com eles. Para onde eles iam, já que eles tomavam conta de mim. Aí quando eles iam, eu ia também.

Depois de Wilson de Menezes foi Wilson Braga. Engraçado, fui para as casas com o mesmo nome, mudava só os sobrenomes. Era uma família. Conheci seu Wilson de Menezes nas políticas. Wilson Braga pegou, “— você não quer trabalhar com a gente, não?”. Eu disse, “— e seu Wilson?” Wilson Braga era governador. Ele disse, “— eu posso tomar conta de você, é só você ficar com a gente”. Aí, tu sabes, né? Eu, pobre, ia dizer não? “— E, outra, seu Wilson quer você lá como filho de casa. Acho que não quer nem dar nada a você, não quer te ajudar em nada e você já está uma pessoa grande. Você tem que ter suas coisas” – dizia isso comigo. Atiçando para eu ter dinheiro. Só sei que eu fiquei.

Da casa de seu Wilson de Menezes, eu fugi de lá no tempo das políticas para morar com Wilson Braga, no tempo que ele era governador. Eu dei tanta sorte que nesse ano ele foi governador mesmo. Quando Lúcia Braga pegou, ia ter esse show de transformistas no Show do Bolinha, de São Paulo. O Show do Bolinha estava de caravana, viajando pelos cantos. Veio bater aqui em João Pessoa. Dona Lúcia Braga, quem mandava eram as mulheres nesses negócios de show, essas festas.

Lúcia Braga sabia que aqui tinha travesti, tinha homossexual, mas era tudo *coisado*. Ela fez um comentário na televisão, dizendo que queria dez homossexuais para fazerem show no Show do Bolinha. Ela me botou no meio. Eu fiz até o show da Madonna. “— Vai ter as viagens, as caravanas para viajar também”. Eu viajei mesmo. Ainda fui para Fortaleza, fui para Patos, fui para Maceió e de Maceió voltei de novo para João Pessoa. Para entregar os componentes que saíram daqui, com o cantor.

Fernanda Bevenuto, Roberta, Chiclete, como é o nome da outra? Foram muitas. Tinhas umas que eu não conhecia, não tinha intimidade. Foi chique. Ficamos algumas horas em Campina Grande, passaram lá também, pararam. A gente ficava nos hotéis. Foi chique. Quando voltei, fiquei na casa de Wilson Braga de volta. Eu trabalhava dentro de casa mesmo, comecei a trabalhar como diarista depois que me casei, quando já estava com Genival.

Ele trabalhava do lado dele, e eu do meu. Ele trabalhava de garçom, em restaurante. Comecei morando no Miramar, que nem quem vai lá

para a praça das Muriçocas, naquela parte de baixo, naquele bequinho apertadinho. Passamos mais de ano. Ficamos ali uns dois ou três anos. Quando eu me casei, Genival estava com dezoito. Eu estava com trinta e três, parece que é isso mesmo. Quando eu conheci Genival, que eu descobri a idade dele, não tive coragem porque ele era muito novo. Não quis me envolver. Mas eu não abandonei ele, ele lá e eu cá. Ele novinho e eu já velha. E eu disse:

— Tem uma coisa: você quer morar comigo, só não quero de aluguel.

Fui logo avisando:

— Aluguel, não. Você consiga dinheiro. Eu te ajudo, mas não quero morar em aluguel porque não presta, não rende seu dinheiro nunca. Seu dinheiro sempre acaba.

Foi dito e feito. Quando ele ficou de maior, que eu descobri a idade dele, abandonei ele. Quando ele ficou de maior, eu já estava lá em seu Wilson Braga. Foi, que ele disse:

— Não, Nina, desde que não saia com ele, fique sempre aí no seu canto, eu não empato. Eu vou te dar uma força, para você e para ele, que eu estou vendo que ele é uma pessoa boa e está te respeitando, como você é uma fêmea. Não está te respeitando como você sendo travesti, nem viado, não. Está respeitando você uma fêmea, por causa disso eu vou te dar apoio. Foi dito e feito. Ele fez o casamento. Olha aqui como era chique a casa dele. Era só vidraça e a piscina aqui do lado. Quando eu chegava, a esposa dele era doida por mim. Tinha que bater foto chique nos cantos. Ainda me lembro, “chegou Nina!”. Ainda me lembro, ela corria lá para bater foto.

Nilza era parente desse povo, do dono do Atacadão. O irmão era marido de Nilza e eu não sabia.

Figura 3: Casa de Seu Wilson



Fonte: acervo pessoal

Eu já no meu canto, na minha casa. Só que quando eles queriam alguma coisa comigo, vinham, me levavam lá para fazer festa, ver as coisas. Ela pegou e disse, “— olha, Nina, vem aqui em casa”. Foi lá em Tambauzinho. Cheguei lá ela pegou disse, “— sabe o que é, Nina? Tu não sabes de nada. Tem uma festa, uma amiga minha lá na praia, em Tambaú, que está precisando de uma pessoa para fazer comida e fazer uma decoração.” Vieram me pegar num carrão bem grande, eu sem saber que era o dono do Atacadão. Vim saber no dia da festa.

Ficou calado lá, acho que quiseram fazer uma surpresa a mim. Peguei e fui. Só sei que chegou lá e a esposa dele, né? Haja conversar, haja conversar:

- Você faz isso mesmo?
- Faça
- Quer dizer que não precisa contratar?
- Não, negócio de buffet, de comida, não precisa, não.
- Você toma conta?
- Tomo. O aniversário é de menina ou de menino?
- É do meu filho, ele vai fazer quinze anos. É de Zé Neto.

Zé Neto, não menino. Zé Neto é o primo dele. Como é o nome do rapazinho nesse tempo? Eu disse, “— melhor ainda. Sabe o que é o enfeite, fulana?” É isso e isso e isso... Comecei a orientar a mulher porque ela ainda estava em dúvida do que era para fazer. Para tu veres como eu era capeta. “— Faça do jeito que eu estou te dizendo”. E eu não tinha nem intimidade com ela. Ela fez, “— porra, a menina nem me conhece. E está mandando eu fazer isso”.

Até o buffet quando chegaram. Porque teve o buffet. A parte da comida eu tomei conta e eles tomaram conta de outra repartição. Até o buffet. Quando tinha festa, os buffets me contratavam para fazer ajuda, para dar uma mão nos pratos, para orientar. Nisso, quando a festa começou, os djs, dança... Casa de gente rica tem os cantos de festa, os palcos. Aquele negócio. Eu peguei, mandei fazer aquelas mesas para o salão de festa, mas menina! Comecei, com três dias dei conta.

Eu e as empregadas que tinha lá, eu fui só como chefe, né? Fui só como chefe, orientando as meninas. Como era assim, assim e assim. Coisas que elas não sabiam. Quando começaram, até o buffet, quando viram tudo pronto, ficou assim, ó. “— Ela nunca trabalhou em buffet?” A menina, “— não, é uma vez ou outra. A dona da festa contratou ela só para dar orientação aqui.” Tu não sabes de nada, me contratou. Foi para ficar com eles lá na casa mesmo. Não foi na loja, não. Foi na casa do dono. Eu peguei e haja lá, haja lá e haja lá. Aí o dono da festa, o pai dos meninos, do aniversariante, chamou:

— Vânia.

— Diz, Beto.

— Cadê a menina? Apresente ela aqui.

Eu fui, quando olhei, “— ai, que homem lindo, lindo”. Era lindo o dono, jovenzinho, novinho. Lindo, os olhos azuizinhos, lindo. Eu disse, “— ai, que coisa linda”. Eu via, mas ia adivinhar que era o pai dos meninos, do rapazinho? As meninas filhas, tudinho. O pai não via, porque você sabe como é dono de loja, fica o dia todinho nos gabinetes, nos negócios. Quando eu olhei, ele disse:

— É você que é Nina?

— Sou, sim, senhor

— Você é irmã de criação de Nilza, é?

— Oxe, e o senhor conhece Nilza? Nilza é minha cunhada.

— E é?

— Não foi o pai dela que criou você

— Foi, senhor.

— Você sabe com quem está falando?

— Ela disse que o nome do pai do menino é Beto.

— Beto Wanderley, eu sou dono do Atacadão dos Eletros. E você está contratada para ficar aqui.

Estás vendo? Eu sem saber ler, sem leitura. Por isso, que eu digo: o que é que a sua experiência não faz? Fiquei na casa do dono do Atacadão, me contratou. Eu digo, “— Seu Beto”. Aí fui logo chamando Seu Beto. “— Pode chamar de Beto”, um boyzinho, novo. “— Pode me chamar de Beto. Você vai conhecer meus irmãos. Você já conhece Belô?” Eu disse, “— não”. “— Belô é o que mora com a sua irmã”. “— Mas, olha, pelo amor de Deus”. “— Você frequenta mais lá, né?”. “— De fato, que eu sou casada, moro na minha casa e tenho outros serviços”. Lá vem Belô, outro bonitão. Só que Belô já é mais velho do que Beto, o marido da minha irmã. Eu peguei e disse:

— Mas, olha, pelo amor de Deus. Homem, pelo amor de Deus.

— É você a Nina, né?

— Sou, senhor.

— Prazer, viu. Nilza disse que você chegou lá pequenininha, não foi?

— Foi, senhor. Unas dez ou nove anos, e Nilza era juvenzinha também. Aí pronto, ficou como família.

— Ah, não. Você vai ficar com a gente. Meu irmão já disse que você vai ficar. É bom que você já faz parte de nossa família.

Foi logo dizendo mais isso. Foi. E me respeitavam, sabiam que eu era travesti, mas o que? Os meninos, os aniversariantes, os filhos e as filhas, porque só tinha ele de rapazinho mesmo. O resto é só fêmea.

Tudo doido por mim. Era tão sério que quando eu saí ele me orientou. “— Não trabalhe para ninguém.” Foi, mesmo depois que eu saí de lá, ele me orientou:

— Não trabalhe para ninguém. Porque você tem tudo para trabalhar para você. O dinheiro que você vai ganhar daqui, já que você não quer mais ficar com a gente, você guarde. E a gente vai fazer um negócio para você. E vai ser para você ficar em casa.

Fiquei contente, “— e o que é, Seu Beto?” – eu disse. “— Você vai trabalhar em loja de brechó.” Tu sabes roupa de rico como é, né? Foi o que me levantou mais ainda. Ele mandou eu guardar. Juntaram-se o povo de Recife, o povo aqui de João Pessoa, de Natal, que ele também tem loja. Em todo canto ele tem loja. Em todo canto. Chegou. Olha, só de roupa. Roupa nova de brechó. Da família, né? Passou para ele, que já sabia para que era aquilo. Eu disse, “— Seu Beto, ave Maria!” Já gostava dele. Não queria que eu me metesse mais de trabalhar para ninguém. Não foi nada dele.

Diz o que foi? Uma irmã dele que fez isso tudo. Não foi o dono da loja, é tão certo isso. Por isso que estou dizendo a você. Ele não queria que eu trabalhasse mais para ninguém. Que era para eu ser dona de casa e abrir essa lojinha do brechó para mim. Nisso, teve umas partes que eu desmanchei na frente da casa. Já morava aqui, mas a casa não era desse jeito. Era diferente. Remodelei tudo de novo. Não tinha nem esse quitinetezinho de lado, faz tempo. Faz muito tempo. Eu disse, “— e aí?” “— Não precisa alugar canto nenhum, para não gastar seu dinheiro. Você faz na sua casa mesmo.”

Mas, o quê? Depois, quando eu abusei das roupas, fui lá no Atacadão, ele disse, “— vou dar a ordem lá para você pegar coisas para revender. Tudo no precinho e você ganha seu dinheiro em cima.” Era DVD, era televisão, era ventilador, era ferro elétrico... Tudo de miudeza. Tudo com garantia. De lá do Atacadão. Ele disse, “— mas não acabe com o brechó, não.” Eu disse, “— está certo”. Sempre o povo me orientava. Eu dizia, “— sim, porque no brechó o preço é menor”. Foi dito e feito.

Isso aqui já era do Atacadão dos Eletros. As peças que eu ia pegar lá: ferro elétrico, ventilador. Isso aqui era minha loja, já. Era muita coisa. Quando ele disse, pode ir lá que você tem direito de pegar o que quiser lá para você revender aqui.

Figura 4: Loja



Figura 5: Loja



Fonte: acervo pessoal

Mas levou umas cacetadas minhas. Eu sou doida. Até os filhos foram a favor de os direitos ficarem para mim. Os que eram para a mãe ficaram para mim. Porque elas eram tudo com Nininha. Tudo era comigo. Todas as festas delas se aproveitavam do irmão, puxava para ela. Entendesse? Eles me tiravam do irmão, e eu ia para a casa dela fazer as festas. Pagavam mixaria. Em diferença do irmão. Já entendesse? Trabalhava feito louca. Não dizia nada porque era irmão do dono da loja.

Beto me tirou para a loja. Fui trabalhar na loja. Foi um inferno na minha vida. Porque essa dona, que é a irmã, começou. Tu não sabes por que? Porque vinha da fábrica mesmo. Vinha o tal do brinde. Você tinha direito a receber brinde. Por causa de seu trabalho, que é bom. O que eu apresentava saía muito. Aí aquela fábrica daquela empresa, você fazendo isso, você é um funcionário bom. E as fábricas mandavam o brinde. Os carros chegavam, tinha o brinde de fulano de tal.

A infeliz da Ana começou a ficar com inveja. Um rapazinho que trabalhava lá começou, “— Nina, tu cuidado com Ana, visse?” Ana Wanderley. “— O que é que está acontecendo?” “— Eu estou ouvindo comentários de que esses brindes que tu estás recebendo não é que vem, não. É Beto que está te dando. Ela está achando que Beto tem alguma coisa contigo”. Eu digo, “— sangue de Cristo! Meu Jesus, se esse homem descobrir isso, vai pensar até que sou eu que estou inventando.” Porque o homem era muito lindo, todo mundo caía. Era. Disseram que ele... Mas eu não sabia. Lindo, você vê assim e fica... Olha. Um homão, lindo ele.

Foi depois de muito tempo, essa história da Ana, safada. Começou a dizer que era mentira, que Beto estava me dando os brindes. Sangue de Cristo! Não era, vinham as notas e tudo. Eu não precisava, minha casa era pequena. Vendia para ganhar dinheiro. Vendia, quando chegava, as lojas vinham deixar aqui. Eu vendia. Quando eu descobri, que o rapaz me entregou o papel. Eu lá, ele me entregou o papel lá, que eu estava lá na loja. “— De quem é isso aqui?” “— Você não sabe que o funcionário recebe da fábrica”.

Aí eu me toquei que o rapaz já tinha dito, “cuidado”. Caí no laço, fui fazer a besteira. “— Pois você não vai receber, não”. Eu disse, “— o quê?”

Não vou receber? Se está no meu nome, criatura”. Todo mundo disse isso, depois da história passada. Ela olhando e sabendo para quem era aquele brinde. Ainda me lembro. Era uma mesa de vidro com as quatro cadeiras, linda, linda. Não contei a história. Quando ela disse, “— isso aqui você não vai receber”. Eu disse, “— o quê? Você não está vendo que isso aí é das fábricas, mulher? Que mandam pros funcionários que trabalham bem.” Para você ver que eu não estavala como funcionária, estava só representando um funcionário.

Era, eu nem trabalhei como funcionário lá. Se eu fosse pega... Eu atendia os clientes para a aquela pessoa. Para tu veres. Aí pronto. Entendeses já? Tu entras na loja. “— Diga”. Pego você, venha. Passo ele para outra. A infeliz achou. E eu não contei a história. Peguei o papel da mão dela. Quando eu puxei, ela inventou de desfazer de mim, me empurrar. Não deu na minha cara, não. Mas eu dei na cara dela. Ela me empurrou. Quando me empurrou eu disse, “— está desfazendo de mim porque é rica e é a irmã do dono.

2.3 Casa própria, corpo na rua

Os bairros que eu já morei. Castelo Branco, comecei em Tambauzinho. Bairro dos Estados. Como é que diz? Treze de Maio. É muito canto. Tudo em casa. Qualquer pantim, eu saía quando não prestava. Não levava desaforo. No Cristo Redentor, Centro da cidade, no Cordão Encarnado. Deixe-me ver, Cabo Branco, Manaíra. E lá em Beto, em Tambaú. Trabalhei em Tambaú com Beto. Trabalhei na casa de Beto duas vezes. De Tambaú fui para o Bessa. Em Miramar, foi quando me casei.

Com Genival, eu ainda morava na casa de seu Wilson. Morava com Seu Wilson de Menezes. Não era com o capitão mais não, já estava com outro povo já. Ele trabalhava num canto, ele ainda era jovem. Eu só queria ele quando eu tivesse na minha casa mesmo. A gente comprasse casa e tudo. Eu não queria morar em aluguel, não. Ele trabalhava num canto e eu no outro. Eu trabalhava com Seu Wilson. Sim, depois Seu Wilson começou a me dar mesada. Que ainda nesse tempo, eu ainda não... Já

como ele tomava conta de mim, ele me dava mesada. Do jeito que ele fazia com os filhos, ele fazia comigo.

Aí eu saí juntando aquele dinheiro da mesada que ele me dava. Fui juntando, juntando... Fui comprando minhas coisas. Foi, eu já estava com aquela tendência de morar com o menino, com Genival. Todo dinheiro que seu Wilson me dava, eu guardava. Trabalhava lá com Seu Wilson. Comecei a trabalhar quando Genival disse que Seu Wilson ia fazer nosso casamento. Nesse tempo era proibido, né?

Não podia, de dois sexos não podia. Ele pegou e fez nas entuca. Aí casamos, e pronto. Fiquei quase dois meses ainda com Seu Wilson, enquanto ele conseguia a casa. Pronto, quando ele conseguiu a casa. Apanhei um emprego na casa de Assis Camelo, o nome do homem era Seu Walter. Eu fui morar na casa de seu Walter, da família dos Camelo. Família antiga, fui morar com eles. Genival trabalhava na casa de seu Judivan Cabral que era um vereador daqui de João Pessoa. E eu trabalhava na casa de seu Assis Camelo.

Numa família só, eu já trabalhei na casa de Assis Camelo, Milton Camelo e Walter Camelo. Numa família só, para você ver como eles gostam de mim. Só da mesma família. Naquele tempo, quando tinha festa numa casa, só eu ir lá falar com os irmãos para fazer a festa. Eu já trabalhava com negócio de bolo, de enfeitar as coisas quando precisava. Com a família de capitão Eliezer, de Nilza, ele tinha uma filha chamada Nilza. Ela se casou com Belô. Mas eu não sabia de que família que Belô era.

Meus patrões eram tudo... Que me ajudavam. Trabalhei um bocado de tempo com ele, parece que uns dois anos. Sim, fiquei com a mulher de Ricardo. Fiquei um bocado de tempo com a Devani Pinto, que é advogada e ia para lá também ajudar ela. Só que na casa dela era só diarista. Quando a empregada saía, eu ia para lá, ela me chamava. Ou então quando tinha festa, quando tinha festa era comigo também. Aí desse jeito... agora estou velha. Estou separada, fico na minha casa.

Quando eu saí da casa de seu Wilson, fui morar na minha casa. Através daí, foi quando eu comecei a trabalhar. Aí saí conhecendo. Eu comecei a trabalhar no Atacadão dos Eletro por causa de minha irmã

de criação, que é a filha do capitão Eliezer, que me tirou de Mari. Aí Nilza casou, só que casou com o irmão do dono do Atacadão. Só que eu não sabia, não tinha intimidade. Foi ali par o Miramar. Quando eu saí da casa foi par o Miramar, aí do Miramar foi aí para a Santa Clara, na parte de baixo, na favela. Aí da Santa Clara, vim aqui pra cima. Morar aqui em cima. A casa era minha. Foi com Genival, com quem eu me casei. Foi o que durou mais tempo, passei quase uns quinze anos com ele.

Quando deixei Genival foi embaixo, já vim para cá só. Fiquei com medo de ele cair depressivo. Deus me livre de acontecer nada com ele. Fiz um acordo com ele, ele aceitou. Só que ele ficou implicando do acordo. Coitado, em saber que estava na casa e não ter nada com a pessoa com quem ele casou. Eu não quis, tomei abuso quando descobri a traição. Tomei abuso, não quis papo. E outra, que foi através de macumba. Até no Atacadão dos Eletros, ficou... por causa da convivência. E quando chegavam os brindes aqui, os presentes da loja? Ave Maria.

Figura 6: Com Genival no aniversário



Fonte: acervo pessoal

Até os presentes quando vinham de lá, ele achava que aquilo era um macho que estava me dando. E eu precisava conversar com ele, “— está chorando por que, Genival?” “— Isso foi algum macho que mandou para você, não foi, Nina?” Eu dizia, “— Genival, isso é da loja. Isso é porque eu

sou uma funcionário boa, Genival. A empresa manda o brinde. Porque está vendendo bem, por isso que estão mandando”. Era ciumento. Pegou depressão depois que eu deixei, depois da separação. Depois que ele veio do Rio. Porque eu deixei Genival mesmo já depois que ele foi embora para o Rio. Quando ele voltou do Rio com a dona e três filhos.

Quando esse negócio do feiticeiro fazer isso com Genival, eu não quis ele nem branco. Poderia me dar ouro em pó, eu não aceitei. Sim, e ainda não deixei ele ficar com esse catimbozeiro. Fiz tudo, mas tirei ele da vida do homem lá. Ele se aproveitou que o menino era bonito. Só que Genival sabia que eu não ia ficar com ele mesmo. “— Nina não vai me aceitar, Nina mais me pedia. Eu não podia botar cangaia nela com um homossexual.” E logo com quem? Com um catimbozeiro, feiticeiro. Se me considerou uma fêmea, eu não fazia questão se fosse pelo menos um travesti. Mas um homem? Eu disse, pronto. É um viado também.

E eu tinha ele como homem, não era como viado. Foi aí que começou o papapá. Nesse tempo eu era da TV Correio. E esse safado desse viado era jurado de lá. Chegava o show de calouros, esse catimbozeiro fazia parte dos jurados. Tinha uma hora de programação deles, do Xangô dele. Pois por trás de mim, fez isso com Genival. Quando eu descobri, o quê? Quando eu descobri, porque não gosto de traição. Detesto traição, eu respeito, considero, mas, se eu vir qualquer traição comigo, faço um jeito daquela traição afastar. Não fico com você para sair ganhando de mim, não. Eu faço tudo para você não ganhar. Já que você fez traição comigo, você vai ser castigado.

Foi o que eu fiz com o xangozeiro. Fiz tudo, acabei mesmo. Não quis envolver nadinha não, quando entreguei, ele pegou, disse: “— Vou dar-lhe uma pisa aí no meio da rua, vou mandar Maria Padilha, vou mandar Zé Pilintra dar uma pisa, sinhazinha rapariga, sinhazia fuleira. Seu marido é meu”. E eu me envenenei. Antes de quebrar a casa, de quebrar tudo, pedi logo força a Jesus, bati os pés três vezes. Engraçado que ia dar meio dia. A dona, a vizinha pegou fez assim pro meu lado, ela que não gostava dele. “— Jesus, me perdoe que eu fui atacada por uma macumba e essa macumba é por causa de meu marido. Jesus...” E eu chorando:

— Jesus, quero que essa pessoa seja castigada e quem vai matar, quem vai acabar com ele são os espíritos dele. Os espíritos vão matar você, infeliz. Você não é mais do que Jesus. Agora, Jesus, me dai coragem.

Foi dito e feito. Ele me deu coragem mesmo e me deu força para arrebentar a grade duas vezes. Duas grades, eu arrebentei. Toda cortada, eu fiquei. Meu marido correu, o velho pensando que não ia fazer nada, danei um empurrão que ele caiu em cima de umas cadeiras de balanço. São sei se tu te lembras? As empregadas, parece que eram duas empregadas. Eu disse, “— não se meta, que você está sabendo da história. Ligue para a polícia. Ligue para a polícia”. Ligou, que eu já tinha ido dar parte já, eu estava com ordem. Só não mandaram matar o velho disse:

— Não mate, porque você sabe que com morte... mas dê-lhe uma pisa para ele saber te respeitar. Ele sabia quem era você, sabia que você era lá da tevê, que ele respeitasse você, respeitasse seu marido. Faça isso, e deixe para ver.

Ele ligou? Ele ligou? Quando Tony Show... São sei se tu ouvistes falar em Tony Show? Quando Tony Show descobriu, me via lá na gravação chorando, eu encobrindo... Por causa de que meu marido que ainda estava socado lá. Disse, “— agora, Seu Genival, você não vai sair daí de dentro para minha casa. Você vai ter que ir para outra casa.” Eu gritei, me lembro que fiz até isso, “— que Jesus vai te tirar daí, que você não é catimbozeiro, não”. Eu disse, “— você é uma pessoa de bem. Você é a pessoa com quem eu me casei e você não é viado para morar com um xangozeiro desse. Um almadiçoado”. Fiquei doida.

Disse, “— vou ter mais força do que seus espíritos, infeliz. Para tu veres que seus espíritos vão te matar”. Foi dito e feito. Mataram ele, os espíritos. Ele pedindo socorro para eu ir lá perdoá-lo. Pediu para os carros virem aqui me pegar. Para você ver que não adianta mexer com a pessoa que tem fé em Deus. Se você diz, “— ah, minha macumba, vai fazer isso e isso com fulana de tal.” Oxe, se aquela pessoa descobrir... Não tem fé em Deus? Jesus faz por donde aquela pessoa descobrir. Eu já estou

empatando esse cara de vir aqui. Já disse a ele, “— se eu descobrir, tu não vens mais na minha casa.” Jamais eu aceito.

Repare o que aconteceu depois que ele saiu da casa do xangozeiro. O xangozeiro chamou ele para me levar lá, que eu já não estava em minha casa, eu não queria ele. “— Quem vai perdoá-lo é Jesus!” Eu não vou na casa de macumba, eu fui para tirá-lo. Só que eu perdoo, mas para eu ir lá, não. Perdoo por mim. Mas para eu chegar e dizer, “— me perdoe.” Morrendo e, “— me perdoe”. Você não me massacrou? Só não vou morrer com mágoa, aquilo vai sair do meu pensamento. Saiu mesmo. Foi.

Fez muita coisa para Genival. Quando Genival arrumou uma dona, coitada. Ele veio aqui me dizer, “— ô, Nina, arrumei uma dona, mas foi sem eu querer. Não gosto dela.” “— Por que, Genival? Não era teu sonho ser pai?” – disse até isso. “— Eu não queria você com uma pessoa daquela, nem com um viado. Se lembra que eu dizia? E logo um viado velho catimbozeiro, que tem idade de ser seu avô”. Até isso eu disse.

Só sei que arrumou Gorete, passou uns tempos com Gorete, mas não gostava de Gorete. Arrumou com cantinho para morar com ela. Bom, os donos da casa despejaram. Ficaram Genival e Gorete, olha o bucho! Chegou Genival:

— Ai, que tristeza.

— O que é, Genival?

Ele estava até ali embaixo, quando fez isso, na favela:

— O que é, Genival?

— Eu fui despejado. Minha mãe não aceita, não gosta de Gorete. Nina, não sei o quê, não sei o quê...

— O que é, Genival? O que foi? Diga, meu filho, pelo amor de Deus. Mas o que foi?

— Não é de Gorete não, Nina. É o homem que me tirou de casa, o dono da casa.

— Sangue de Cristo tem poder!

— O dono da casa me tirou e Gorete está com aquele buxão, ganha, mas não ganha.

— Mas o que é que meu filho quer que eu faça? O que tu queres que eu faça, Genival?

— Nina, deixa eu pelo menos ficar aqui no terraço com as minhas coisinhas, eu juro, olha.

— Genival, ela não vai aceitar tu morar na casa de uma ex-mulher sua, visse. Ela sabe que eu sou travesti, tu achas que ela vai aceitar tu aqui dentro de minha casa? Ela vai ficar com essa humilhação todinha, Genival

— Eu converso com ela, aposto que ela não vai querer ficar jogada no meio da rua. Ela vai aceitar.

— Está certo, Genival. Vá lá, converse com ela. Agora, vou logo te dizendo. Só não pode agarrar, só não pode estar beijando. Beijar na minha frente. Só não pode ficar aquele negócio carinhoso, chamando “amorzinho”, “minha filha” (que isso aí ele dizia comigo). Se lembre, não pode. Pode vir.

— Tu deixas, Nina?

— Deixo.

Ele me agradeceu, meu coração é limpo. Eu não tenho o coração sujo. “— Por isso que Jesus me protege, Genival”. Vieram todos os dois. Podia dormir lá, mas sem putaria nenhuma. “— Você é independente. Você é homem, cozinhe, compre, você vai fazer tudo”. Fui logo cortando tudo. Não quis assim? Não podia, né? Comprou casa, comprou tudo para mim. Nisso, foi lá e a mãe aceitou. Conversou com a mãe, que estava sendo humilhado. E é uma humilhação mesmo. A mãe, disse “— arrume um carro e venha para cá”. A mãe é ruim que só, dona Severina. Minha sogra? Ela e o marido fizeram ele perder a casa.

Ele foi para a casa de dona Severina. A menina ganhou bebê para o lado de lá. Quando nasceu a bebê, a velha já implicou. Mandou conseguir um cantinho para ele. Coitado. Consegui um cantinho, arrumou e ficou para lá. “— Safada!” – assim ele me dizia. “— Nina, até hoje ela não aceita a nossa separação. Até hoje minha mãe não aceita nossa separação. Porque eu fiz isso com você.” Eu disse, “— está vendo, Genival?” – me

respeitava como uma fêmea, não como viado, sabendo que eu era, mas me considerava.

Depois de Genival, quantos homens já não arrumei? Só que é que nem eu te digo, onde eu comecei a aprender: gostar primeiro de mim. Errou? Larga. Errou? Larga. Pronto, não saía mais enganada com ninguém. Não quis aceitar mais ninguém me enganar. A gente apanha até um dia... E, graças a Deus, nunca sacaneei com ninguém. Não gosto, detesto sacanagem. O povo tenta para o meu lado, quando descubro, dou uma basta. Só sei que a pobre de Gorete já sabia que ele era casado comigo, que eu era travesti.

Gorete deixou Genival. Genival veio para dentro de casa. Eu fiquei com pena dele de novo. Voltou para dentro de casa. Eu, com dó de Genival. Ela carregou o menino. Ela pegou ainda dois filhos dele. Ela começou, porque sabia que ele era casado com uma travesti. E ela já sabia qual foi a história de nossa separação. Que foi através do feiticeiro. Nisso, eu não aceitei mais ele. Sim, enfiei ele para dentro de casa. Mas eu não aceitei mais. Estou te dizendo. Depois que eu deixo? Vem pra cá! Não aceito mais. Isso é de mim mesmo. Se eu for casada contigo e a gente se separar, nem invente. Eu te aceito, mas como amigo. Aceito como amigo, mas para curtição comigo, não. Não sai mesmo, de jeito nenhum.

Era para a boate. Meu Cacete, Xoxota, Bar do Arizona, isso era na praia. Depois veio o Inferninho. Na praia tinha canto que eu namorava. Na lagoa, eram os cantos que a gente ficava. Nesses tempos não tinha esses perigos que nem agora. Não tinha esses perigos. A gente andava tudo, saía mesmo. Ninguém mexia com a gente. A gente andava por todo canto. Não tinha pantim. A gente saía da praia, do centro da cidade para praia. Só para andar. Do centro da cidade! E ia simhora. Os carros paravam, a gente: “— não, a gente adora ir desse jeito”. Nem cansava.

Figura 7: Com Djalma



Fonte: acervo pessoal

Olha que coisa engraçada. E agora, vá fazer isso para ver como cansa, fica que não aguenta. Mas eu gostava! Ia com Fernanda, com Roberta, que agora é doutora. Esse povo agora ficou tudo... Eu que fiquei sempre nessa, mesmo. Porque eu era diferente, os outros eram masculinos. Eu era travesti. Toda vida fui fêmea. Aí pronto. E eles me respeitavam. Tinha um gay, que eu era namorada dele, para ninguém mexer comigo. Não ter intimidade de ficar jogando putaria para o meu lado, o pobrezinho desse rapaz fazia de namorado meu. Lindo ele, tinha carro e tudo. Rico. Não tinha quem dissesse, você olhava assim. Foi o que eu dei abertura.

E aceitei tudo que ele quis, porque era desse jeito. Ele era e sabia ser. Já como ele era masculino, tinha aquela moral de masculinidade, não era para estar se entregando. Ele tinha os parceiros dele, quando ia para o parceiro, ele me avisava. “— Nina, hoje não dá para a gente sair, visse. Eu vou sair com o meu paquera”. Eu dizia, “— está bom”. Eu me

aproveitava por causa do carro. Já tinha as pessoas de eu curtir. Ele não ignorava, os caras me davam cantada. Você já percebeu. Tinha cara que eu não queria. Tinha cara que eu não aceitava. Eles ficavam, “— psiu! — e com a molesta.

Pronto, Ricardo Coutinho. Eu nunca quis Ricardo Coutinho, já queria os Carneiro. Para tu veres como é engraçado. Já queria o Rui. Mas Ricardo Coutinho, não. Ele me infernizava por cartinha. Não sei se tu te lembrás das cartinhas. Mandava para o garçom e o garçom entregava a você. Eu andava com Fátima nesse tempo. Fátima dizia, “— vá!” “— Esse homem da boca... esse bicho feio. Pia, o cabelo maldito.” O cabelo dele era americano, como chama? Aquele que fica bem grandão, dos maconheiros. Ele não é maconheiro? Eu não queria saber se ele era maconheiro, ele era feio.

Quando o povo dizia que ele não usava maconha, eu dizia, “— não é por causa da maconha, é porque ele é feio. Mesmo assim, um palito em pé”. E as roupas? As roupas que eram feias. Aquelas camisas com as mangas assim godê. Ele não era hippie? Hippie não, que nem regueiro. E era aí da universidade.

Eu sou a madrinha deles. Eu dou respeito a eles, e eles me consideram. Uma vez foi com Fernanda, que eu defendi. Outra vez foi com Delícia. Os caras iam pegar Delícia, cheguei na hora e eles não mexeram. Delícia mexendo com os caras, acho que não gostaram. Eles voaram em cima dele, só que eu estava perto e não deixei. Eles me consideravam, me respeitaram. Até me chamaram atenção:

— Como é que você é uma fêmea e fica perto de uns viados safados desses. Até isso disseram comigo. Eu dizia:

— Não, pode ser o que for, mas ele é gente. Ele é cristão, ele é humano. A gente não pode se desfazer de nenhuma pessoa.

Foi quando eles viram que eu estava certa. Ele saiu, não mexeram mais com Delícia, nem comigo. Foi em Mandacaru, no dia do desfile da escola de samba. A escola estava perto da Ponte Preta. “— Aqui vocês não vão bater, não”. Eu dei conselho. Eu comecei a explicar que eles não podiam fazer isso, que Delícia era humano. Comecei a explicar que eles não eram pais de Delícia. Ele pegou e disse, “— sua felicidade, é ela. Como

é que a senhora dá atenção a um viado safado desse?" Até me chamavam de senhora, pensando que eu era uma fêmea. Delícia ficou feliz:

— Nina desse jeito, o povo pensa que ela é uma mulher de verdade. Pensa que é uma fêmea.

Ela me agradeceu:

— Nina, vale a pena a pessoa ser sua amiga. Você protege as pessoas mesmo. Você é desse jeito, mas não tem quem diga. Eu dou meu respeito. Eu te considero, e te respeito.

Tem muitos que não gostam, que não são chegados a homossexuais.

Figuras 8 e 9: Marquinhos, um gay e eu



Fonte: acervo pessoal

Botou a arma, que era para tomar relógio, meus negócios. Eu disse:— Meu filho. Como é que você tem coragem de levantar a arma para levar minhas coisas?

— Mas não é só isso, não. Eu quero transar com você também.

— E precisa você puxar arma para querer transar comigo? Para onde tu queres ir comigo? Fomos ali para onde agora é a TV Cabo Branco.

— Vamos lá na mangueira.

— Ali é muito escuro, eu tenho medo.

— Mas você vai comigo. Vamos, eu quero curtir com você, depois você vai me dar as joias todinhas.

Quando chegou lá, ele deu bobeira. Mas, menino! Ele pensando que eu era fêmea. Ele não sabia que eu era travesti. Eu não dava cabimento para dizer que eu era viado. Eu dava uma de mulher, mas menino. Quando ele me levou lá para dentro das mangueiras, quando chegou lá haja coisar, me apalpar. Ele, “— tire logo aí”. Eu, “— não, agora não. Pegue esse negócio, tire da sua mão, como é que você vai transar comigo com isso na mão?” Ele jurava que eu não ia fazer nada. Pegou o revólver e botou por trás, na cintura. Quando comecei a agarrar e fazer carinho dele, botei a mão por baixo, dei um empurrão nele, com o revólver. Quando ele correu, eu disse:

— Saia! Você não ia me atirar? Agora quem vai sou eu. Porque eu sou travesti!

Quando eu disse isso, o cara:

— Pelo amor de Deus, não me mate, não.

— Sou travesti, você agora vai se lascar comigo. O cara deu uma carreira. Pernas, para que te quero? Cheguei dentro dos matos, eram uns matões grandes. Peguei a arma, joguei lá dentro e danei a carreira também para o lado da lagoa. Daquelas terras para a lagoa não é muito longe. Menino, até hoje. E ele nem sabia meu nome. Eu sou doida? Mas menino, nem vou dar meu nome. Até hoje. Ele nem descobriu que eu não era moça. “— Eu vou fazer tudo com você. Acho que não vou nem te roubar nada. Estou gostando de você”. E haja me alisar. E eu, “— Jesus, tomara que ele não queira botar a mão aqui”. Só que ele não ia encontrar nadinha mesmo não. Era, não tinha. Não dava para notar.

Só sei que haja me beijando, e eu disse, “— guarda a arma que esse negócio é perigoso”. Ele, “— não, eu tenho cuidado”. “— Pois bote em sua cintura. Aí eu fico mais à vontade”. Eu estava com aquela minha saia lambada, deste tamaninho. Era soltinha e godê, pequenininha. Só sei que quando ele tirou, botou a arma aqui, começou a me agarrar, e a me beijar e cutucar em mim. Fui descendo, agarrei as costas, dei um empurrão:

— Agora você venha me matar. Agora é o contrário, você agora vai se lascar. Você vai correr, se não eu te mato agora mesmo. E eu não sou isso que você está pensando, eu sou travesti. Eu não sou fêmea, não.

— Pelo amor de Deus, você não é fêmea?

— Sou travesti!

— Não me mate, não. Ele danou a carreira dentro do mato no escuro. Era uma rua apertadinha nesse tempo. Está bonito agora, porque é só cidade ali onde agora é a TV Cabo Branco. Só sei que eu fui dez anos. Ele podia voltar com mais gente. Eu joguei com tudo, que não ia ficar com a arma dele. Quando cheguei na lagoa, avisei a Fernanda. Ela estava na lagoa me esperando, pensando que eu estava curtindo com o macho. Mentira, eu estava sendo atacada, sequestrada pelo bandido safado.

Tão bonito, ele. Não tinha quem dissesse. Eu mesma fiquei bem mansinha. Porque ele era muito bonito. Fiquei bem mansinha na hora. Ele era nojento, “— não faça pantim”. No canto que ele me pegou. Eu disse, “— você estava me seguindo?” Ele, “— sim, eu estava te vendo, você é muito chique, muito bonita. E você anda com aqueles viados, é?” Eu, “— são meus amigos. É que eu faço parte do teatro. Ele disse, “— mas você não é sapatão, não?” “— Sou não, sou fêmea”. Porque sapatão não é quem gosta de viado?

Quando ele disse que queria me comer, eu disse:

— Aqui não pode, aqui você não pode me comer, não. Eu estou com aqueles meninos ali, eles são viados. E viado você sabe como é. Homem? Eles não têm medo, não.

— E eu quero porra de viado, eu quero fêmea que nem você.

Por causa do jeito da roupa que eu andava, nuinha e com a poupa da bunda. Ele disse:

— Vamos lá nas mangueiras.

— Não se preocupe, você vai levar minhas joias todinhas. Isso é ouro.

Até isso inventei, eu era safadinha. Aticei mais. Você não me atacou no meio dos bambus para levar minhas coisas? Na Setusa também, o meu relógio não me escapou. Eu peguei também. Sozinha não, com a turma que estava dentro da Setusa, era um ônibus que tinha antigamente. Eu fui atacada também dentro da Setusa. Um cara ia roubando meu relógio. Eu com a mão agarrada, que a gente andava tudo em pé dentro desse ônibus. Chegou o cara perto de mim, quando olhou que viu, começou a cutucar.

Eu fiz pantim para o lado dele. E ele tentando, só que o relógio tinha uma proteção que, ainda que abrisse, não saía de jeito nenhum. Eu tinha que soltar a mão do ferro para poder cair. Eu estava com medo que ele torasse, porque ia cortar meu braço. Eu soltei a mão e fui na boca do estômago dele. E gritou, e o povo se aproveitou dentro da Setusa. “— Tem ladrão aqui dentro do ônibus”. Naquele tempo não era que nem agora. Ave Maria, quando pegava um ladrão, judiava, apanhava que só o estopor.

Cheguei lá na casa da mãe de Genival, que eu já era casada:

— Nina, por que tu estás desse jeito?

— Tu não sabes de nada, estava sendo assaltada agora mesmo dentro da Setusa.

— Ele deu em você?

— Eu que dei nele

— Nina, pelo amor de Deus!

— O quê? O povo todo viu, que estava dentro do ônibus. Mas não legou meu relógio.

— Não ande mais com joias, não ande com mais nada.

Foi aí que comecei a ir me afastando. Parei mais de usar, eu tenho tudinho, mas não uso mais.

2.4 Muitos carnavais, inspiração para a arte transformista

Quando saí da casa do capitão Eliezer, fui lá para a casa da filha do capitão Eliezer, para o Cordão Encarnado. Do Cordão Encarnado, fui ficar com Nilza. Conheci seu Wilson de Menezes. Quando conheci seu Wilson de Menezes, a sogra: “ô, seu Wilson, deixa ele ficar um dia comigo. Eu estou só assim e assim. E eu gosto tanto de Nina. Deixa Nina ficar com a gente”. Seu Wilson disse, “— mas, mamãe, e Ivone?” “— Ah, mas qualquer coisinha Nina também vai lá, dá uma força a ela também, como a gente mora tudo perto”. Seu Wilson disse, “tu queres, Nina?” Eu disse, eu quero, que eu gosto tanto de dona Nanhã.

Pronto, através da casa de dona Nanhã comecei a brincar o carnaval. Eu estava com dezenove anos e ia fazer vinte. Na Noel Rosa. Faz tempo. Depois da Noel Rosa, veio a Malandros do Morro. Depois da Malandros do Morro, veio a Independentes de Mandacaru. Depois da Independentes de Mandacaru, veio a Catedráticos. Depois da Catedráticos, veio a Unidos do Roger. Depois da Unidos do Roger, brinquei também na Império do Samba. Depois da Império do Samba, brinquei em uma que já faz tempo que se acabou... “não sei o quê flor”. Sei que tem mais duas escolas que já se acabaram.

Clauvidan de Oliveira perguntou:

— Você já brincou de carnaval?

— Eu nunca saí de carnaval porque não gosto de escola de samba, de carnaval.

— Mas você não quer o convite pra desfilar pela primeira vez? Já que você nunca brincou, quem sabe daqui pra frente você não vai continuar e brincar... Você vai ver como você vai gostar!

— Mas tem alguma segurança na escola de samba?

— Lá tem muita segurança. Lá tem os componentes, tem os... Você quer desfilar?

— Eu vou ajeitar a roupa.

— Você pode desfilar de biquíni, você pode desfilar como um destaque.

De destaque eu não podia sair, né? Porque eu nunca tinha desfilado, eu não ia sair de destaque pela primeira vez. Aí ele disse:

— Pois pronto, você pode sair de biquíni. Na parte de cima você bota um biquíni com um sutiãzinho, fica bem bonitinho... De salto alto, do jeito que você quiser sair.

— Tá certo. Em qual escola eu vou desfilar?

— Você vai desfilar pela Noel Rosa, de Cruz das Armas.

— Tá certo.

— Eu levo você lá. Fala com o presidente da escola, que o nome dele é Charuto.

Ele me levou lá no carro dele. Pronto, cheguei lá falei com o presidente da escola. Aí ele disse:

— Pode fazer sua fantasia que você vai desfilar com a gente!

Essa aqui está vendo? Eu aqui, essa era a que tomava conta. Saí da casa de seu Wilson de Menezes, ele disse para eu ficar com ela. Só que aqui ela já estava velhinha demais. Ela ainda era nova quando eu entrei para a casa dela, quando brinquei o carnaval.

Figura 10: Com dona Nanhã e cuidadora



Fonte: acervo pessoal

Ah, faz muito tempo. Eu estava com dezenove anos. Teve um ano que eu não desfilei. Todo ano, quando dá tempo, eu desfilo e entro para as escolas de samba. E levo componente para desfilar também. Faz tempo que eu danço, bem novinha. Já faz mais de trinta anos de carnaval.

Figura 11: Olha a Noel Rosa como faz tempo, bem diferente, eu e um batuqueiro.



Fonte: acervo pessoal

Comecei a brincar em carro alegórico depois que comecei a aumentar as fantasias. O povo, “— ah, sua fantasia já dá para sair numa alegoria”. Comecei a brincar em cima das alegorias. De me apresentar bem, me sentir à vontade, bem recebida. As alegorias, meu gosto é que sejam bem bonitas, destacando a fantasia. Eu me inspiro muito em Clô, quando era vivo, Clodovil. Naquele menino, aquele coroa, que ainda é vivo, que trabalha com noiva... Costureiro fino, Ronaldo Esper. O bicho trabalha bem.

Figura 12: Carnaval Tradição



Fonte: acervo pessoal

Olha, como era. Eu bem novinha. O cara, “— deixa eu bater uma foto com você, deixa eu bater uma foto com você” “— E eu”. Ainda me lembro, ele disse “—vem pra cá, para não perder meu visual com ela. Aí botou a menina em cima dele, para ficar mais perto de mim. Mas faz tempo. Bem bonitinho esse rapaz.

Tudo sou eu que faço. Faço já destacando com as fantasias. Tudo de pedraria, lantejola. Fernanda, Marinésio, as pessoas que eram destaque, que eram feshosas. Era cada fantasia. Tinha mais, eu me esqueci. É porque faz tempo. Fiquei um tempo sem sair porque fizeram sabotagem comigo. Fiquei um tempo só costurando para a escola. Não quis mais me envolver. Quando foi esse ano, eu disse, “— pera aí. Agora, vou sair”. Para o ano, vou ter que sair de novo por causa de minha festa.

Agora em setembro vou começar. Vai ser outra coisa, quero sair com outros tipos, outro modelo. Esse ano quero sair mais de pedraria. Com bem muito strass, quero sair agora com lilás. Com mais lilás, por causa dos sessenta anos. Lilás, rosa, roxo. Quero sair mais com as duas cores, quero botar o branco, o lilás e o amarelo. Bem feshosa, bem arco-íris. Quero a cabeça natural, com pedraria. Só pedraria. Bem chique, bem à vontade. Não vou com aqueles penachos mais não, bem pedraria, só coroa mesmo, que chame atenção. Pro povo ver e dizer, “— eita!”

Já faço o rabo de cavalo bem chique, saindo aqui de detrás. Preso, aí vem. Que nem Xuxa fez. E a bota toda bordada. Já quero bordar a bota. Não vai ser mais daquele jeito. Eu aproveito essa daí para botar todinha diferente. O bordado, todinho. Vai já mudar o visual da bota, não vai ser daquele jeito que era. A escola de Fernanda é a que tem mais travestis, masculino não tem muito. Tem mais travesti, sapatona. Por isso que todo ano ela ganha, porque ela sabe que as travestis botam pra foder mesmo. Por isso que ela ganha. Esse ano ela foi fazer a borrice de sair em um carro para sair em outro e perdeu ponto.

Fui pra Independente de Mandacaru. Depois da Independente, vim pra Catedráticos do Ritmo. Depois da Catedráticos do Ritmo, desfilei na Império de Samba. Depois da Império do Samba, agora desfilei na Unidos do Roger. Desfilei também na... Como é o nome da outra escola de samba? Eu desfilei em outra escola também. Só que eu tô com o nomezinho... Como foi o nome da outra escola que eu desfilei? Que foi, como é o nome? Do bairro São José! Agora não estou lembrada. Faz muito tempo também.

Figura 13: Independente de Mandacaru



Fonte: acervo pessoal

Eu comecei a brincar de destaque, na de Fernanda eu saí de destaque. Na Império do Samba, de destaque também. Saí na Independente de destaque. Saí na Catedráticos de destaque. Pronto. A partir daí, a maioria é só de destaque. Comecei a desfilar na Noel Rosa. Aí de lá pra cá eu gostei. Bem que o Claudivan de Oliveira falava, “se eu entrasse no primeiro ano, não ia perder de desfilar”. Ele era presidente, era... de rádio: locutor. Aí ele fazia parte dos carnavais. Ele quem chamava nos carros, que botava a escola pra desfilar.

O carnaval de João Pessoa faz muito tempo que começou. Começou nos índios, os caboclos, os ursos, era assim... Os vinte e cinco bichos. Nesse tempo tinha vinte e cinco bichos também. Os índios. Aí pronto, se juntaram as escolas de samba. Tem as partes das escolas de samba e tem

as partes dos índios. As partes dos vinte e cinco bichos. Dos piratas de Jaguaribe. Eram as personagens dos bichos. Umas máscaras, tipo umas fantasias de bicho. Aí saem em cima da alegoria no carro. Aqueles vinte e cinco bichos, todos eles fantasiados, cada uma com sua personagem. E tocando o som. Cada seu bairro tem.

Figura 14: Fantasia



Fonte: acervo pessoal

Eu que faço, eu que produzo. Eu nunca sou pela escola porque eu saio de destaque. Quem sai de destaque, a escola de samba não dá fantasia não. Ela dá quem sai em ala, passista, né? Os mestres, os batuqueiros, mas a parte de destaque, os componentes é que fazem suas fantasias. Eu comecei a costurar, eu pequenininha. Assim com uns cinco anos, quatro anos. Aí minha mãe era costureira.

Figura 15: Em Penachos e Pedrarias



Figura 16: Fazendo show de Madonna



Fonte: acervo pessoal

Ela pegava e me deixava ficar de lado, fui vendo costurando e fui aprendendo. Ela me dava pedaço de pano para ir cortando. Eu fazia boneca de pano, aquelas bonequinhas de tecido, né? Eu aprendi a fazer. Ela fazia e me ensinou, como se fazia as bonequinhas de pano. Eu aprendi a fazer também, botava dedinho. Artesanato.

Quando fui para o show do Bolinha, eu já fazia teatro. Já fazia show de transformista, “As Estrelas se Encontram”, o nome do show. A gente fazia dois shows. A gente fazia show masculino, eu imitei Alceu Valença, “uma onça pintada...”. Mas faz tempo. E o outro foi na mesma noite, a gente fez duas apresentações. Uma masculina e a outra feminina, de fêmea. A outra foi internacional. Deixe ver se me lembro. Faz muito tempo, eu era juvenzinha. Deixe-me ver se tenho o CD, não o CD não, a fita. Eu ganhei o troféu como miss simpatia, Drag Mel.

Desse show “As Estrelas se Encontram”, para onde o povo me convidava, eu ia. Depois, eu entrei para a televisão. Para eu me apresentar dançando. No teatro era para fazer dublagem. Era mais para se divertir, eu comecei a receber cachê agora a pouco. Depois que me chamaram para fazer show em cima dos trios elétricos em Cabedelo, em Sapé, em Mari, em Dona Inês. Foi, viajei um bocado de canto. Por isso que tenho fotos.

Nina foi do capitão Eliezer e o Kelly foi... Qual show que eu fiz? Foi a menina que disse, “— ó, Nina, não bota Nina não, chama Nina Kelly”. “Agora, com vocês, Nina Kelly”. Qual foi o show que eu fui fazer? Parece que foi na praia, na Parada Gay, que teve a gravação das travestis. Não, foi no Drag Mel, que o rapaz que chamava, Luciano fazia parte do que chamava as pessoas. Ele me botou. Foi Luciano e Chiclete, que disse, “não chama, Nina, não. Na hora do chamado. Dê outro nome”.

Luciano disse, “— já sei qual é que vou mandar o rapaz chamar: com vocês, Nina Kelly, do Castelo Branco”. Quando falou Nina Kelly, o povo ficou doido para saber quem era. Quando viram que era eu, pronto. Foi mais no miss simpatia. Todo mundo no teatro Santa Roza, era até em cima nos camarotes. Danaram o pau a gritar, “— eita, é Nina. Já ganhou, já ganhou”. Eu disse, “— oxente”. Aí veio o show, depois teve de maiô. Tiveram várias roupas. O meu ficou bonito.

Parece que tenho até uma foto guardada. Faz tempo, mas eu tenho. A lembrança, desse Drag Mel. Foi muito lindo. Minha intimidade era mais com Luciano. Ele entrou até no carnaval, porque eu também estava no carnaval. O Mel fez uma participação, botaram uns personagens lá. Faziam parte do Mel nas escolas de samba. Ele lutou muito pelos direitos dos homossexuais.

Figura 17: Nina Kelly e Luciano Bezerra



Fonte: acervo pessoal

Fizeram isso aí, ficou lindo. Tenho até uma foto dele. Uma ala, lindo. Só de homossexual. Eu queria ver aquela foto de Luciano. Um dia desses,

eu estava olhando aqui, “— mas, olha, Luciano mais eu”. É muita foto que eu tenho. A lembrança que eu tenho de Luciano é quando ele chegava com aquele jeito comigo, “— a senhora é a rainha das traveca! Das travestis, é você quem manda. Você que faz a nossa parte e eu te considero muito”.

Foi dito e feito. Todo mundo no teatro gritando, “— já ganhou, já ganhou”. Quando começaram, os jurados escutando aquilo. E eu já que me abri, sem nem saber. A felicidade é que eu sou risonha. Eu nem sabia que ia ganhar. Fiquei feliz, fiquei contente. Eu, em cima do palco, aquelas coisas chiques. Eu, feliz da vida. Quando deu fé, saiu todo mundo para os camarins. Foi quando conheci a Rogéria também.

Conheci o travesti que se operou, a Roberta Close. Conheci também. Olha a teca. Olha o rolo. Olha. Eu fui no camarim dela só para conhecer, via ela na televisão, no jornal. Quando cheguei, estava daquele jeito. Ela não tinha vergonha. Não ligava com as outras travestis. Quando eu mostrei, ela disse, “— olha, é uma fêmea”. Ela disse que se fosse que nem a dela... Porque é pequenininha, se bota o maiô, bota qualquer coisa você guarda o pacote que ninguém nem nota. A dela era grandona, como é que guardava aquela pomba? Na hora do maiô, era o esparadrapo.

Eram muitas, de Bayeux... Os nomes, era cada nome diferente, era Priscila Javaski, era não sei o quê, era muito diferente. Só Nina que botaram só Kelly. Mas o nome do resto, já sabe. Era cada nome estranho. Era para o povo curiar para saber como é. E eu, Nina Kelly, natural. O rosto feminino, que não precisava estar... De travesti só tinha eu. Não sei como foi que me encaixaram. Não pode entrar travesti. É só homem. Nesse Drag Mel era só masculino. Só entrou eu de fêmea, travesti.

Até aquele menino, Luciano, disse, “Nina, acho que tu só ganhastes porque não és masculino, porque és travesti”. E o povo, todo mundo gritou quando te viu. O povo aplaudia, tudinho. Tinha vez que era por causa da roupa, tinha vez que era a dublagem. Teu caso foi o contrário, foi quando chamaram seu nome que te viram. Já disse tudo. Não foi nem tanto por causa da roupa, por causa de nadinha. Foi por causa de mim, da minha pessoa, minha personagem. De mim.

Na hora dos jurados, miss simpatia fui eu. Miss simpatia um, que foi eu, aí veio a principal e outra. Só sei que foram três que tiveram direito a ganhar. Uma como miss simpatia, a segunda colada e a primeira colocada. Todas as três ganharam a fita, o troféuzinho e o arranjo de flor. Um brinde também. Eu ganhei não sei o que, Jesus. Foi até de ouro o negócio que eu ganhei como miss simpatia. Ganhei, agora não sei o que foi.

Tinha bate-cabelo. Eu dizia, “meu Deus, como é que sua cabeça não dói?” Eu ria tanto, quando ele saía da gravação, que a gente ia lá pros camarins. Depois tinham os encontros delas todas. Elas ficavam no setor, todas elas já desmontadas, tudo rapaz, tudo homem. Eu não, que eu já era travesti. Ficavam homem, tiravam aqueles cabelos, aquelas perucas, ficavam masculinos. Eu era feminina porque meu cabelo era natural. O rosto não precisava de estar danando coisa.

Os pobres tinham que tirar aquilo todinho, por causa do estilo, né? De se vestir de homem, não pode sair de lá feito louca para ninguém fazer galhofa. Muitos ainda faziam. Ficava, “coisa estranha”. Sabe como é, né? Safadinhos. Comigo, nunca. Eu era o contrário. Quando olhavam para mim eu dizia, “que é?” Era arengueirinha, viu? Eu? Não queria. Não sabia o que eu era? Para que ficar querendo curiar? “— Será que isso é fêmea, será que é viado?” – ficavam todos pensando. Eu já era atrevida, nem dava cabimento. “— Vai te lascar” – eu dizia. “— Vai tomar no cu, tu és viado também” – quantas vezes eu não disse isso? Era.

Eu trabalho com show também. Show de dublagem. No tempo de Wilson Braga, o governador daqui. Eu viajei pro show de Bolinha. Era um apresentador do Rio, de São Paulo, que tinha um programa: o Show do Bolinha. Aí pronto, viajei com a caravana dele. De lá pra cá... o povo me convida pra fazer show. Eu faço show de dublagem, não é cantando não, é dublagem. É o artista cantando, a cantora cantando e eu fazendo minha dublagem.

Figura 18: Maracatu



Fonte: acervo pessoal

Tony Show era televisionado na quinta-feira. Na quinta e na quarta. Eu ia para lá dançar no auditório, ficava lá agitando. Toda quinta-feira eu tinha que ir para Tony Show e Jota Ferreira. Todos os dois eram no auditório dançando. Eu era casada, nesse tempo eu estava só na máquina, costurando. Ou, então, quando alguém mandava fazer lembrancinha de aniversário. Trabalhava nas casas, mas de diarista. Era um dia, outro não. Não era trabalhando direto.

Quando me casei, já cortei de trabalhar direto nas casas. Comecei a ser dona de casa. Quando tinha uma diária eu ia, quando tinha uma faxina eu ia. Tinha festa para fazer, eu fazia. E de noite, nas quintas e nas quartas feiras ia para a televisão. Dancei com Daniel, o cantor. Conheci Flor, Eliana, as paquitas da Xuxa, vieram também fazer show. Conheci muitos cantores quando fui para o Show do Bolinha também. Aquela Maria Alcina, Aldair José....

No Show do Bolinha foram nove, Fernanda, eu, Panqueca, Repolho. Foi uma caravana que pegou as pessoas e começamos a viajar. Show do Bolinha, de lá de São Paulo, que tinha nesse tempo. Só que ele morreu. Era para fazer show de transformista. Lúcia Braga contratou. Fomos para Cajazeiras, Maceió, Patos, Sousa. Já vieram com esse contrato de lá para cá. As travestis de João Pessoa. Os cantores já foram coisa de

Bolinha, Aldair José, Wanderlei Cardoso, Maria Alcina, Caju e Castanha, foram muitos cantores. As boletes do Bolinha. Luciano que entregava os troféus desse tempo.

Eu comecei a fazer show em 1990, uma coisa assim. Do carnaval, começaram a me convidar para fazer show. Fui no Lima Penante, Espaço Cultural, o Santa Roza, fiz show lá também. Foi lá que ganhei o troféu. Tinha mais, agora acabou-se. Ficou agora só o miss gay que todo ano tem que ter. Tem que ser masculino. Eu entrei no outro, o Drag Mel. Foi a televisão e tudo. Está melhor, porque está liberado.

Naquele tempo não era liberado que nem agora. É tão certo que eu fui a primeira travesti, você tira por isso. Ninguém sabia nem o que era. Tinha, mas ficavam com preconceito. Agora, voltou mais o preconceito. Nunca deixou de ter. Mas, agora, para vista do que era? Tu veres mulheres se beijando, homem beija com outro, travesti faz tudo. Está vendo que ninguém se mete mais. Agora têm seus direitos. Nessa época, não tinha. Ia deixar um viado, ou uma mulher se beijarem? Ia tanto. Muitos têm respeito comigo, Nina foi quem abriu caminho para as pessoas respeitarem os outros.

Eles vão mexer com gente que não gosta de travesti, de homossexual. Batem, o se não matam, porque foi mexer com a pessoa errada. Não foi mexer com a pessoa que respeita. Eles agora estão mais atrevidos. Beijam no meio da rua. Não estão nem aí, muitos fazem pegação no meio da rua. Aí vem a falsidade para o lado deles.

2.5 Imaginar futuros

Do jeito que eu estou vendo, vai melhorar porque agora você vê que o mundo tem muito preconceito, mas está liberal. Tem preconceito, mas está liberal. Pior quando tinha preconceito, que não era liberal. Agora está um troca-troca de nome, de mulher para homem, de homem para mulher, pode trocar agora os nomes. Os documentos podem modificar. Por isso que essas pessoas que são travestis vão ficar mais ainda. Não vão querer ser homem. Não vão querer se produzirem como homem mais. Vão ficar sempre femininas, aí a tendência é melhorar a situação. Você vê

que agora querem se casar, serem donas de casa, querem adorar filhos, conseguir trabalho. Que antes era difícil, agora já tem gente trabalhando. Já tem gente botando as pessoas em serviços.

Eu quero ficar sempre do jeito que eu sou. Daqui para dez anos, eu não quero ficar mixuruca, não. Quero ficar sempre dura. Eu quero ficar sempre atenta. Eu quero ficar dizendo, “— cheguei e pronto”. Não arrei, não. Não abaixo. Quero ficar sempre desse jeito. Para mostrar. O quê? Eu quero ficar com oitenta e não tenha quem diga. Ficar com setenta, ficar com sessenta. Que nem agora, eu fui dizer da minha idade, todo mundo achava, “— não, não. Benza-te Deus eu ficar dessa sua idade que nem você” – eu disse que tinha setenta e cinco.

O Castelo Branco terá mais gente morando, mais prédio, as casas vão se acabando. Vai só construindo prédio, prédio, prédio. A tendência é essa. De modificar. Nessa parte da mudança, tomara que mude para melhor. Porque não está mudando para melhor, está mudando para pior. Está uma crise de emprego, está uma crise de dinheiro.

O dinheiro está lá embaixo. Se você arruma seu emprego, o dinheiro não sai daquilo. O dinheiro sempre é aquilo. Não tem aquela mudança, de subir. O governo não aumenta os salários. O salário sempre é pequenininho. Não dá. Eu sou uma pessoa só e ainda não dá. Porque tem água, luz, tudinho para você pagar, comida, feira, roupa, que você tem que vestir... E o salário bem pequenininho. A não ser que mude de governo, pode ser até que esse governo vá ter piedade das pessoas pobres.

Eu estou indecisa esse ano. Não estou com ganância de nenhum. Vou votar para não ficar em branco. Mas que eu vou votar com ganância, “— ah, vou votar em fulano de tal porque ele presta...”, nenhum presta. Nenhum está prestando. É tudo uma derrota só. São todos ladrões, safados. Eu sou atrevida e digo mesmo. Não está acontecendo nada certo. O certo não é esse, não. Não é para prefeito, governador, presidente estar roubando dos pobres, dos humildes. E está acontecendo isso.

Por isso que está cortando o Bolsa Família, o vale-alimentação, que antigamente ainda dava, parece que não vem mais... Estão cortando os direitos humanos. O vale doença, tem muitos que não estão recebendo.

Tem muitos que recebem, mas tem muitos que não está recebendo mais. É sinal de que estão cortando. Desse jeito, a tendência é piorar.

Só o catatau. Agora é só morte. As crianças estão se acabando. Porque a pessoa com quinze anos, treze, dezesseis isso é criança para mim. E você vê que a maioria está morrendo tudinho, das drogas. As drogas estão tomando conta do Brasil. Se não acabarem com isso, a tendência é piorar cada vez mais. Polícia está morrendo direto. E o mundo sem polícia, quem toma conta é quem? Os ladrões, os vagabundos, os marginais. Sem a polícia para defender, quem toma conta? Os bandidos que vão tomar conta.

O Brasil está muito corrupto. O presidente roubando, o secretário. Não estão mais respeitando ninguém, eles só estão querendo o dinheiro. Ataca a Casa de Moeda, o hospital. Antigamente presidente tinha mais respeito. Ele agora dá o motivo de ninguém respeitar mais. Naquele prédio que caíram os meninos, ele saiu por baixo de pedra. Ele que procurou, se fosse um presidente bom jamais alguém ia fazer isso.

Aquele prédio que queimou, que caiu. O presidente foi fazer visita, saiu na carreira. Até para mudar de presidente, ninguém sabe o outro que vai entrar. Ele já aumentou a gasolina de novo, a energia já aumentou. É só safadeza e maldade. É a mesma história de muitos anos, não é de agora. E a pobreza é quem sofre. Eles só entocando dinheiro. O povo pobre é quem sofre. Você está com seus direitos, mas não tem direito.

Meu aniversário, no dia cinco de Sant'Ana, de julho de 2019. Tenho fé em Deus que a TV Correio estará dentro, de novo, vem para minha casa fazer a gravação. Como fez quando eu fiz os cinquenta anos. Já comecei a produzir algumas coisas, que vai ter na festa. Já fiz trinta, com Wilson Braga, fiz quarenta, na Associação. Fiz cinquenta, na Associação, e agora vou fazer os sessenta. Trinta anos fazendo festa aí na Associação, porque é de dez em dez. Vai fazer trinta anos agora, que faço festa aí. Os trinta foi no interior, tenho até a lembrancinha. Saiu as coisas daqui para levar para lá. Salgadinho, tudo, tudo, Só os djs foram de lá.

Figura 19: Aniversário de 40 anos



Figura 20: Aniversário de 28 anos em Mari



Fonte: acervo pessoal

3. ALA DA DIVERSIDADE, NOSSAS MEMÓRIAS

O seu texto tem uma construção fragmentada. Lembranças e fantasmas misturam-se, e algumas vezes também lembranças de lembranças.

Monique Le Moing

O presente capítulo pretende comentar a narrativa de Nina Kelly, atentando-se para a emergência de seu discurso memorialístico. Se “as memórias equivalem ao descortino de uma imensa e plana paisagem cujo horizonte se estende para trás, estabelece-se no presente e se abre para adiante” (LIMA, 2013, p. 369), a partir daqui, passearemos pela paisagem de recordações exposta por Nina em seu discurso, sem almejar um ordenamento biográfico literal ou sujeitá-la a uma rigorosa aferição historiográfica.

Nos procedimentos de análise, partiremos dos enunciados elaborados pela sujeita na estilização de suas memórias, contextualizando-os com o campo teórico que orienta a pesquisa e com os marcadores que estruturaram o roteiro de entrevista. Ao invés de montar um tribunal científico com competência para julgar o real e o ficcional, tomaremos as palavras construídas pelas lembranças da interlocutora como ponto de partida, abordando as tramas, personagens, cenários, temas e histórias a que sua voz dá existência.

Quanto aos elementos para a construção da personagem Nina Kelly, jamais poderemos resumi-la, localizá-la em uma superfície rasa. Senão, seu corpo ocupa um lugar em trânsito, circular, redondo, contraditório, como a vida real no Brasil. A função narrativa das personagens que emergem do texto variam entre as intenções do discurso e a referência objetiva a seres autônomos, que de fato desempenharam papéis na trajetória da entrevistada (CÂNDIDO; ROSENFELD; PRADO; GOMES, 1998). A substância mista das memórias estreita a distância entre pessoas e personagens.

Nossos comentários serão modestos no sentido de não eliminar as “zonas indeterminadas do texto” (CÂNDIDO; ROSENFELD; PRADO; GOMES, 1998, p. 33), que enriquecem sua leitura na medida em que deixam espaço para a imaginação e encontro com nossas próprias lembranças. Sempre que possível, o dispositivo da entrevista e seu contexto tornar-se-á objeto de análise, compartilhando o processo criativo desta escrita, na busca por metodologias qualitativas em direitos humanos.

3.1 Designação compulsória do gênero, família e lições de um professor

O professor disse:

— Por que você não muda o sexo de sua menina? Como é que ela é uma menina e a senhora bota nome de homem? Se ela tem dois sexos, por que a senhora não tira um e deixa um? Por que ela é hermafrodita, é?

Ele disse até isso com mãe. Foi por isso que ela me tirou de Mari e me levou para Natal, porque o povo me chamava de macho-e-fêmea. Pobrezinha, você sabe como é, né? Esse povo pobre é tudo cismado, tudo com medo. Antigamente não era como é agora. Ah, agora é liberal. Agora, homem se casa com homem. Mulher se casa com a outra. Troca o nome na mesma hora, se quiser. Mas, naquele tempo, eu duvido, visse?

Era tão certo, já como era atrofiado, o doutor disse que tinha como operar. Mãe não deixou porque foram dizer que era para fazer teste. Para que foram dizer isso a ela? Ela: “— Ai, não, não.” Não quis. Se fosse o caso de perguntar, “— Quer?”. Eu diria, “— Sim!” Eu sem saber. Mas, deixa, que teste é uma coisa que nunca foi feita. Queriam cortar a pimba, que era embutida. Quem queria fazer era o médico, esse doutor. Disseram para ela, “— Olha, Dona Maria, é teste”. E ela ficou doida. Como ela não tinha dinheiro para pagar,

ia ser tipo uma experiência. Para ver se dava certo. Ela não deixou. (Nina Kelly)

Nina conta que foi criada pelos pais adotivos, crescendo junto a uma família da classe trabalhadora rural que a acolheu. Falando sobre sua família, tema muito caro para pessoas sexo-gênero dissidentes, uma vez que é no meio familiar o primeiro contato com a discriminação, Nina rememora sentimentos de afeto e narra migrações, provavelmente tendo por objetivo melhores condições de trabalho:

Geraldo, Maria do Carmo, Rosa, Delinha e João Rodrigues. E eu, era de criação. Era com quem eu fui criado, quem me tem como família, como irmão. Mas não é irmão, é sobrinho meu. Mas me criou como irmão dele, era para chamar de irmão. De Serraria, eles começaram a andar. Tu não sabes como é esse povo pobrezinho? Foram morar em Pilõezinhos ainda; em Amarelinha, ficaram um tempo. Ficaram um tempo em Santo Antônio, ali perto de Sapé. Aí, pronto, ela comprou uma casa em Mari e ficou lá. Maria Rodrigues era dona de casa e o povo convidava ela para fazer trabalho de parteira. Zé Rodrigues fazia serviço de campo. (Nina Kelly)

Lembra-se do nome de sua genitora, Geralda Piojota, da cidade de Serraria, porém, não guarda detalhes do passado acerca de sua família biológica. Em seu discurso, justifica que foi entregue à parteira, Maria Rodrigues, porque a família de sua genitora não aceitava a gravidez. O registro civil, que lhe designa o gênero masculino, foi lavrado na cidade de Mari, então comarca de Sapé, no dia 13 de agosto de 1976, logo, dezessete anos após o nascimento, constando apenas o nome de Maria Rodrigues da Silva, sem informações sobre paternidade, além dos avós maternos, Pedro Luis Martins e Josefa Albina da Silva.

Embora não tenhamos intenções historiográficas, tomemos de empréstimo a noção de documento-monumento na abordagem deste registro civil, bem como das fotografias e vídeos apresentados pela

interlocutora na evocação e localização das temporalidades enunciadas em suas memórias (REY, 2010).

Esses documentos serão vistos como monumentos da memória sexo-gênero dissidente paraibana, na linguagem de Jacques LeGoff (2013), em que o conceito de documento expande o a ideia positivista do texto, como seu sinônimo, abrangendo documentos escritos, ilustrados, registrados em som, imagem ou qualquer outra mídia. Independente do suporte, os documentos materializam relações de poder:

A concepção do documento/monumento é, pois, independente da revolução documental, e entre os seus objetivos está o de evitar que esta revolução necessária se transforme num derivativo e desvie o historiador do seu dever principal: a crítica do documento – qualquer que ele seja – enquanto monumento. O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 2013, p. 405)

O registro civil de nascimento, para uma pessoa trans ou intersex é, em regra, o primeiro ato de violência do mundo cis-heteronormativo contra seu corpo. Na concepção universalista de direitos humanos (DOUZINAS, 2009), antes da designação compulsória do gênero, o corpo sequer apresenta-se como humano sujeito de direito. É necessário atribuir um gênero inteligível para conferir humanidade ao corpo e colocá-lo a serviço da soberania numa operação biopolítica:

A marca do gênero parece “qualificar” os corpos como corpos humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta “menino ou menina?” é respondida. As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do

abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece. (BUTLER, 2016, p. 193-194).

Em sua famosa História da Sexualidade, Foucault (1998) questiona a noção repressiva do poder sobre o sexo, oriunda da teoria psicanalítica do recalque. Ao invés de uma proibição às práticas sexuais, o poder, por meio de saberes como a psicologia e psiquiatria, exerce uma coerção prescritiva, produtora da (hetero)sexualidade. “Polícia do sexo: isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição” (FOUCAULT, 1998, p. 31).

Discutindo a categoria de gênero, Judith Butler (2016), a desloca do conceito biológico do sexo designado ao nascer, delineando-a como construção social estilizada no corpo e na performance. Como memórias da pele, a performance de gênero não é tão fluida como muitos pensam. Teresa de Lauretis (1987) criou o conceito de tecnologias de gênero (escola, judiciário, televisão, pornografia, religião, medicina) para falar dos dispositivos biopolíticos que produzem os gêneros, o que é ser homem e ser mulher, bem como o seu excesso, as dissidências abjetas.

A abjeção, por sua vez, se refere aos processos de subjetivação tocados pela matriz masculinista cis-heterossexual que exclui corpos dissidentes do estatuto de sujeito, classificando-os como seu oposto, sua contradição interna, a negação através da qual ele se afirma (BUTLER, 2000). Isto é, não apenas temos nossa realidade apreendida pelo centro da cis-heteronormatividade, como somos socialmente marginalizadas(os) pela expressão de gêneros e sexualidades divergentes.

Os códigos binários de masculino e feminino formam signos de inteligibilidade do humano, do reconhecimento da condição de sujeito, de modo que o não enquadramento a estas categorias engendra processos de exclusão. Butler (2016) chama de *gêneros inteligíveis* aqueles que mantêm relações de correspondência entre o sexo designado em função dos órgãos reprodutivos, o gênero culturalmente construído esperado para aquela anatomia e os desejos manifestados nas práticas sexuais.

A heteronormalidade assegura a reprodução das relações no capitalismo. Ela opera por meio de procedimentos tecnológicos de

inscrição dos papéis e práticas sexuais atribuídas ao masculino e ao feminino, inscrevendo nos corpos os códigos que asseguram a exploração de um gênero sobre o outro, de modo que a diferença sexual corresponda a uma heterodivisão do corpo (PRECIADO, 2014). As memórias da interlocutora na escola evocam momentos de estigma, estereótipos e preconceito:

Ainda estudei um pouquinho quando era pequeno, aí começaram a fazer bullying comigo. Naquele tempo não era bullying não, era apelido. Ficavam me apelidando. Com é que chama? Macho-fêmea! Não era nem viado, era macho-e-fêmea comigo, que eu era menina mesmo. (Nina Kelly).

Maria Joseli Silva (2009), em artigo intitulado “A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade”, lê a cidade como paisagem/texto, desenhada pelas relações entre gênero, sexualidade e espaço. A autora se coloca na trincheira da Nova Geografia Cultural, olhando a microfísica das correlações de força na cidade através de memórias de travestis sobre o espaço escolar, sua territorialização em espaços marcados pela agressão e pela rejeição:

O espaço intraescolar é vivenciado de diferentes formas e, além da sala de aula, existem outras experiências vividas que são marcantes para as travestis: as aulas de educação física, o recreio no pátio e os momentos de idas ao banheiro. O espaço escolar aparece na vida das travestis como um local de treino para a vida em sociedade. Ao contrário do que a sociedade idealiza, a escola reproduz e reforça os padrões de exclusão que estão postos e naturalizados. Ela reforça as diferenças de renda, cor e gênero e educa para a reprodução dos padrões hegemônicos. (SILVA, 2009, p. 146)

Afirmamos que nossa matriz cultural é heteronormativa porque pressupõe uma produção discursiva anterior às relações de gênero

e sexualidade, presumindo a heterossexualidade e o corpo cisgênero como dados compulsórios, naturalizados (BUTLER, 2016). Na narrativa de Nina, em torno de uma atmosfera de patologização de seu corpo intersex, notadamente expressada pelas palavras “dois sexos”, “macho-e-fêmea” e “hermafrodita”, emerge a personagem de um professor, que, em diálogo com sua mãe numa sala de aula de ensino fundamental, defende a identidade de gênero performada pela criança, solicitando a designação do feminino para seu corpo.

Em seguida, Nina declara que esta teria sido sua opção, se, à época, pudesse escolher. Relata a ocasião de um médico que pretendia realizar um “teste” em seu corpo, realizando um procedimento cirúrgico que definisse a anatomia binária feminina em seu órgão reprodutivo, enunciado por ela mesma como “atrofiado”. Em seu discurso, expõe a opressão de classe na encruzilhada do gênero, pois a referida intervenção médica não foi possível por ser filha de um “povo pobre”, sem condições econômicas para arcar com a cirurgia e, por “medo” de sua mãe, não seria submetida a uma “experiência”.

Embora o intersex seja um termo de origem médica, mas foi assumido pelos ativistas para nomear as pessoas que nascem com corpos que não se encaixam no que é estabelecido socialmente como corpos masculinos ou femininos. Na acepção ativista, intersex é uma definição geral para explicar a variedade de condições nas quais as pessoas nascem com órgãos reprodutivos e anatomias sexuais que estão em desenaixe com a definição padrão de masculino ou feminino. (BENTO; NUNES; SILVA, 2011, p. 132).

No campo jurídico, o assentamento civil de crianças intersex coloca em colisão o direito à personalidade, garantido pelo registro da pessoa natural, com o direito à identidade intersex, uma vez que a Lei de Registros Públicos exige a inscrição imediata do sexo do bebê (FRASER; LIMA, 2012). A solução para essa violação grave de direitos humanos da pessoa intersex passa pela revisitação do conceito de gênero determinado pela

matriz binária heteronormativa e a elaboração de trâmites coerentes com as diferenças entre corpos sexo-gênero dissidentes.

3.2 Da televisão para a vida real: o batismo pelo capitão Eliezer

Cada tempo que eu ficava na casa do capitão, o homem rico, eu ficava mais feminina. Pobrezinha não tinha como. Foi outro tererê quando eu voltei. O Capitão de Campo, Capitão Eliezer, de Tambauzinho, foi na minha casa pediu a minha mãe para tomar conta de mim. Porque eu era bem pobrezinha. Ela não tinha condições de dar tudo que eu podia, né? Que eu podia não, que eu queria. Já que eu era mocinha, era menina, fui crescendo. O capitão Eliezer pediu para tomar conta feito uma pessoa da família dele. Depois, não fui mais para Mari, fiquei aqui em João Pessoa, me casei aqui em João Pessoa. Arrumei casa, arrumei marido, tudinho aqui em João Pessoa. Era bom. Foi ele que me assumiu.

Ah! Foi ele que botou o nome Nina, por causa de uma novela que chamava Nina. Ele disse:

— Ô, Ninor!

— Senhor.

— Venha cá.

Ele estava assistindo televisão, era até em preto e branco nesse tempo, aquela televisão antiga, aquele bauzão:

— Está vendo o nome dessa novela?

— Estou, senhor.

— Pois seu nome vai ser o nome dessa novela. Seu nome agora vai ser Nina. Não tem nada de Ninor. Ninor é nome de homem. Você agora vai ter nome de fêmea. A partir de hoje, de agora, já sabe, seu nome é Nina.

— E a minha mãe vai aceitar?

— Você mora com quem? Você mora agora com a gente. Se a gente vai aceitar mudar seu nome, ela vai aceitar também.

Foi dito e feito. Até hoje. Eu cresci lá, eu ia para o interior. Chegava, ela já sabia e tudo. Meu nome ia ser Nina mesmo.

Não só as relações do espaço público foram impostas pelos invasores colonialistas, mas, principalmente, as do espaço privado. O pernambucano Gilberto Freire (1994), com seus estudos sociológicos na década de 1930, pensava a organização cultural da família colonial patriarcal brasileira, chefiada pelo senhor de engenho, dono de terras e escravos(as), a quem devia total submissão a esposa e as(os) filhas(os). A dominação masculina da casa grande e da senzala estruturava e transferia os poderes do patriarca da esfera privada para a pública. Nesse ambiente, foi gestada a formação social e política do país, principalmente do Nordeste.

A família branca, rural, exerceu o maior poder colonizador sobre nosso território, adquirindo os meios de produção para o desenvolvimento da economia latifundiária, exportadora de monoculturas a partir do trabalho escravo de africanos(as) e indígenas, sendo as relações heterossexuais – sacramentadas pela moral católica – as responsáveis pela transmissão dos laços de sangue e da propriedade privada. Esse modelo de família vai se ocupar das funções do Estado, governando em nome da metrópole e levando para o espaço público seus caprichos privados (ITABORAÍ, 2005).

Vânia Maria da Silva Bonfim (2009) vê na família patriarcal e sua economia escravocrata as bases históricas para a identidade contraditória da mulher negra brasileira, reduzida à condição de objeto de trabalho e de realização de desejo sexual. A intelectual considera as conexões entre gênero e raça indispensáveis para pensar a realidade dessas mulheres, sequestradas de sua organização matriarcal, com autonomia sobre o próprio corpo, para servir aos machos das oligarquias do novo mundo.

Apesar da imagem conservadora sustentada pelo casamento cristão, os senhores de engenho controlavam os corpos das mulheres africanas e indígenas, sendo a violência sexual o doloroso e decisivo meio de branqueamento físico e cultural – ou, como queiram, miscigenação – da população brasileira (NASCIMENTO, 1978).

Nesse sentido, Durval Muniz (2003) analisa a história do gênero masculino no Nordeste no começo do século XX, percorrendo a genealogia do “cabra macho” na reprodução do papel do homem na cultura e sociedade. Nos sertões nordestinos, a performance masculina se relaciona com a própria imagem áspera, árida e rude da paisagem, de maneira que o homem será o macho capaz de enfrentar a dureza da seca.

Um projeto de virilidade (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2013) herdado da tradição patriarcal das famílias de coronéis, que vem se perdendo em face dos processos de modernização, desenvolvimento, urbanização, conquista dos direitos das mulheres, direitos da diversidade e, justamente por isso, vem sendo retomado pela ingerência conservadora em posturas fascistas.

De fato, a tradição patriarcal implantada pelos invasores tem buscado atualizar suas tecnologias de modulação dos gêneros e sexualidades, em reação às recentes conquistas de direitos. O fantasma da família patriarcal ronda nossas memórias sobre a performatividade das identidades de gênero e das práticas sexuais (MISKOLCI, 2009).

Em estudos sobre os discursos memorialísticos dos conquistadores brancos acerca dos Tupinambá na costa brasileira, Wilma Mendonça pensa o uso das memórias enquanto textualidade e instrumento de pesquisa. A autora localiza epistemologicamente a produção de memórias diante da desfragmentação histórica causada pelo colonialismo, que nos coagiu a aceitar uma realidade construída em cima de nossas dores:

Ora, propondo-se narrar experiências, fatos vividos ou presenciados, o discurso memorialístico percorre um caminho pontilhado de perdas, esquecimentos, rupturas, fragmentações, reelaborações, sem escusar-se aos recursos ficcionais. Resgatar fatos do passado

para o presente, efetuar a transposição de fatos reais para o plano da representação literária implica não apenas uma deformação do conteúdo resgatado e transposto, mas uma *desrealização* pela forma estética. (MENDONÇA, 2014, p. 38, destaque da autora).

Nessa perspectiva, Ricoeur (2007) leva em consideração o caráter objetual da memória, seu exercício. Memória posta em ação, praticada, feita, fabricada. Advertindo-se para todos os usos e abusos dessa ginástica da lembrança, para que os esforços não agravem as dores da violência revivida pela rememoração.

O autor coloca três chaves de interpretação dos abusos da memória: a memória impedida, a memória manipulada e a memória ético-política. A primeira, pensada no plano patológico da psicanálise se dá como lembrança recalçada, barrada, forçada ao esquecimento pelo trauma. O trabalho de luto e o trabalho de elaboração despontam na superação da melancolia do objeto perdido. Falar sobre o passado vivido, acessar e reelaborar essa lembrança agencia a criação de arranjos de interpretação que auxiliam os sujeitos lidar com o passado.

A memória manipulada vai ser a memória condenada ao esquecimento, instrumentalizada pelas relações de poder, mediante a imposição, a assimilação de narrativas externas, tornadas oficiais. Manipuladas ideologicamente. No nível ético-político, está a memória obrigada, tida por reconhecida, validada, comprovada por verdadeira. Obrigatoriamente, o sujeito se lembrará desses acontecimentos, é vedado esquecê-los.

No excerto reproduzido na abertura deste tópico, Nina narra uma de suas personagens mais contraditórias: o Capitão Eliezer, um homem adulto, fazendeiro, rico, aparentemente branco, casado, da alta sociedade paraibana, que, possuindo um bom coração, a “assume” e “passa a tomar conta [dela] como se fosse da família”. A característica da masculinidade conservadora e transfóbica inerente ao “cabra macho” nordestino desaparece face ao acolhimento que culmina em sua nomeação, um

gesto que acontece magicamente transpondo o nome da personagem Nina da telenovela para a Nina-pessoa.

O conceito de 'lembança encobridora' como sendo aquela que deve seu valor enquanto lembrança não a seu próprio conteúdo, mas às relações existentes entre aquele conteúdo e algum outro, que foi suprimido. Pode-se distinguir várias classes de lembranças encobridoras, de acordo com a natureza daquela relação. Encontramos exemplos de duas dessas classes entre os fatos descritos como primeiras lembranças da infância – isto é, se incluímos sob o título de lembranças encobridoras as cenas infantis incompletas, inocentes em razão de sua incompletude. Deve-se adiantar que as lembranças encobridoras serão também formadas de resíduos de lembranças relativas à vida posterior. [...] Algumas dessas lembranças encobridoras, tratando de eventos posteriores na vida, devem sua importância a uma conexão com as experiências na primeira juventude que permaneceram suprimidas. [...] A simples imprecisão da recordação não desempenha aqui um papel considerável, em vista do alto grau de intensidade sensorial possuída pelas imagens e da eficiência da função da memória nos jovens; a investigação detalhada mostra antes que essas falsificações de lembranças são tendenciosas – isto é, que elas servem a objetivos de repressão ou de deslocamento das impressões repulsivas ou desagradáveis. (FREUD, 1996, p. 351-353).

A personagem Capitão Eliezer e seu gesto de nomeação parecem manter algum tipo de relação com o conceito de lembranças encobridoras desenhado por Freud, seja por omitir uma incompletude da memória, uma versão posterior que haja se cristalizado, ou um verniz pintado pelo tempo para deslocar impressões desagradáveis. Em todo caso, não se trata de mera invenção, mas de um trabalho mental que lhes confere tal plasticidade, atingindo o nível do discurso. Indo além, Berenice Bento, em seus estudos sobre infância, memória e história de transexuais, nos coloca uma interessante proposição:

Sugiro uma inversão na formulação de Halbwachs: a memória não está condicionada aos espaços sociais em que o sujeito transitou, mas aos espaços sociais em que transita no momento em que essa memória é evocada. (BENTO, 2006, p. 168).

As lembranças do Capitão Eliezer e do gesto de nomeação podem, ainda, não se tratar de matéria encobridora ou impedida, mas de um truque discursivo forjado pelo dispositivo da entrevista proposta em moldes e com finalidades acadêmicas. Uma resposta solicitada a uma pergunta prevista no roteiro de entrevista, concebido em termos tão platônicos quanto o enunciado efetivamente fornecido.

Com o “nome de fêmea”, Nina se alivia ao diminuir as tensões entre o seu nome civil e sua identidade de gênero. Mais uma vez, seu discurso articula classe social e gênero, pois com “o homem rico, eu ficava mais feminina. Pobrezinha não tinha como”. Esse enunciado destaca os custos econômicos da transição de gênero, do tornar-se mulher tal qual o ideal patriarcal capitalista branco de beleza feminina. Isto porque o gênero se constrói não somente na performance, mas sobretudo nos atos de incorporação de suas marcas sobre a pele, como propõe Preciado, a respeito dos corpos intersex:

Os chamados corpos “intersexuais” comprometem o trabalho mecânico da mesa de atribuição dos sexos, minam secretamente a sintaxe segundo a qual a máquina sexual produz e reproduz corpos. Os bebês intersexuais representam uma ameaça, alteram a fronteira para além da qual há diferença, e aquém da qual há identidade. Põem em xeque o automatismo performativo da mesa de operações. Evidenciam a arbitrariedade das categorias (identidade e diferença, macho/fêmea) e a cumplicidade que essa categorização estabelece coma heterodesignação dos corpos. Mas onde se encontram e quais são realmente as partes genitais e geradoras? Como nomear o que se vê? Como fazer um órgão a partir de um nome? (PRECIADO, 2014, p. 131).

A interpelação do nome feita pelo Capitão Eliezer produziu um corpo feminino e houve custos financeiros. Assim, Ninôr transformou-se em Nina, deixou de ter “cara de fêmea” com “nome de homem”, para afirmar sua feminilidade de forma mais contundente para o mundo que a enxergava.

3.3 A batalha de uma mulher casada: afrontando as opressões de raça, classe e gênero

Trabalhava lá com Seu Wilson. Comecei a trabalhar quando Genival disse que Seu Wilson ia fazer nosso casamento. Nesse tempo era proibido, né?

Não podia, de dois sexos não podia. Ele pegou e fez nas entuca. Aí casamos, e pronto. Fiquei quase dois meses ainda com Seu Wilson, enquanto ele conseguia a casa. Pronto, quando ele conseguiu a casa. Apanhei um emprego na casa de Assis Camelo, o nome do homem era Seu Walter. Eu fui morar na casa de seu Walter, da família dos Camelo. Família antiga, fui morar com eles. Genival trabalhava na casa de seu Judivan Cabral que era um vereador daqui de João Pessoa. E eu trabalhava na casa de seu Assis Camelo.

Numa família só, eu já trabalhei na casa de Assis Camelo, Milton Camelo e Walter Camelo. Numa família só, para você ver como eles gostam de mim. Só da mesma família. Naquele tempo, quando tinha festa numa casa, só eu ir lá falar com os irmãos para fazer a festa. Eu já trabalhava com negócio de bolo, de enfeitar as coisas quando precisava. Com a família de capitão Eliezer, de Nilza, ele tinha uma filha chamada Nilza. Ela se casou com Belô. Mas eu não sabia de que família que Belô era.

Meus patrões eram tudo... Que me ajudavam. Trabalhei um bocado de tempo com ele, parece que uns dois anos. Sim, fiquei com a mulher de Ricardo. Fiquei um bocado de tempo com a Devani Pinto, que é advogada e ia para lá também ajudar ela. Só que

na casa dela era só diarista. Quando a empregada saía, eu ia para lá, ela me chamava. Ou então quando tinha festa, quando tinha festa era comigo também. Aí desse jeito... agora estou velha. Estou separada, fico na minha casa.

Quando eu saí da casa de seu Wilson, fui morar na minha casa. Através daí, foi quando eu comecei a trabalhar. Aí saí conhecendo. Eu comecei a trabalhar no Atacadão dos Eletro por causa de minha irmã de criação, que é a filha do capitão Eliezer, que me tirou de Mari. Aí Nilza casou, só que casou com o irmão do dono do Atacadão. Só que eu não sabia, não tinha intimidade. Foi ali par o Miramar. Quando eu saí da casa foi par o Miramar, aí do Miramar foi aí para a Santa Clara, na parte de baixo, na favela. Aí da Santa Clara, vim aqui pra cima. Morar aqui em cima. A casa era minha. Foi com Genival, com quem eu me casei. Foi o que durou mais tempo, passei quase uns quinze anos com ele. (Nina Kelly).

O casamento com Genival apresenta-se como uma confirmação do *status* de mulher honesta. Igualmente, quando retoma valores conservadores sobre virgindade: “Neto foi quem tirou minha virgindade. Ele também era virgem. Ele só pegou atrás de mim, porque eu não dava de jeito nenhum. Ah, não, eu tinha medo. Meu negócio era a frente.”

A enunciação do tabu da virgindade marca sua distinção moral, aproximando-se da imagem da mulher virgem, santa, protetora, guardadora da salvação eterna, contraposta à mulher lascívia, diabólica e devassa (VAINFAS, 1986). Em sua paródia de gênero, Nina reflete a feminilidade construída pela tradição ocidental cristã, que reveste a mulher de culpa e castidade, destinada à expressão sexual no limite do casamento (DEL PRIORI, 2005, 2011).

A irrupção de novas narrativas na produção de conhecimento, a quebra do silêncio de vozes subalternizadas tem reinventado saberes. A ocupação dos espaços de ciência por corpos femininos, sexo-gênero dissidentes, negros e indígenas tem assumido uma atitude contracolonial

na enunciação dos estudos de raça, gênero, sexualidade, território e classe social. A interseção política torna-se teórico-epistemológica:

Ou seja, reconhecendo a equação: quem possuiu o privilégio social possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e, assim, inviabilizando outras experiências do conhecimento. (RIBEIRO, 2017, p. 24.).

A navalhada política contra os privilégios sociais atinge a carne do conhecimento, transferindo as lentes de inteligibilidade dos objetos de estudo para olhares interseccionais entre os diversos aspectos das opressões. A interseccionalidade emergiu das epistemologias feministas, na conjugação das relações de poder entre classe e raça para pensar os lugares sociais ocupados pelas mulheres, principalmente nos países multirraciais periféricos, como o nosso (HIRATA, 2014). Foram, portanto, os Feminismos Negros e Latino-americanos a pautar a perspectiva interseccional, dentro de um quadro interdisciplinar do conhecimento. Mas, afinal, o que é interseccionalidade?

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (BILGLE apud HIRATA, 2014, p. 63).

Na linguagem da matemática geométrica, pelo que recordamos dos tempos de escola, interseção corresponde ao encontro entre dois ou mais conjuntos. Essa geometria, no entanto, não é rígida; se move conforme os efeitos dos discursos no tempo e no espaço. A pensadora negra brasileira Sueli Carneiro (1995) conjuga raça, gênero, sexualidade e classe para pensar a ascensão social do homem negro através de relações inter-raciais com mulheres brancas; seus estudos são indispensáveis para entender a construção da identidade de mulheres negras brasileiras e sua consequente desumanização.

Para pensar memórias das diversidades sexuais e identidades de gêneros, a interseção das análises se faz obrigatória. A conjugação das lutas contra as opressões parte da política para a epistemologia, e vice-versa. Desde o seu surgimento no final dos anos 1990, o movimento transfeminista tem percorrido trilhas interseccionais, abrindo espaços autônomos para pensar e batalhar pelas demandas específicas das pessoas trans, questionando justamente o conceito de mulher para o feminismo e, necessariamente, pugnando pela construção de uma política em que as opressões sejam enfrentadas em suas múltiplas interações (COACCI, 2014).

Como coloca a pesquisadora pernambucana e travesti, Maria Clara de Araújo (2018), a invisibilidade dos modos de vida, de conhecimento, estéticas, corpos e demandas políticas das mulheres trans no movimento feminista e movimento LGBTI+, este em geral protagonizado por homens cisgêneros homossexuais, tem levado as travestis/transsexuais a organizarem sua pauta de forma autônoma, em contato com as interfaces de raça e classe social:

Quando conversando com Erika e Giovanna para a construção desse texto, meu primeiro questionamento foi sobre como elas enxergavam a importância de ter uma análise interseccional sobre raça e identidade de gênero, por entender que ambas se entrelaçam e fazem com que trajetórias trans/travestis, muitas vezes, se deem por caminhos mais tortuosos quando

se tratam também de corpos racializados. (ARAÚJO, 2018).

Nesse sentido, Jaqueline Gomes de Jesus (2013), intelectual brasileira negra e travesti, destaca que a análise interseccional transfeminista trabalha a partir da herança do Feminismo Negro, que, desde os anos 1970, defende o caráter interacional das opressões; em suas palavras:

No que tange à interseccionalidade, representada pelo segundo princípio do transfeminismo (reiteração do caráter interacional das opressões), e à valorização das experiências das pessoas trans (quarto princípio), pode-se afirmar que são elementos herdados do feminismo negro (COLLINS, 1990), o qual, ainda na década de 70 do século XXI, defendeu que (1) as opressões têm uma natureza simultaneamente operacional e interligada, de modo que preconceitos e discriminações de gênero dialogam com os de raça, orientação sexual, idade, origem, entre outros; e que (2) a experiência de vida e de lutas, e o conhecimento acumulado pelas mulheres negras, no processo de enfrentamento ao racismo, ao sexismo e ao machismo, configura-se como um elemento central para os debates e ações de cunho feminista. (JESUS, 2013, p. 05).

A atitude de pensar as opressões na perspectiva interseccional envolve, também, as considerações sobre sexualidade e território. Se a Teoria Queer, de forte inspiração pós-estruturalista, tem liderado os estudos sobre sexualidade, com a perspicácia de transitar pelo labirinto capitalista das opressões, sua leitura, desde o Sul do Equador, tem seus desdobramentos, sobretudo no que tange às políticas de vida, quando nossas vidas sexo-gênero dissidentes não contam para as razões de Estado, especialmente se viventes em corpos racializados, em condição econômica precária e localizados em territórios periféricos:

A entrada da vida na história no ocidente dá-se sob, e tem como condição, a própria ação colonial. Lida aqui

dos trópicos, a era do biopoder (ou a modernidade ocidental) surgiria ela própria sob o signo da colonização, num dramático quadro no qual a emergência da vida e a potência de produzir a vida no ocidente nasce sob o manto da exploração. A saúde e a expectativa de vida no ocidente não são apenas simultâneas aos corpos precários dos trópicos, mas deles dependentes. (PEREIRA, 2012, p. 378).

A leitura latino-americana das sexualidades e identidades de gêneros dissidentes abre, de fora a fora, o corte interseccional. Para a chilena Hija de Perra (2016), os conceitos de gênero e sexualidade são informados diretamente pela classe social, raça, território, religião, educação. Nos trópicos, o buraco é mais embaixo. A análise dos direitos e das subjetividades jurídicas sexo-gênero dissidentes latino-americanas pede submetodologias indisciplinadas, elaboradas na tensão dos corpos indisciplinados em espaços de produção do saber institucionalizado (MOMBAÇA, 2016). Transgressão metodológica, quebra da moldura que retém o espelho eurocêntrico da disciplina.

Nesse exercício, aprendemos com as experiências anteriores a transgredir os sistemas disciplinares de pensamento. Na academia, o movimento negro há muito tempo tem elaborado suas epistemologias contra a ordem colonial do saber:

Muitos autores, entre eles Guillaumin (1992), afirmam que o racismo e a “raça” são produtos da modernidade, ou seja, que a idéia de raça não existiria fora da modernidade. O que eles querem dizer com isso? Eles querem dizer que a idéia de raça, tal como a temos hoje, pressupõe uma noção chave para a ciência moderna, a de natureza imanente, da qual emana um determinado caráter, uma determinada psicologia, uma determinada capacidade intelectual. A idéia científica de que a natureza se desenvolve propulsionada por seus próprios mecanismos internos é imprescindível para essa idéia moderna de raça (GUIMARÃES, 2008, p. 70).

Dessa crítica ao eurocentrismo dos saberes ditos científicos, negras e negros se posicionaram tendo em vista a construção de outro horizonte de pensamento: a afrocentricidade. Afinal, quanto à representatividade de negros e negras nos discursos científicos, “não se trata apenas de marginalização, mas de obliteração de sua presença, seus significados, suas atividades e sua imagem” (ASANTE, 2009, p. 95).

Declaradamente perspectivistas, as teorias afrocentradas procuram fundar o lugar de negras e negros enquanto atores sociais, políticos e também de produtores de saberes. Ama Mazama (2009) fala de deslocamento para se referir ao processo de apreensão da realidade gerenciado pelo centro de outro grupo social. O caminho inverso é chamado de realocação, a retomada do discurso, dos lugares de fala por pessoas negras com o objetivo de reinventar a cultura, a economia, o direito, a história (MASAMA, 2009). A pesquisa afrocentrada se guia por “áreas interdisciplinares, ao mesmo tempo detonando as fronteiras disciplinares tradicionais” (RABAKA, 2009), articulando raça, gênero e classe no estudo sobre as desigualdades sociais contemporâneas:

É um estilo de teorização crítica inextricavelmente ligado a práticas políticas progressistas que ilumina e enfatiza as respostas das radicais e revolucionárias africanas às questões-chave apresentadas pelas principais formas e forças de dominação e discriminação – racismo, sexismo, capitalismo e colonialismo – que historicamente têm moldado, e continuam a moldar, o mundo moderno e pós-moderno, neocolonial e pós-colonial. (RABAKA, 2009, p. 141).

Embora não houvesse um direcionamento étnico-racial no roteiro de entrevista, Nina afirmou-se como “morena”. Em suas palavras, enquanto comentava um envolvimento sexual com o jovem Neto, “eu toda moreninha, toda enxeridinha. Ainda me lembro”. Da leitura de seu fenótipo (cabelos, rosto, estrutura corporal e cor da pele), percebemos a presença indígena.

Devido aos processos de branqueamento da população brasileira, a identidade de pessoas descendentes de indígenas, que estão fora das comunidades, enfrenta difíceis impedimentos no auto-reconhecimento, compondo a categoria problemática do “pardo” e, por conseguinte, negro, enquanto somatório de pretos e pardos (NASCIMENTO, 1978).

Construindo diálogos em sua narrativa, Nina, na esteira do memorialismo literário e da autobiografia, percebe-se como narradora e personagem da ação narrada (KHÊDE, 1982). Discorrendo sobre suas tramas no trabalho doméstico, ela desloca sua identidade para o tempo presente, refletindo acerca de sua idade e disposição para a batalha: “Quando a empregada saía, eu ia para lá, ela me chamava. Ou então quando tinha festa, quando tinha festa era comigo também. Aí desse jeito... agora estou velha. Estou separada, fico na minha casa”.

O tom avaliativo de sua enunciação reforça a posição de Ecléa Bossi (1987) quanto à memória dos velhos na perspectiva de que, por terem vivido um tipo de sociedade já bem definido, conseguem referenciar suas lembranças num pano de fundo mais bem demarcado que as pessoas mais jovens ainda absorvidas pelas solicitações intensas da vida diária.

“Meus patrões eram tudo”, declarou Nina, em tom de gratidão. Em torno dessa declaração, ela elabora o cenário referente ao seu ambiente de trabalho, enunciando personagens-patrões que lhe deram oportunidade – sempre valiosa tendo em vista a vocação compulsória de travestis para a prostituição em nossa sociedade transfóbica (PELÚCIO, 2009).

Relatando lembranças de sua trajetória no trabalho doméstico, cita sua jornada na casa de várias famílias, entre elas, as de “Seu Wilson”, “Judivan Cabral”, “Assis Camelo”, “Milton Camelo”, “Walter Camelo”, “Capitão Eliezer” e sua esposa “Nilza”, “Devani Pinto”, bem como o emprego no comércio, na função de vendedora da loja “Atacadão dos Eletro”.

Mirian Cisne e Silvana Mara (2018), no livro *Feminismo, Diversidade Sexual e Serviço Social*, abordam a divisão sexual do trabalho e suas implicações sociais para a população LGBTI+, considerando o modo em

que os fatores identidade de gênero e orientação sexual estruturam a exploração do trabalho, forçando uma assimilação do heterossexismo e o confinamento a nichos profissionais específicos, como cabeleireiro, maquiador, esteticista, etc.:

Da mesma forma, as chamadas identidades de sexo/gênero também promovem mediações na estruturação dessa divisão sexual do trabalho. Assim é que travestis e trans, por exemplo, também são aceitas em determinadas profissões. Notemos que todas as “transgressões” vão associar-se a profissões também consideradas femininas, logo, socialmente desvalorizadas. (CISNE; SOUZA, 2018, p. 66).

Discutindo a encruzilhada das opressões do capitalismo, patriarcado e racismo, Ângela Davis (2016) localiza historicamente a separação entre a economia familiar doméstica e a economia do lucro após a fase do capital industrial, reordenando as esferas do público/privado e, com isso, os lugares sociais destinados a homens e mulheres. Na experiência norte-americana, a herança escravocrata reservou os postos assalariados do serviço doméstico às mulheres negras:

Nos Estados Unidos, as mulheres de minorias étnicas – especialmente as negras – têm sido remuneradas por tarefas domésticas há incontáveis décadas. Em 1910, quando mais da metade de todas as mulheres negras trabalhava fora de casa, um terço delas era contratado como trabalhadoras domésticas remuneradas. Em 1920, mais de metade era de serviços domésticos e, em 1930, a proporção havia crescido para três em cada cinco. (DAVIS, 2016, p 239).

No Brasil, a escritora negra Lélia Gonzales (1984) estudou as relações entre racismo, sexismo e classe social na formação de nossa sociedade, deixando seu legado de análises interseccionais para produção de conhecimento no campo dos direitos humanos. A autora comenta os estereótipos consagrados pela rejeição/integração do papel da mulher

negra na sociedade brasileira, destacando a figura da “nêga ativa”, a mulata empregada doméstica, que presta serviços às famílias brancas no cotidiano e é enaltecida pelo mito da democracia racial nos festejos carnavalescos.

A resistência de Nina em romper com os lugares sociais que lhe foram destinados pelas relações sociais implicadas no heterocapitalismo racista patriarcal aparece, em seu discurso, na cena em que começa a trabalhar como vendedora no Atacadão dos Eletro, deixando o local do trabalho reprodutivo para as funções lucrativas de comércio. Essa revolução pessoal se consolida com a abertura de sua loja, aconselhada pelo proprietário do Atacadão, que diz: “Não trabalhe para ninguém. Porque você tem tudo para trabalhar para você.”

3.4 Personagens que embaralham o real e o fictício

Eu sou a madrinha deles. Eu dou respeito a eles, e eles me consideram. Uma vez foi com Fernanda, que eu defendi. Outra vez foi com Delícia. Os caras iam pegar Delícia, cheguei na hora e eles não mexeram. Delícia mexendo com os caras, acho que não gostaram. Eles voaram em cima dele, só que eu estava perto e não deixei. Eles me consideravam, me respeitaram. Até me chamaram atenção:

— Como é que você é uma fêmea e fica perto de uns viados safados desses. Até isso disseram comigo. Eu dizia:

— Não, pode ser o que for, mas ele é gente. Ele é cristão, ele é humano. A gente não pode se desfazer de nenhuma pessoa.

Foi quando eles viram que eu estava certa. Ele saiu, não mexeram mais com Delícia, nem comigo. Foi em Mandacaru, no dia do desfile da escola de samba. A escola estava perto da Ponte Preta. “— Aqui vocês não vão bater, não”. Eu dei conselho. Eu comecei a explicar que eles não podiam fazer isso, que Delícia era humano. Comecei a explicar que eles não eram

pais de Delícia. Ele pegou e disse, “— sua felicidade, é ela. Como é que a senhora dá atenção a um viado safado desse?” Até me chamavam de senhora, pensando que eu era uma fêmea. Delícia ficou feliz:

— Nina desse jeito, o povo pensa que ela é uma mulher de verdade. Pensa que é uma fêmea.

Ela me agradeceu:

— Nina, vale a pena a pessoa ser sua amiga. Você protege as pessoas mesmo. Você é desse jeito, mas não tem quem diga. Eu dou meu respeito. Eu te considero, e te respeito. (Nina Kelly)

A narradora nos coloca no bairro do Mandacaru, periferia da capital da Paraíba, durante o desfile de escolas de samba. No carnaval, a rua torna-se seu domínio. Lendo as palavras com as quais registra suas memórias autobiográficas, ainda que atravessadas por mim pela transcrição, nos deparamos com as fronteiras entre ficção e história, ao passo que seu trabalho de expressão da subjetividade expõe a transparência frágil do sexo-verdadeiro. Convidamos Sônia Salomão Khède a somar no debate sobre memorialismo e identidade:

Mas o memorialismo, embora não seja exclusivo da atividade artística, ficcional, é o produto de base do processo *poiético*, podendo se apresentar como a lembrança edificadora de mitos pessoais e monumentos de autorreconhecimento ou como lembrança operadora da diferença em que a lembrança é ato de descoberta. (KHÈDE, 1982, p. 191).

Em sua produção de memórias, Nina compartilha conosco seu conceito de identidade de gênero na medida em que o edifica como monumento da linguagem. Na ocasião discursiva, a interlocutora relata sua posição na comunidade sexo-gênero dissidente: é considerada “madrinha” deles, marcando uma diferença entre ela e eles – os homossexuais masculinos cisgêneros. Neste grupo, ela encaixa as personagens “Fernanda” e “Delícia”.

Como nada em Nina é linear, senão ela nos enuncia um universo repleto de surpresas e contrações, tais personagens recebem nomes femininos, embora nos sejam enunciados como “viados” em oposição a sua condição de “fêmea”, que aparenta ser uma “mulher de verdade”. A respeito desse jogo de paródias, em sua obra *O que é transexualidade*, Berenice Bento, comenta:

Nesse movimento de convencimento e inserção no mundo do outro gênero, a discussão do real e do fictício aparecem. O “real” seria a verdade ditada pelos imperativos do corpo, e o fictício, o carente de originalidade. Como identificar um homem e uma mulher “de verdade”? O que são sentimentos femininos e masculinos? Como concluir que este ou aquele sentimento é mais ou menos feminino/masculino? As/os mulheres/homens biológicos em suas ações cotidianas também interpretam o que é mulher/homem “de verdade”, isto porque a verdade dos gêneros não está no corpo, já nos diz a experiência transexual, mas nas possibilidades múltiplas de construir novos significados para os gêneros. (BENTO, 2008, p. 47).

A rigidez binária do lugar de mulher, que configura seu local de fala, joga com o atrevimento de sua própria narrativa, ao se descolar da função-personagem e se pôr na função-autora: “até me chamavam de senhora, pensando que eu era uma fêmea”, como se risse da situação cênica com uma voz que mescla deboche e orgulho. Em outro contexto, ela propõe um enunciado semelhante: “sou travesti, você agora vai se lascar comigo”, relembrando uma cena em que escapara de um assalto. E complementa: “Ele nem descobriu que eu não era moça”, explicitando que não se identifica com a condição de mulher cisgênero expressa pela designação “moça”.

Hélio Silva, em sua obra *Travesti: a invenção do feminino* (1993), publicou uma densa etnografia carioca com sujeitas acerca de suas travestilidades, encontrando no espaço urbano os cuidados para a enunciação da travesti brasileira dentro das configurações teóricas do

gênero, pelo que realça em sua identificação justamente o amálgama masculino-feminino, o não-lugar da mulher de pau: “*Transvestire*, transexual. A condição não seria exatamente a não-condição? Seu lugar não seria a transgressão?” (SILVA, 1993, p. 92).

Outro ponto relevante no excerto em análise é o argumento invocado pela protagonista para agir em defesa de Delícia, que enunciado como “viado” performa um gênero não-inteligível à heteronorma, logo, destituído de humanidade. Ela argumenta: “pode ser o que for, mas ele é gente. Ele é cristão, ele é humano. A gente não pode se desfazer de nenhuma pessoa”. Nina articula o discurso religioso cristão que universaliza a condição de pessoa humana para revestir a personagem de humanidade, afastando-lhe a abjeção que autoriza a violência.

3.5 Subverter o visível

Importante atentar-nos para a leitura dos retratos apresentados por Nina, distribuídos ao longo do texto com a função de ilustrar e também enunciar seus discursos. Solicitei um álbum de fotografias para apoiar as memórias evocadas na pesquisa. Depois de realizada a entrevista, bem como todos os diálogos, observações e vivências que a contextualizaram, selecionei as imagens que entrariam para o trabalho. De início, saliento a impossibilidade de analisar todas em virtude de sua extensão e riqueza; assim como foram apresentados vídeos, que pelos mesmos motivos, não serão examinados, não obstante seus significados estejam presentes nestas entrelinhas.

Como já discutimos no capítulo teórico-metodológico, as fotografias foram utilizadas como instrumentos indutores de memória, que provocavam emoções e situavam a sujeita em diferentes temporalidades vividas (REY, 2010). As respectivas legendas foram construídas com base nos enunciados emitidos na conferência dessas imagens.

Em seu livro intitulado *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*, Peter Burke (2017), estuda a dimensão iconográfica das fotografias e retratos, destacando elementos como a identidade dos fotografados e fotógrafos, a cumplicidade entre ambos, a composição

das cenas, os aspectos da vida real retratados, a forma simbólica, os gestos e vestimentas:

Sejam eles pintados ou fotografados, os retratos registram não tanto a realidade social, mas ilusões sociais, não a vida comum, mas performances especiais. Porém, exatamente por essa razão, eles fornecem evidência inestimável a qualquer um que se interesse pela história de esperanças, valores e mentalidades sempre em mutação. (BURKE, 2017, p. 44)

A tecnologia empregada nas fotografias de Nina ainda não era digital, à época, as imagens eram capturadas no suporte do filme fotográfico, trazendo uma carga estrutural da câmera enquanto bem de consumo na sociedade do capital. A aquisição desse equipamento indicava o pertencimento a uma classe social.

Na figura 2, que retrata um aniversário em família no ano de 1986, em plano médio, Nina aparece no centro da imagem, cercada de crianças, a maioria negra, além de sua irmã Rosa e sua mãe Maria Rodrigues, diante de uma mesa com guloseimas, partindo o bolo, em comemoração aos 28 anos. O efeito de realidade transmitido pelo retrato, como em outras imagens apresentadas, é o de celebração da vida. Com roupas, brincos e colar elegantes, a reunião em família parece ser maior que as dores da luta diária, visível em terceiro plano pela toalha que serve de porta revelando a simplicidade da residência.

Na figura 4, a foto capturada no interior de sua loja, em plano aberto, enquadra em primeiro plano Nina e um urso de pelúcia branco, ao fundo as prateleiras mostram a variedade de mercadorias, em geral, eletrodomésticos. Nina posa ao lado do urso, humanizando-o, deslocando, na construção da cena, mais uma vez, as distâncias entre o real e o fictício. Na figura 5, uma foto batida na mesma ocasião, Nina projeta-se no segundo plano da imagem, vitoriosa por sua posição de proprietária, fornecendo-nos uma visão que subverte o lugar da travesti racializada.

Vemos, na figura 6, um casal heterossexual convencional, uma imagem que constitui qualquer arranjo conjugal do que espera a norma

imposta pelo patriarcado brasileiro. Como Le Goff (2013) nos adverte, os documentos materializam, antes de tudo, relações de poder. Genival está vestido como um cavaleiro, em trajes de alfaiataria, barba feita, sorriso no rosto, expressando uma masculinidade branca padrão; Nina, ao seu lado, com um belíssimo cabelo longo, vestido com mangas bem desenhadas, segurando presentes na mão. Mais uma vez, Nina protagoniza uma narrativa não esperada ao seu grupo social.

Adentramos ao mundo carnavalesco. A figura 11 nos apresenta Nina jovem ao lado de um batuqueiro da escola de samba Noel Rosa. A fotografia em tom sépia dá indícios da passagem do tempo. Com uma fantasia bem elaborada em brilhos, luvas, máscara e um acessório de cabeça deslumbrante ornado com penas, Nina expõe seu talento para a produção de figurinos e encena o papel mitológico da travesti no carnaval, desafiando o público da avenida a compartilhar sua grande dignidade.

Na figura 12, Nina posa acompanhada de um rapaz e uma mulher que se coloca sobre as costas dele. Com uma fantasia composta por botas e vestes prateadas, ostentando um babilônico acessório de cabeça, à maneira Carmem Miranda, ela narra que o rapaz solicitou o retrato. No carnaval, o corpo trans torna-se visível e Nina posa na foto como uma modelo sorridente, dobrando qualquer intenção preconceituosa que pudesse habitar o coração dos outros dois modelos em outro período do ano, eternizando uma memória que a coloca em outro regime de visibilidade (DELEUZE, 2005).

Na figura 13, do alto do carro alegórico da escola de samba Independente de Mandacaru, Nina é vista ao lado de duas crianças. Em trajes nos tons de azul e prata, adornada com um acessório de cabeça que parece duplicar sua altura, ocupa um lugar de destaque. Momento de máxima visibilidade, corpo trans na avenida da festa popular paraibana, demarcando seu espaço na memória social da comunidade, fazendo-se visível numa posição de poder.

A “apresentação do eu” (BURKE, 2017, p. 43) forjada por Nina em suas fotografias, em regra, busca estilizar uma imagem gloriosa da

travesti, rompendo com os estereótipos usuais produzidos pelos meios de representação do patriarcado heterocapitalista racista e inventando novas narrativas para o enquadramento da memória social sexo-gênero dissidente.

3.6 Alegorias transformistas no carnaval paraibano

Pronto, através da casa de dona Nanhã comecei a brincar o carnaval. Eu estava com dezenove anos e ia fazer vinte. Na Noel Rosa. Faz tempo. Depois da Noel Rosa, veio a Malandros do Morro. Depois da Malandros do Morro, veio a Independentes de Mandacaru. Depois da Independentes de Mandacaru, veio a Catedráticos. Depois da Catedráticos, veio a Unidos do Roger. Depois da Unidos do Roger, brinquei também na Império do Samba. Depois da Império do Samba, brinquei em uma que já faz tempo que se acabou... “não sei o quê flor”. Sei que tem mais duas escolas que já se acabaram. [...]

Todo ano, quando dá tempo, eu desfilo e entro para as escolas de samba. E levo componente para desfilar também. Faz tempo que eu danço, bem novinha. Já faz mais de trinta anos de carnaval.

Comecei a brincar em carro alegórico depois que comecei a aumentar as fantasias. O povo, “— ah, sua fantasia já dá para sair numa alegoria”. Comecei a brincar em cima das alegorias. De me apresentar bem, me sentir à vontade, bem recebida. As alegorias, meu gosto é que sejam bem bonitas, destacando a fantasia. (Nina Kelly).

Tudo o que foi dito por Nina teve a intenção de chegar até aqui. A narrativa autobiográfica deflagrou-se a partir do roteiro de entrevista elaborado com base na história oral de vida temática, focando neste aspecto da personalidade da entrevistada: seus trinta anos de carnaval tradição nas escolas de samba de João Pessoa. No percurso, transitamos pelos labirintos da memória da interlocutora que partilhou conosco

lembranças individuais com a espessura tão larga que nos fez reconhecê-las enquanto vivências de grupo da comunidade sexo-gênero dissidente, em especial, das travestis.

Rememorando sua passagem pelas avenidas, Nina nos desenha um diagrama histórico das escolas de samba que orientam os festejos carnavalescos tradicionais da cidade. Sua história confunde-se com a do carnaval, ao menos em seus acontecimentos nas últimas três décadas. A enunciação carnavalesca da protagonista nos cria uma atmosfera mágica, repleta de fantasias, alegorias e ritmos, onde tudo parece possível. A metamorfose constitui a regra da beleza. Nesse tempo propício à brincadeira, sua subjetividade está “à vontade, bem recebida”.

No artigo *Memória, antropofagia e carnaval*, Francisco Lopes Junior (1988), analisando poemas de Silvano Santiago, pensa os matizes do folclore carnavalesco no cerne da cultura brasileira, permeada pelo seu caráter dramático oscilante entre a tradição judaico-cristã ocidental e uma exaltação dionisíaca manifestada de modo explícito no carnaval, uma festa contrária à repressão e liberalizante:

O racional será obrigado a travestir-se com muitas máscaras, terá de participar necessariamente da festa para se desmascarar enquanto linha única de pensamento. É o exercício de uma prática carnavalesca para destruição do lado acadêmico, doutor, para o qual nos chamavam a atenção os manifestos visionários de Oswald de Andrade. Cada recorte do real sempre é uma problematização, porque o reagrupamento é interpretativo – através de recursos técnico-formais de desmascaramento, transformações, deformações, adaptações, apropriações. Todos esses elementos nos permitem verificar a re-invenção de processos carnavalescos que, partindo de uma apresentação, revelam-se excelentes índices de mudança e transformação. (LOPES JUNIOR, 1988, p. 280).

A subjetividade-travesti da protagonista está em paz porque neste festejo sua poesia pode ser escrita e recitada em voz alta no palco da

rua, nas formas refinadas de suas fantasias, que engolem os códigos heteronormativos de gênero e vomitam reinventando a estética do corpo. Nunca a incorporação das marcas do feminino pode ser vivenciada com tanta liberdade, transgredindo a ilusão televisionada hegemonicamente pelo padrão branco de feminilidade na elegância de ser quem se quer: “já faço o rabo de cavalo bem chique, saindo aqui detrás. Preso, aí vem. Que nem Xuxa fez”.

Recebi o honroso convite para desfilhar na escola de samba Unidos do Roger, presidida por Fernanda Benvenuto, no carnaval tradição João Pessoa 2018, quando pude colocar meu corpo na rua e sentir um pouco das emoções de nossa protagonista em seus muitos carnavais. Fomos a ensaios, provas de figurino e, no dia do desfile, gravamos tudo em audiovisual. Vestido com um traje amarelo por baixo, uma armação com setas apontadas para cima, braceletes e um acessório de cabeça cilíndrico, tudo no degrade do arco-íris, compus a Ala da Diversidade da agremiação, somando-me a dezenas de pessoas sexo-gênero dissidentes que militam na arena da diversidade no cenário paraibano. Parecia um sonho.

No carnaval, a travestilidade torna-se real, ao invés de utópica:

A escola de Fernanda é a que tem mais travestis, masculino não tem muito. Tem mais travesti, sapatona. Por isso que todo ano ela ganha, porque sabe que as travestis botam pra foder mesmo. (Nina Kelly).

O sonho de um mundo em que “travestis e sapatonas” são maioria constitui a quimera realizável nos festejos carnavalescos pelo discurso memorialístico da protagonista. A clausura moral sobre os corpos sexo-gênero dissidentes em nossa cultura remonta à proibição do pecado da sodomia que condenava os culpados ao Tribunal do Santo Ofício no Brasil Colônia (VAINFAS, 1989). A tentativa neurótica de esconder tal vivência nos discursos oficiais da história brasileira desmascara-se no carnaval, como resgata João Silvério Trevisan, em suas reminiscências da cena travestida:

Na vida brasileira, parece que essa modalidade de travestismo teatralizado evoluiu por duas vertentes diversas. Uma – meramente lúdica – floresceu, de modo esufiante, no carnaval, com centenas de pais-de-família (ou não) vestidos com as roupas de suas esposas (ou irmãs ou mães ou amigas), durante três dias ao ano. A outra vertente voltou-se para um objetivo mais profissional, com o surgimento, nos palcos, do ator-transformista que vive profissionalmente da imitação de mulheres e, com frequência, é travesti também na vida cotidiana. (TREVISAN, 2000, p. 145).

Tão valiosa quanto a atuação militante na política institucional se mostram as ações de Nina Kelly nas artes transformistas, elaborando artificios culturais que fundam uma comunidade sexo-gênero dissidente paraibana:

As décadas de 1960, 1970 e parte da de 1980 viveram a eclosão dos shows de travestis brasileiras com inúmeros espetáculos. É no processo de formação da comunidade LGBT brasileira, que os espetáculos com artistas transformistas deixam de ser meras paródias do sexo oposto e se tornarem um novo estilo de performance. A arte transformista passou a estar associada a uma concepção de um travestismo profissional, inclusive com a existência de uma regulamentação da profissão de ator-transformista (Trevisan, 1986/2000). A arte transformista, quando inserida no âmbito da produção cultural LGBT, passou de maneira antropológica a mesclar de forma complexa o transformismo moderno e travestismo cênico junto a travestilidade e outras vivências da sexualidade e do gênero. Não se tratava mais somente da capacidade de impersonificar identidades diferentes ao gênero atribuído ao nascimento, mas de colocar o próprio gênero e a sexualidade como elemento de debate a partir dos elementos culturais da comunidade LGBT, produzindo a ativação subversiva de elementos de gênero e sexualidade hegemônicos e subalternos por meio da paródia, do glamour, da fantasia ou da caricatura.

O transformismo tornava-se o criativo celeiro da comunidade LGBT e todo seu disparate. (BORTOLOZZI, 2015, p. 131).

A imitação do gênero está autorizada pelo devir carnavalesco, um pulo livre para a arte transformista, que engorda nesse período para continuar seu brilho nos dias áridos e agressivos do restante do ano. Para a protagonista, a arte transformista consagrou-lhe a composição de seu nome social:

Nina foi do capitão Eliezer e o Kelly foi... Qual show que eu fiz? Foi a menina que disse, “— ó, Nina, não bota Nina não, chama Nina Kelly”. “Agora, com vocês, Nina Kelly”. Qual foi o show que eu fui fazer? Parece que foi na praia, na Parada Gay, que teve a gravação das travestis. Não, foi no Drag Mel, que o rapaz que chamava, Luciano fazia parte do que chamava as pessoas. Ele me botou. Foi Luciano e Chiclete, que disse, “não chama, Nina, não. Na hora do chamado. Dê outro nome”.

Luciano disse, “— já sei qual é que vou mandar o rapaz chamar: com vocês, Nina Kelly, do Castelo Branco”. Quando falou Nina Kelly, o povo ficou doido para saber quem era. Quando viram que era eu, pronto. Foi mais no miss simpatia. Todo mundo no teatro Santa Roza, era até em cima nos camarotes. Danaram o pau a gritar, “— eita, é Nina. Já ganhou, já ganhou”. Eu disse, “— oxente”. Aí veio o show, depois teve de maiô. Tiveram várias roupas. O meu ficou bonito. (Nina Kelly).

Esta é a sequência da cena de nomeação relatada pela interlocutora. Anos depois do batismo do nome Nina pelo Capitão Eliezer, durante um concurso de shows transformistas chamado Drag Mel, organizado pelo Movimento do Espírito Lilás, uma de suas saudosas lideranças, Luciano Bezerra, complementa o gesto do passado designando-lhe o Kelly, à moda da atriz de norte-americana Grace Kelly. Nina da televisão, Kelly do cinema, uma história de transgressão do real.

3.7 Futuros transviados: imaginar o impossível

Do jeito que eu estou vendo, vai melhorar porque agora você vê que o mundo tem muito preconceito, mas está liberal. Tem preconceito, mas está liberal. Pior quando tinha preconceito, que não era liberal. Agora está um troca-troca de nome, de mulher para homem, de homem para mulher, pode trocar agora os nomes. Os documentos podem modificar. Por isso que essas pessoas que são travestis vão ficar mais ainda. Não vão querer ser homem. Não vão querer se produzirem como homem mais. Vão ficar sempre femininas, aí a tendência é melhorar a situação. Você vê que agora querem se casar, serem donas de casa, querem adotar filhos, conseguir trabalho. Que antes era difícil, agora já tem gente trabalhando. Já tem gente botando as pessoas em serviços. (Nina Kelly).

As potências transformativas das memórias e das culturas sexo-gênero dissidentes são vistas como ameaças ao projeto civilizatório da burguesia nacional. Lembremos as manifestações contrárias da extrema-direita à vinda de Judith Butler ao Brasil em novembro de 2017, acontecimento contemporâneo ao fechamento da exposição Queer Museu e a interdição judicial da peça teatral de Renata de Carvalho, chamada “O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu”, em que a protagonista é representada por uma mulher trans:

Nós precisamos desarmar a guerra deles contra nossa imaginação radical para podermos sonhar com mundos que ainda não foram inventados, mesmo que toda semana os tornados reacionários do totalitarismo nos levem a defender coisas que nós já havíamos tomado por garantidas (MOMBAÇA, 2017).

Nos tempos sombrios de expansão do fascismo, demarcar nossas memórias consiste numa atitude revolucionária. Desde a crise no capitalismo global, nos anos 2007-2008, assistimos ao crescimento do

totalitarismo no mundo, agenciado pelas políticas de austeridade, avanço de movimentos antidemocráticos, senso comum ultra conservador, ressurgimento dos grupos de defesa da supremacia branca e dominação masculina heterossexual.

João Ricardo W. Dornelles (2017) analisa o cenário desolador para os direitos humanos no contexto autoritário do começo do século XXI. Segundo o autor, as classes médias tradicionais e as elites nacionais gestaram esse momento, inconformadas com a crescente conquista de direitos resultante das políticas sociais durante os governos Lula e Dilma Rousseff, culminando no golpe jurídico-parlamentar de 2016. Entramos numa era de reconcentração do capital, um novo ciclo de acumulação estruturado nas velhas formas de opressão e com novas faces: fundamentalismo neopentecostal, “bolosarismo” e meritocracia neoliberal.

Lendo o golpe sob uma perspectiva de gênero, Marcia Tiburi enxerga o desmantelamento das feições do Estado de Direito após o *impeachment* de Dilma Rousseff, presidenta eleita legitimamente. Os herdeiros das velhas elites masculinas cis-heterossexuais, bisnetos dos coronéis do século XIX, decretaram um estado de exceção, operando sua máquina misógina para destruir o processo histórico de construção da democracia brasileira:

Com a saída da presidenta, a misoginia torna-se razão de estado. É o todo da política de governo. Em termos práticos, isso quer dizer o fim do Ministério das mulheres, da igualdade racial, da cultura, da comunicação, do que mais tiver relação com uma política capaz de reconhecer pautas relacionadas a direitos fundamentais. Uma política capaz de reconhecer a importância da participação popular. Uma política capaz de representar os cidadãos. É o fim da democracia representativa. Autorização coletiva para o machismo em todos os níveis, o racismo, os preconceitos de gênero, em uma palavra é o fascismo como negação do outro o que entra em cena com o fim da representação. (TIBURI, 2018, p. 114).

Para Guy Hocquenghem (2009), os movimentos sociais e a cultura de resistência sexo-gênero dissidente confrontam diretamente o projeto civilizatório das ideologias fascistas de heteronormalização do corpo burguês, desafiando as tecnologias de sublimação da sexualidade desviante ordenadas pelos valores da família e do Estado falocêntricos. Preciado (2009) complementa que serão as resistências lésbicas, bichas, travestis, trans e demais expressões dissidentes a romper mais radicalmente com os valores conservadores do totalitarismo, acionando o terrorismo cultural enquanto máquina de guerra.

“No que se refere ao direito à memória, atualmente a comunidade LGBTI+ tem um único direito, o de não ter nenhum”, denunciam Jean Baptista e Tony Boita (2017), em estudos sobre nosso lugar nos espaços de memória. Que lugar ocupamos na imagem congelada da família branca patriarcal brasileira? A cultura sexo-gênero dissidente está na borda do patrimônio histórico nacional, de forma que a preservação dessas memórias implica na defesa de um patrimônio cultural, na resistência ao silenciamento fascista e na elaboração de narrativas para educação sobre a diversidade de gênero e sexual.

Tratando as aproximações teóricas entre os conceitos de memória e identidade, Carmelo Distante (1988) comenta que serão as reminiscências sobre os modos de ser, viver, falar de um grupo social que demarcará a consciência inconfundível de sua identidade sócio-cultural:

Retomando a discussão sobre patrimônio mnemônico-cultural que constitui o capital no qual se baseia a identidade de um povo, de uma comunidade, tribo e pessoa, podemos dizer que ele nada mais é que a herança histórico-biológica e histórico-cultural que dá os sinais característicos ao vulto de uma civilização. (DISTANTE, 1988, p. 82).

A memória coletiva das comunidades sexo-gênero dissidentes tem sido silenciada no Brasil, exterminada na materialidade das violências letais motivadas por ódio. A memória oficial soterra nossas lembranças, nos faz perder os rumos da história, produzindo memórias subterrâneas

(POLLAK, 1989). Da borda, temos a identidade despedaçada, sem pertencimento afetivo e social à nação que também construímos. O papel de Nina Kelly na construção do patrimônio mnemônico da comunidade sexo-gênero dissidente paraibana encorpa nosso ingresso no projeto de civilização, na luta por direitos movida pelo reconhecimento da própria identidade.

Projetando-se no futuro brasileiro, Nina imagina o intempestivo, uma progressiva travestilização da sociedade, certamente agenciada pelas políticas de inclusão social fomentadas nos governos populares. Travesti patroa, doutora, casada – uma universalização do sonho retratado em suas memórias. A transgressão do regime de visibilidade para a enunciação de um protagonismo trans nas histórias gloriosas da nação. Sonhar não custa, apesar de reconhecer que “o dinheiro está lá embaixo”, expressando os impactos da crise do capital que primeiro atinge a população mais pobre.

Nós, dos países vítimas do colonialismo, não ousamos falar somente em mecanismos biomédicos, farmacológicos para a produção do gênero e da sexualidade. A inscrição dos códigos de gênero e sexuais nos corpos negros e indígenas trabalhadores é realizada no campo de batalha da luta pela sobrevivência. A *violentação* do corpo *racializado* deixa as marcas do gênero. Por isso Achille Mbembe (2015) desloca a noção foucaultiana de biopolítica para necropolítica em nossos territórios coloniais. Aqui, a soberania define as vidas que importam das que não importam:

Ouvir é, nesse sentido, o ato de autorização em direção à/ao falante. Alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida. Nesta dialética, aqueles(as) que são ouvidos(as) são também aqueles(as) que “pertencem”. E aqueles(as) que não são ouvidos(as), tornam-se aqueles(as) que “não pertencem”. A máscara re-cria este projeto de silenciamento, ela controla a possibilidade de que colonizados(as) possam um dia ser ouvidos(as) e, conseqüentemente, possam pertencer. (KILOMBA, 2010, p 178).

Rosa Maria Godoy Silveira (2016) analisa que a presente fascistização da sociedade brasileira emerge, entre outros fatores históricos, da organização social baseada no padrão familiar patriarcal, marcado pela raça branca e orientação heterossexual. Em tempos de aumento da barbárie e intolerância, o enfrentamento ao fascismo social passa pela revisitação das concepções de democracia e educação em direitos humanos, privilegiando abordagens que valorizem as diferenças (DORNELLES, 2017).

Entre violações e guardins, Nina nos partilhou seus arquivos de dor e alegria, num trabalho contrário às políticas de silêncio que marcam o corpo biopolítico da travesti, num país em que a banalidade do mal contra sua existência já está enraizada nas repetidas estatísticas (VILELA, 2000). Em busca do sentido antropológico dos direitos humanos, Joan-Charles Mèlich escreve sobre a *Memória de Auschwitz* (2000), atentando-nos para os processos de desconstrução da subjetividade pela violência do holocausto e o nosso compromisso, desde então, em evitar o esquecimento de experiências limítrofes, postulando uma ética da identidade pautada na recordação.

Ao longo de nossa história, a luta dos movimentos sociais pelos direitos da população LGBTI+ tem inventado espaços de pertencimento e participação na sociedade (GOMES, 2016). Na Paraíba, o grupo “Nós Também”, considerado o primeiro criado no estado para defesa dos direitos da diversidade, em 1981, atuava por meio de intervenções artísticas, num exercício da dimensão cultural da cidadania. Para além das políticas de reconhecimento, recontar nossas memórias consiste numa ação combativa aos aparelhos fascistas de significação e seus discursos que ditam o extermínio de nossos corpos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da família biológica, filha de Geralda Piojota, de Serraria, Nina foi a primogênita e não tem notícias sobre pai e irmãos biológicos. Ela tem um irmão adotivo que mora no Rio de Janeiro, o membro da família com grau de parentesco mais próximo que mantém contato. Quanto aos pais adotivos, Maria Rodrigues era dona de casa e parteira, Zé Rodrigues era trabalhador rural. Zé Rodrigues morreu, com cerca de 50 anos, em decorrência do consumo abusivo de álcool e Maria, de óbito natural decorrência da idade avançada. No registro civil de nascimento, designaram-lhe o sexo masculino, entretanto, Nina, desde criança, identifica-se com a feminilidade.

A família era católica e foi batizada. Da casa da família adotiva em Mari, por volta dos 10 anos, Nina foi morar na casa do Capitão Eliezer em João Pessoa, responsável pelo restante de sua criação, como se refere em seu discurso. Remetendo-se ao passado na escola como um lugar de exclusão e violência, ela não completou os estudos. Na casa do Capitão Eliezer, onde recebeu o nome social que carrega até a atualidade, também não frequentou a escola pelos mesmos motivos. Com Genival, Nina morou dez anos, sendo quinze de casamento. Depois de trabalhar muito tempo no serviço doméstico, tornou-se proprietária de sua loja de roupas e eletrodomésticos. Cardivan de Oliveira, radialista, chamou Nina pela primeira vez para desfilar numa escola de samba, desde então conta com trinta anos de avenida.

Nina Kelly, habitando as trincheiras culturais do movimento pela libertação sexual na Paraíba através da arte transformista, esteve lado a lado com os militantes engajados na articulação política institucional, dando passos largos para a formação e permanência da comunidade sexo-gênero dissidente local. Seu corpo visível para além do estigma tem ocupado as avenidas paraibanas, demarcando um território-travesti no espaço urbano cotidianamente tornado cenário de violência. A performance mitológica do carnaval nutre sua alma transformista para fazer existir uma subjetividade próspera, digna e louvável.

Corpos que expressam gêneros não inteligíveis, isto é, que não guardam continuidade entre sexo, gênero e sexualidade, como homens trans, intersexos, travestis, lésbicas, bichas, bissexuais, têm sido colocados historicamente fora do campo da subjetividade jurídica, justamente devido aos processos de abjeção, que lhes negando a humanidade à medida que os enuncia como estranhos, impedem seu reconhecimento à condição de pessoa.

O trabalho de refazenda da memória das dissidências sexuais e de gênero caminha pelo compartilhamento da fala. De minha posição jovem, jamais poderia enunciar tal discurso. Coloquei-me como ponte, meu corpo, meus ouvidos, meu coração pronto a escutar as histórias narradas pela protagonista e reelaboradas por mim na etapa de transcrição.

Cruzando nossas memórias, desafiando o confinamento dos territórios na sociedade capitalista contemporânea, eu me postei à escuta. Ouvir é o contrário de silenciar. Não sejamos ingênuos, contudo. Foucault já dizia, ainda mais sobre os dispositivos de sexualidade, que o poder também faz dizer, enunciar a si mesmo, obrigando sujeitos a fornecerem uma imagem susceptível ao controle. Aqui, no entanto, estamos agindo pela dilatação das subjetividades históricas na construção de direitos humanos no Brasil. Em busca de uma narrativa anônima, protagonizada por histórias de empoderamento em seu contexto local, sem as pretensões militantes das honras, cargos e redes sociais.

O projeto passou por muitas mudanças em seu percurso, como é esperado durante o processo de execução. A ideia inicial de contar as memórias pela linguagem audiovisual cedeu à escrita literária de reminiscências de cunho autobiográfico mediado pela minha intervenção na entrevista e organização da escrita. A arte, contudo, continuou servindo de meio para evitar a viagem pelos trilhos montados pela ciência, que consagra ao pesquisador o inescusável lugar de poder.

Se foi alcançada com êxito tal pretensão, não temos certeza. Ao menos, houve a ousadia em tentar. Durante a pesquisa, nos bastidores da entrevista que integra este trabalho, tive a oportunidade de gravar um *teaser* para divulgação da festa Kika, em que Nina se apresentou,

depois de muitos anos distante dos palcos transformistas. Caso haja uma situação em que os lugares de poder foram subvertidos, exemplifico pelo momento em que ela me montou transformista, gravou e dirigiu minha performance registrada em vídeo.

Nina Kelly, a protagonista que narra suas memórias neste livro, mostrou-se uma artista fenomenal, vasta em sua aptidão criativa. O registro de suas lembranças possibilitou navegar pelo passado que pode trazer elementos comuns a outras travestis paraibanas em seus fluxos de migração, trabalho, família, relações raciais, sexualidade, escolarização e nos contempla com a pérola da vivência trans na velhice.

O conceito de identidade de gênero enunciado pela interlocutora provoca reflexões sobre o não-lugar de mulher ocupado pelas travestis e transexuais femininas na luta por políticas públicas para o seu segmento. A emergência de uma “cara de mulher” e um “nome de homem”, a contradição localizada nos órgãos reprodutivos para corpos intersex, a divisão racial e sexual do trabalho imposta a essa população levantam um debate que atinge a problemática da cidadania.

As personagens construídas pela narrativa referem-se às pessoas guardadas na memória ou, de tão deslumbrantes, resultam de suas intenções no discurso? Isto e aquilo! É melhor acreditar na ambivalência do que perder-se no simulacro do verdadeiro. A lição de seus diálogos, gestos, corporalidades e temáticas grafa o estágio movediço em que o real se transfigura no fictício. Ao mergulharmos no oceano das reminiscências trans, enxergamos que o mundo que lutamos para ser verdadeiro está o tempo todo sendo acusado de falsidade, não restando outra atitude perante a vida a não ser estabelecer nossa utopia.

A incorporação do gênero acontece na máquina de costura, no cimento e no tijolo que edifica a casa própria. Mais que um domicílio, um reino de realização de suas fantasias, pagas pelo preço da solidão. Conectar-se às dores do Outro constitui a tarefa essencial dos direitos humanos, em suas dimensões práticas e teóricas. Os momentos de campo mais enriquecedores foram aqueles em que me senti sozinho, distante da família pelas cobranças do capital em acessar a pós-

graduação e pelo afastamento homofóbico, e fui até a residência de Nina para uma conversa.

Cientes de nossas diferenças, nós redescobríamos na dissidência sexual/de gênero um lugar comum. Este local, cheio de abjeção e desumanidade, que tentei materializar nas palavras que compõem o discurso desta obra. O método das memórias autobiográficas institui na área interdisciplinar dos direitos humanos um corte contrário à tendência universalizante do humanismo que, na modernidade eurocêntrica assassina, ainda fundamenta os direitos auto-evidentes.

As singularidades históricas das vivências pessoais têm o poder de transformar o não-lugar social em habitação resistente, selada pela identidade das lembranças. Eis que brota a sensação de que sempre estivemos por aqui, que a ausência total de direito legislado em matéria de diversidade sexual e de gênero em nível federal não sedimenta um povo vencido, mas demarca um terreno a ser ocupado pelo vigor cultural que nos confere a unidade necessária a esse movimento. Viva a arte transformista! Viva os muitos carnavais de Nina Kelly!

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, D. M. de. **Nordestino**: uma invenção do falo. Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Catavento, 2003.

ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de; JANNELLI, Maurizio. **A princesa**: a história do travesti brasileiro na Europa escrita por um dos líderes da Brigada Vermelha. Tradução de Elisa Byington. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

ARAÚJO, Maria Clara. **Afrotransfeminismo**: travestilizando o movimento negro e racializando o feminismo. Usina de Valores. Disponível em: <<http://usinadevalores.org.br/afrotransfeminismo-travestilizando-o-movimento-negro-e-o-transfeminismo/>> Acesso em: 08 jul 2017.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidades: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.) **Afrocentricidade**: uma abordagem metodológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BAPTISTA, J.; BOITA, T. Memória e esquecimento LGBT nos museus, patrimônios e espaços de memória no Brasil. **Revista do centro de pesquisa e formação SESC SP**, São Paulo: SESC SP, nº 5, setembro, pp.108-119, 2017.

BRASIL. Secretaria Especial de Direitos Humanos. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil**: ano de 2012 / Secretaria de Direitos Humanos; Priscila Pinto Calaf, Gustavo Carvalho Bernardes e Gabriel dos Santos Rocha (organizadores). Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2013.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BENTO; NUNES; SILVA. Corpos marcados: a intersexualidade como (des) encaixes de gênero. **Cronos**: Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFRN, Natal, v. 12, n.2, p. 128-142, jul./dez. 2011.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Tradução de Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BORTOLOZZI, Remon Matheus. A arte transformista brasileira: rotas para uma genealogia decolonial. **Quaderns de Psicologia**, vol. 17, n. 3, p. 123-134, 2015. DOI: <<https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1274>>.

BOSI, Eclea. **Lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado**. Traduções de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CANDIDO; ROSENFELD; PRADO; GOMES. **A personagem de ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

CARNEIRO, Suely. Gênero, raça e ascensão social. **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 3, n. 02, pp. 544-552, 1995. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/05/>

[G%C3%AAnero-ra%C3%A7a-e-ascen%C3%A7%C3%A3o-social.pdf>](#)

Acesso em: 08 jul 2018.

CISNE; SANTOS. **Feminismo, diversidade sexual e serviço social**. São Paulo: Cortez, 2018.

COACCI, Thiago. **Encontrando o transfeminismo brasileiro**: um mapeamento preliminar de uma corrente em ascensão. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Thiago_Coacci/publication/283498905_Encontrando_o_transfeminismo_brasileiro_um_mapeamento_preliminar_de_uma_corrente_em_ascensao/links/563b4fe808aeed0531de7958/Encontrando-o-transfeminismo-brasileiro-um-mapeamento-preliminar-de-uma-corrente-em-ascensao.pdf>. Acesso em: 08 jul 2018.

CORBIN; COURTINE; VIGARELLO (Org.) **História da virilidade**: volume 1. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes 2013.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2005.

DORNELLES, J. R. W. Direitos humanos em tempos sombrios: barbárie, autoritarismo e fascismo do século XXI. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru: UNESP, v. 5, n. 2, p. 153-168, jul./dez., 2017.

DOUZINAS, Costas. **O fim dos direitos humanos**. Tradução de Luzia Araújo. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DISTANTE, Carmelo. Memória e identidade. **Revista Tempo Brasileiro**, v. 1, n. 1, Rio de Janeiro, 1988, p. 77-86.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FRASER; LIMA. Intersexualidade e direito à identidade: uma discussão sobre assentamento civil de crianças intersexuadas. **Journal of Human Growth and Development**, 2012; 22(3): pp. 358-366. DOI: <<https://doi.org/10.7322/jhgd.46703>>.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 29ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1994.

FREUD. Lembranças Encobridoras. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GOMES, José Cleudo. **Direitos humanos, educação e cidadania LGBT**: uma análise das ações do programa Brasil sem Homofobia em João Pessoa-PB. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Rio de Janeiro, Anpocs, p. 223-244, 1984.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Raça, cor e outros conceitos analíticos. In: SANSONE; PINHO (Org.) **Raça**: novas perspectivas antropológicas. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Editora Vozes: Petrópolis, 2001.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**: Revista de Sociologia da USP, vol. 26, n. 1, São Paulo, pp. 61-73, 2014.

HOCQUENGHEM, Guy. **El deseo homosexual**. Prólogo de René Schérer. Espanha: Mulusina, 2009.

ITABORAÍ, Nathalie Reis. A família colonial e a construção do Brasil: Vida doméstica e identidade nacional em Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Nestor Duarte. **Revista Antropológicas**, Recife: Editora da UFPE, ano 9, volume 16, pp. 171-196, 2005.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Feminismo e identidade de gênero**: elementos para construção de uma teoria transfeminista. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373329021_ARQUIVO_FEMINISMOEIDENTIDADEDEGENEROPDF.pdf>.

KHÈDE, Sônia Salomão. Memorialismo e identidade. **O eixo e a roda**: memorialismo e autobiografia. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, p.181-195.

KILOMBA, Grada. "The mask". In: **Plantation Memories**: Episodes of Everyday Racism. Tradução de Jéssica Oliveira de Jesus. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010.

LAURETIS, Teresa. **A tecnologia do gênero**. Publicação original em 1987. Disponível em: <http://marcoareliosc.com.br/cineantropo/lauretis.pdf>. Acesso em: 17 ago 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LIMA, Luiz Costa. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

LIMA, Luiz Costa. **Frestas**: a teorização de um país periférico. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2013.

LOPES JUNIOR, Francisco Caetano. Memória, antropofagia e carnaval. **O eixo e a roda**: memorialismo e autobiografia. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, p.181-195.

MASAMA, Ama. Afrocentricidade como novo paradigma. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.) **Afrocentricidade**: uma abordagem metodológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Tradução de Renata Santini, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, n. 32, dezembro, pp. 122-151, 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MÈLICH, Joan-Carles. A memória de Auschwitz. In: CARVALHO, Adalberto Dias de (Org.). **A educação e os limites dos direitos humanos**: ensaios de filosofia da educação. Porto: Editora Porto, 2000.

MENDONÇA, Wilma. **Memórias de nós**: o Brasil no redemoinho do capital. Porto Alegre: Karioka Multimedia Produções Ltda., 2014.

MISKOLSI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. **Revista Concinnitas**, ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016.

MOMBAÇA, Jota. **Sob Butler**: cruzando a distopia brasileira. Tradução de Natália Affonso. Disponível em: <<https://monstruosas.milharal.org/tag/jota-mombaca/>> Acesso em: 22 fev 2018.

MOTT; MICHELS; PAULINHO. Grupo Gay da Bahia – GGB. **Mortes violentas de LGBT no Brasil**. Relatório 2017. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Prefácio de Florestan Fernandes; prefácio à edição nigeriana de Wole Soyinka. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo: Annablume-Fapesp, 2009.

PEREIRA, P. P. G. Queer nos trópicos. **Revista Contemporânea**. v. 2, n. 2 p. 371-394. Jul.–Dez. 2012.

PERRA, Hija. Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma. **Revista Periodicus**. Abril 2015. Disponível em: www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/index. Acesso em: 20 out 2016.

PINTO, Cândida Martins. Gênero entrevista: conceito e aplicação no ensino de português para estrangeiros. **Revista da ABRALIN**, vol. 6., n. 1, p. 183-203, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

PRECIADO, Paul. **Manifesto contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

QUEIROZ, Jandira. **29 de janeiro: um dia nacional de luta pela dignidade da pessoa trans**. Disponível em: <<https://anistia.org.br/29-de-janeiro-um-dia-nacional-de-luta-pela-dignidade-para-pessoas-trans/>> Acesso em: 14 jun 2017.

RABAKA, Reiland. Teoria crítica africana. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.) **Afrocentricidade: uma abordagem metodológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

REY, Fernando González. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RODINO, Ana Maria et. Alii. **Cultura e Educação em direitos humanos na América Latina**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.

SILVA, Maria Joseli. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. SILVA, Joseli Maria (Org.) **Geografias**

subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009.

SILVA, Helio. **Travesti:** a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ISER, 1993.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. A fascistização da sociedade brasileira. In: XXII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 17, 2016, Guarabira, PB. **Anais...** Guarabira: ANPUH-PB, 2016.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão.** São Paulo: Editora Ática, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados:** moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem:** problemas e técnicas na produção oral e escrita. Tradução de Clarisse Madureira Saboia. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

VILELA, Eugênia. Os arquivos da dor. In: CARVALHO, Adalberto Dias de (Org.). **A educação e os limites dos direitos humanos:** ensaios de filosofia da educação. Porto: Editora Porto, 2000.

TIBURI, Márcia. A máquina misógina e o fator Dilma Rouseff na política brasileira. In: (RUBIM; ARGOLO (Org.) **O golpe na perspectiva de gênero.** Salvador: Edufba, 2018.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso:** a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2000.

NOTAS DE FIM

- 1 O poema, “A noite não adormece nos olhos das Mulheres”, de autoria de Conceição Evaristo, foi publicado nos Cadernos negros, v. 19, em 17/06/2018.
- 2 “Até aqui em João Pessoa, no jornal botaram: “primeiro travesti de João Pessoa” (KELLY apud FERRO, 2018, p. 21).
- 3 Ver, a esse respeito, o *Dicionário de mitologia grega e romana*, de Mário da Gama Kury, em sua sexta edição, publicado pela editora Jorge Zahar.
- 4 DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes: emoção razão e cérebro humano*. Trad. Dora Vicente, Georgina Segurado. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- 5 “Por sua posição discursiva, a autobiografia sofre de uma permanente instabilidade e tende ora a se inclinar para o discurso histórico, ora para o discurso ficcional” (LIMA, 1986, p. 306).



Este livro foi diagramado
pela Editora UFPB em 2020,
utilizando a fonte Montserrat.

